



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Psicologia

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

**O cuidarCOM e a Psicologia Analítica do Esporte em tempos
pandêmicos**

Rio de Janeiro
2022

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

O cuidarCOM e a Psicologia Analítica do Esporte em tempos pandêmicos



quisito parcial
e Doutor, ao
em Psicologia
tado do Rio de
pesquisa:
ocessos de

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SÍRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P618 Pieri, Rodrigo de Vasconcellos.
O cuidarCOM e a Psicologia Analítica do Esporte em tempos
pandêmicos/ Rodrigo de Vasconcellos Pieri. – 2022.
188 f.

Orientador: Alexandra Cleopatre Tsallis.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Covid-19 – Teses. 3. Psicologia do
esporte – Teses. I. Tsallis, Alexandra Cleopatre. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou
parcial desta tese.

Assinatura

Data

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

O cuidarCOM e a Psicologia Analítica do Esporte em tempos pandêmicos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Contemporaneidade e processos de subjetivação.

Aprovada em 28 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis (Orientadora)
Instituto de Psicologia – UERJ

Prof. Dr. Alberto José Filgueiras Gonçalves
Instituto de Psicologia – UERJ

Prof. Dra. Laura Quadros
Instituto de Psicologia – UERJ

Prof. Dr. Raphael Zaremba
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Daniele Mariano Seda
Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Ao meu amado avô José, com o seu cuidar
cheguei até aqui. Saudades!

AGRADECIMENTOS

À Bela, por seu cuidar incondicional.

À minha querida orientadora Alexandra, sem dúvida foram quatro anos de muita aprendizagem.

À minha amada mãe Verinha, sem você nada teria acontecido.

Ao meu pai Otávio, o seu apreciar as relações e os afetos me orientam na prática do cuidar.

Ao meu irmão-amigo e amigo-irmão Zedu, afinal, para cuidarCOM é fundamental vivenciar o arquétipo fraterno.

Aos meus irmãos Joana, Pedro e Clara Pieri, que gostam de cuidar e serem cuidados.

Aos meus avôs Vera e José, por me ensinarem a importância do cuidar.

Aos queridíssimos Fernando e Tereza, com quem aprendi que o cuidar é, também, algo que se constrói.

Ao meu afilhado Theo, que me proporciona cuidar como meu padrinho cuidou de mim.

Ao Paul, cuidador fiel em tempos tão difíceis.

Aos eternos Eduardo Rosenthal, Jorge Braga, Mãe Tete, Marcelo Lopes e Lili, saudades e gratidão. Que possam cuidar de nós.

Aos professores e amigos Alberto Filgueiras, Laura Quadros, Raphael Zaremba e Daniele Seda, fundamentais em meu processo de formação.

Ao querido Alexandre Domingues, incentivador deste diálogo da Psicologia Analítica com a Psicologia do Esporte.

Aos bons amigos que fiz enquanto aluno do PPGPS, destaco toda família do Laboratório afeTAR. Segundo minha esposa, me tornei “um cara ainda melhor ao conviver com vocês”.

Às famílias que sofreram com essa dura pandemia que nos atravessou e tanto estrago fez.

Aos atletas por tanta troca dialética.

A Hanna, Gian, Poliana, Amanda, Bruno Henrique, Sabrina, Edna e Fabio por permitirem este trabalho existir.

O meu muito obrigado a todos os familiares, amigos e amantes da Psicologia esportiva, em especial à Associação Brasileira de Psicologia do Esporte e à Associação de Psicologia do Esporte do Rio de Janeiro.

Ou você é o que querem que você seja,
Ou você é o que você quer ser.

Maurício Baía

RESUMO

PIERI, R. V. *O cuidarCOM e a Psicologia Analítica do Esporte em tempos pandêmicos*. 2022. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A tese tem como tema central o cuidar presente na Psicologia do Esporte e como marco temporal o período dos anos iniciais da pandemia global da COVID-19 (2020 – 2021). O foco é a saúde mental daqueles que vivem diferentes modalidades de práticas esportivas. A tese analisa outras pesquisas que demarcam o aumento de casos de estresse, ansiedade e depressão em atletas, causado pela exigência de distanciamento social, que significou cancelamento de treinos e competições, alteração nos calendários desportivos e, conseqüentemente, impactos direto na saúde mental de muitas/os atletas. O diferencial desta tese está em ter a Psicologia Analítica, proposta por Carl Gustav Jung, como referencial teórico para pensar o cuidarCOM na Psicologia do Esporte. Este cuidarCOM parte da construção horizontal entre psicóloga/o e atleta. A tese apresenta três situações clínicas (*jiu-jitsu*, futebol e vôlei de praia), descreve as sessões, os encontros terapêuticos e as sínteses reflexivas que serviram de suporte empírico para as análises. A discussão dos resultados destaca que o cuidarCOM é possível a partir de uma Psicologia Analítica do Esporte que, apoiada na perspectiva analítica de Jung, pode ressignificar a existência pessoal e profissional de atletas em diversos contextos esportivos.

Palavras-chave: CuidarCOM. Psicologia Analítica do Esporte. COVID-19. Atleta. Psicologia do Esporte. Psicologia Analítica.

ABSTRACT

PIERI, R. V. *To careWITH and Analytical Sport Psychology in pandemic times*. 2022. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This thesis has as its central theme care in Sport Psychology and the period of the two first COVID-19 global pandemic years (2020 – 2021) as its time frame. The focus is the mental health of those who live different modalities of sports practices. Other studies that demarcate the increase in cases of stress, anxiety and depression in athletes, caused by the requirement of social distance, which meant cancellation of training and competitions, changes in sports calendars and, consequently, direct impacts on the mental health of many were analyzed. The originality of this thesis lies in having Analytical Psychology as a theoretical framework, which proposes that to care, in Sport Psychology, is to careWITH. To careWITH has the person/athlete as its focus, but understands that in the process the therapist's shadow must also be taken into account. The thesis presents three Clinical Situations (jiu-jitsu, soccer and beach volleyball), describing the sessions, the therapeutic encounters and the reflective syntheses that served as empirical support for the analyses. The discussion of the results highlights that to careWITH is possible from an Analytical Sport Psychology which, supported by Jung's analytical perspective, can care for and re-signify the personal and professional existence of young athletes.

Keywords: To CareWITH. Analytical Sport Psychology. COVID-19 Athlete. Sport Psychology. Analytical Psychology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPESP	Associação Brasileira de Psicologia do Esporte
ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
ASSOPERJ	Associação de Psicologia do Esporte do Rio de Janeiro
BOPE	Batalhão de Operações de Policiais Especiais
CEFAN	Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes
CFP	Conselho Federal de Psicologia
COI	Comitê Olímpico Internacional
COVID-19	<i>Corona Virus Disease (2019)</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECBVO	Estação Conhecimento Brasil Vale Ouro
IBMR	Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação
LPO	Levantamento de Peso Olímpico
OMS	Organização Mundial da Saúde
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Sars-COV-2	Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave
SPA	Serviço de Psicologia Aplicada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISUAM	Centro Universitário Augusto Motta
USU	Universidade Santa Úrsula

Sumário

	INTRODUÇÃO	13
1	TRILHAS PERCORRIDAS NA FORMAÇÃO	24
1.1	Categoria de base – A graduação e os estágios em Psicologia	25
1.2	Profissionalização – Tornar-se psicólogo do esporte	29
1.2.1	Primeiro tempo – A Psicologia do Esporte enquanto clínica	29
1.2.2	Segundo tempo – A Psicologia do Esporte enquanto educação e pesquisa.....	32
2	A PSICOLOGIA DO ESPORTE E O CUIDAR(COM) ATLETA	36
2.1	Primeiro set – A história da Psicologia do Esporte	37
2.2	Segundo set – Dimensões sociais do esporte e o papel da Psicologia do Esporte ..	44
2.3	Terceiro set – Abordagens da Psicologia e possíveis diálogos presentes na Psicologia do Esporte	47
2.4	Quarto set – CuidarCOM, Psicologia do Esporte e pandemia	49
3	A PSICOLOGIA ANALÍTICA DO ESPORTE É ESCALADA	57
3.1	Primeira bateria – Entre tantas, a Psicologia Analítica	57
3.2	Segunda bateria – Psicologia do Esporte e Psicologia Analítica	59
3.3	Terceira bateria – O cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte e suas pistas ..	66
4	METODOLOGIA	75
4.1	Ambientação	75
4.2	Pré-temporada	76
4.3	Para além dos espaços esportivos	79
5	SITUAÇÕES CLÍNICAS	83
5.1	Atleta Hannah	83
5.1.1	Metodologia de escrita	83
5.1.2	Breves curiosidades sobre a modalidade	83
5.1.3	Narrativa.....	85
5.1.3.1	Primeiro momento – Adolescência	85
5.1.3.2	Segundo momento – A retomada.....	87
5.1.3.3	Terceiro momento – Entrando na vida adulta (e na pandemia).....	97
5.1.4	Análise técnica.....	99
5.1.5	Discutindo o caso.....	101
5.2	Atleta Gian	102
5.2.1	Metodologia de escrita	103
5.2.2	Breves curiosidades sobre a modalidade	103

5.2.3	Narrativa.....	105
5.2.3.1	Janeiro de 2020.....	105
5.2.3.2	Fevereiro de 2020	107
5.2.3.3	Março de 2020.....	110
5.2.3.4	Abril de 2020.....	114
5.2.3.5	Maio de 2020.....	117
5.2.3.6	Junho de 2020.....	119
5.2.3.7	Julho de 2020.....	122
5.2.3.8	Agosto de 2020.....	124
5.2.3.9	Setembro de 2020	126
5.2.3.10	Outubro de 2020	128
5.2.3.11	Novembro de 2020.....	131
5.2.3.12	Dezembro de 2020	133
5.2.4	Parte I.....	135
5.2.4.1	Análise técnica.....	135
5.2.4.2	Discutindo o caso.....	137
5.2.5	Parte II.....	138
5.2.5.1	Análise técnica.....	138
5.2.5.2	Discutindo o caso.....	139
5.3	Atletas Poliana e Amanda	140
5.3.1	Metodologia de escrita	140
5.3.2	Breves curiosidades sobre a modalidade	141
5.3.3	Narrativa.....	142
5.3.4	Análise técnica.....	153
5.3.5	Discussão tática	155
	APITO FINAL	158
	REFERÊNCIAS	165
	..ANEXO A – Ano de publicação, país, instituição e área de conhecimento dos TCCs que citaram o livro O Atleta e o Mito do Herói (PIERI; TSALLIS, 2021, p.103-104).....	176
	..ANEXO B – Título, autoria, área de conhecimento, instituição de ensino, ano e país das teses encontradas que citaram o livro O Atleta e o Mito do Herói (PIERI; TSALLIS, 2021, p. 108-111).....	177
	ANEXO C – Tipos de Modalidades Esportivas (TUBINO, 2006).....	179
	ANEXO D – Bia Ferreira – Não Precisa Ser Amélia.....	180
	ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	181

ANEXO F – Parecer consubstanciado do CEP	183
---	------------

INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objetivo pensar a prática do cuidar na Psicologia do Esporte. A referência teórica norteadora é a Psicologia Analítica e o corte histórico central são os dois anos iniciais da pandemia da COVID-19. A apresentação, análise e discussão de diferentes situações clínicas são utilizadas com intuito de sistematizar o que aqui é chamado de cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte.

Um cuidar, como apresentado ao longo da tese, influenciado pela Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875 – 1961) e pelo método de pesquisa proposto por Moraes (2010). O campo investigado é a Psicologia do Esporte e, para tal, parte da relação dialética presente no encontro entre psicóloga¹ e atleta e propõe como base sustentadora o processo de individuação das pessoas envolvidas no processo. Sendo assim, uma “psicologia cujas intervenções estivessem no espaço do ‘e’, isto é, (...) que se produzisse a partir da interseção, levando em conta o referencial do outro” (MORAES, 2010, p. 28). A presente tese, então, utiliza da Psicologia do Esporte para tecer um diálogo entre a metodologia de pesquisa proposta pela autora e a dialética clínica presente nas publicações do fundador da Psicologia Analítica.

O período de produção da tese foi concomitante à pandemia causada pelo Sars-COV-2, chamado de COVID-19 – também conhecido como o novo coronavírus, causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave. Ingressei no doutorado em 2018, e este foi realizado no Laboratório afeTAR, que pertence ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a partir da linha de pesquisa “Contemporaneidade e Processos de Subjetivação”. O afeTAR é coordenado pela Profa. Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis, minha orientadora.

¹ Seguindo a orientação do site do Conselho Federal de Psicologia, a tese usará o termo no feminino, visto que no Brasil aproximadamente 84% das profissionais se reconhecem como mulheres. O termo só será usado no masculino quando estiver se referindo diretamente ao autor da tese, que se identifica como homem.

Na época ninguém imaginava a mudança por que o mundo seria obrigado a passar dentro de pouco tempo. O ano de 2020 marcou o planeta graças a essa pandemia. As condições econômicas, sociais e de saúde pública foram afetadas em escala mundial e o que se viu foi um estrondoso aumento das desigualdades sociais (TANCETTI; ESTEVES, 2020).

Clamou-se pelo cuidado generalizado. Higiene, prevenção, afastamento social, atenção especializada em saúde e muito mais. O artigo intitulado “O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo”, das psicólogas analíticas Tancetti e Esteves (2020, p. 50), diz:

Desde o início da pandemia, nesse ínterim, houve aumento na busca por trabalhos terapêuticos, pela opinião dos psicólogos e pela realização de pesquisas sobre os efeitos na saúde mental em decorrência da crise econômica, da precarização dos trabalhos essenciais e dos lutos literais e simbólicos, apontando o trabalho clínico e a pesquisa acadêmica como ferramentas essenciais para a compreensão e o registro, em escala coletiva, de nossas diferentes realidades sociais e uma possibilidade de conscientização e apropriação - ou, até, redirecionamento - das mudanças em curso.

Ao elencar como tema central o cuidar na Psicologia do Esporte no período pandêmico, há claramente uma tentativa de contribuir com as discussões que buscam entender os impactos desta nova era na vida de atletas. Assim, o foco é a saúde mental daquelas/es que praticam diferentes modalidades esportivas. Antes, porém, peço licença para contar um pouco do meu próprio percurso profissional e os atravessamentos oriundos da pandemia, que afetou tanto o meu fazer quanto daquelas/es com quem trabalho.

Essa metodologia de escrita é mais uma marca da Psicologia Analítica. Para Jung (2013, p. 19), “na relação médico-paciente, há, no fundo, dois sistemas psíquicos que se inter-relacionam”. Ou seja, para contar as situações clínicas presentes na tese, se faz importante trazer o meu caminhar, afinal, os encontros narrados partiram da dialética junguiana enquanto pressuposto. Pode-se afirmar, inclusive, que a pandemia transformou, de forma definitiva, a produção desta tese.

Desenvolver uma tese de doutorado já é uma tarefa que exige muito de qualquer pessoa. Ser atravessado pela pandemia da COVID-19 durante o seu

percurso tirou do eixo muitos estudantes, e comigo não foi diferente. Logo quando passei no exame de seleção do doutorado, foi-me informado que o percurso não seria fácil e que teria que separar uma carga horária de 15h por semana, considerada compatível com a tarefa de pesquisar. À época, eu dava aula em duas universidades privadas da cidade do Rio de Janeiro, havia ingressado numa parceria voluntária com uma universidade pública da mesma cidade, ocupava o cargo de Vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte do Brasil (ABRAPESP)² e ainda atendia em consultório particular três vezes por semana. Minha renda vinha de algumas dessas atividades e por isso não pude concorrer à bolsa de estudos para a pesquisa de doutorado.

As decisões iniciais não foram fáceis: não pleitear a bolsa de estudos da universidade, reduzir o número de aulas em uma das universidades e pedir licença sem vencimento na outra, além de diminuir em dois dias os atendimentos no consultório. Ainda assim, uma bolsa de pesquisa daria uma renda menor. Dessa forma, as referidas reduções foram feitas para que eu conseguisse cumprir os pré-requisitos definidos pelo Programa de Pós-Graduação.

Um verdadeiro malabarismo pragmático se fez necessário para conciliar minhas tarefas e meus horários de trabalho. Além disso, tive que vivenciar o luto de duas pessoas importantes. Do meu terapeuta de duas décadas, Eduardo Rosenthal, e do meu avô materno, José Alves de Vasconcellos. No ano seguinte, mais um luto, o do meu eterno supervisor, incentivador e professor de Psicologia Analítica, Jorge Braga. A eles dedico esta tese.

Desde então, muitos outros lutos foram vivenciados, afinal, a pandemia foi avassaladora para todo mundo. O que posso dizer de meu avô, do meu terapeuta e do meu supervisor é que os três eram amantes da vida e conhecedores da morte que se mostrava iminente, além de leitores de Carl Gustav Jung.

Foi nos meses intermediários do primeiro semestre de 2022 que o Laboratório afeTAR retornou às suas atividades presenciais; ou melhor, híbridas. Afinal, será

² No atual biênio (2022 – 2023), fui eleito presidente.

que ainda existirá vida 100% presencial após a pandemia provocada pela COVID-19?

Logo em um dos primeiros momentos de retorno na sala do Laboratório, fui surpreendido com a folha de rosto, para pesquisa envolvendo seres humanos, emitida pela Plataforma Brasil do Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Ela estava ali, preservada dentro de uma folha de plástico, assinada e carimbada pelo Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ). Documento de duas datas, a primeira de declaração do cumprimento da Resolução CNS 466/12 e suas complementaridades, assinada por mim no dia 14/02/2020, a segunda de autorização com a data de 15/02/2020, assinada pelo diretor. Nenhum de nós dois poderíamos imaginar o que se daria a partir de, aproximadamente, um mês após aquele diálogo de assinaturas. Assim como seria inimaginável pensar que eu encontraria aquela folha de rosto, ali em cima da mesa, como se estivesse me esperando, dois anos depois.

Creio que naquele momento só o papel estava preservado, todo restante havia sido transformado pela COVID-19. Inclusive o projeto de pesquisa, seu autor, o endereço de residência do pesquisador, os objetivos da pesquisa e muito mais. Fico me perguntando o que se passou com o, na época, Diretor do IP/UERJ. Quem sabe em um outro momento eu não possa descobrir e contar. Por enquanto gostaria de pensar em possíveis impactos provocados pela pandemia na vida de atletas, na própria concepção de esporte, na Psicologia do Esporte e no cuidar.

Antes da pandemia, e isso está registrado no trabalho entregue à banca de qualificação, que ocorreu no distante ano de 2020, o objetivo primário da pesquisa seria propor uma metodologia de atuação que tecesse redes entre a Psicologia do Esporte e a Psicologia Clínica. Após o período da pandemia e do trabalho de campo, propriamente feito, é refletir sobre os impactos da pandemia causada pela COVID-19 na vida de atletas a partir da Psicologia Analítica do Esporte.

Por sua vez, os objetivos secundários teciam sobre: (i) as/os atletas que procuram o consultório de Psicologia, (ii) a articulação que existe entre falas,

imagens, sons e quaisquer outros tipos de linguagem presentes nos encontros atletas/psicóloga/o e (iii) produzir pistas que possam contribuir com a instrumentalização da Psicologia Esporte dialogando com a Psicologia Clínica. Dois anos depois da qualificação, os objetivos secundários também foram refeitos: (i) acompanhar os impactos da pandemia na vida de atletas a partir de situações clínicas e (ii) aprofundar, a partir da Psicologia Analítica do Esporte, a discussão acerca da/o atleta como pessoa.

A base teórica que sustenta as análises das situações clínicas apresentadas na presente tese tem como autor principal o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, mas não ficará apenas nele. Pertencer ao Laboratório afeTAR me trouxe conhecimentos teóricos que também foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que aqui se apresenta em formato de tese. Não há como negar que o cuidarCOM, além de partir da proposta de clinicar da Psicologia Analítica, dialoga e muito com o pesquisarCOM de Marcia Moraes, muito presente no Laboratório afeTAR. Moraes (2010) propõe um pesquisarCOM onde as práticas de pesquisas não são neutras, mas sim produzem realidades. Tanto em quem está pesquisando quanto em quem está no suposto lugar de objeto de pesquisa. Diz a autora:

A expressão “PesquisarCOM” tem a dimensão de um verbo mais do que de um substantivo. (...), se fazendo, na prática cotidiana daquelas pessoas que o vivenciam. O pesquisar com o outro implica uma concepção de pesquisa que é engajada, situada. Pesquisar é engajar-se no jogo da política ontológica (MORAES, 2010, p. 42).

A questão que passou a me invadir a partir do momento em que virei orientando da Profa. Dra. Alexandra Tsallis³ perpassa pelo tema e pela metodologia da pesquisa. Em uma carta direcionada aos colegas pesquisadores e com o objetivo de pensar políticas, Tsallis (2013) destaca, como escolha teórico-metodológica, a coragem que há no compartilhar o cotidiano testemunhado como pesquisadora. Contar o percurso que me trouxe até aqui, expor os casos clínicos e todos os seus atravessamentos também exige esta coragem de partilha. A própria Profa. Dra. Alexandra Tsallis nos dá pistas de como fazê-lo. Diz ela:

³ Neste parágrafo, a Profa. Dra. Alexandra Tsallis tem seu nome apresentado de duas formas diferentes. Uma se dá por ter tido uma publicação citada, então me refiro à obra da autora. A outra surge quando me refiro à pessoa e não à obra. Esta lógica é percebida em toda a tese.

Minha aposta, um tanto ingênua, para lidar com isso é confiar mais nas perguntas do que nas respostas; é fiar, lentamente, uma conta por vez, recusando as generalizações; é buscar um vocabulário e uma maneira de fazer com que o texto seja capaz de transbordar o vivido.” (Tsallis, 2013, p. 124).

Sua inquietação referente à escrita acadêmica não se encerrou naquela carta. Três anos depois, junto com a professora da UFF Márcia Moraes, ambas destacam que “escrever é parte inequívoca da vida de pesquisadores. Não temos dúvida de que a ação de escrever, no cenário da pesquisa, não é tarefa simples.” (MORAES; TSALLIS, 2016, p. 40). Cá estou eu, me propondo a essa tarefa que não é simples.

Além disso, as disciplinas cursadas ao longo destes quatro anos contribuíram e muito neste processo. Lembro das aulas do Prof. Dr. Ronald Arendt, sempre nos convocando a deixar que os objetos façam as suas perguntas. Antes da Qualificação de Doutorado, foram duas as disciplinas que tive com o Professor Ronald, ambas na UERJ.

A primeira foi oferecida junto com a Profa. Dra. Laura Quadros, que nos apresentou a Teoria Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour (1947 – 2022), como pesquisa. A segunda, o professor ministrou junto com o professor Prof. Dr. Arthur Leal, da UFRJ. Desta vez trazia o diálogo da TAR com o Pragmatismo de William James (1842 – 1910).

Na perspectiva de pesquisar a partir da TAR, aprendi, na disciplina com a Profa. Dra. Laura Quadros e o Prof. Dr. Ronald Arendt, que é fundamental atentar às possíveis tensões e arranjos, bem como entender as heranças presentes no labor. Nessa direção, pesquisar as práticas de cuidado da Psicologia do Esporte exige que façamos um giro metodológico. Ao invés de buscar como cuidar DE, nos interrogamos como se constrói o cuidarCOM.

Não encontrei publicação que faça este giro metodológico na Psicologia do Esporte, muito menos que o faça a partir do referencial teórico da Psicologia Analítica, propondo assim um cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte. O que aponta para a relevância e o ineditismo da presente tese.

Justamente por isso, a presente tese traz o diálogo da Psicologia Analítica com vários outros campos do saber, sejam eles da Psicologia do Esporte ou não. O intuito é sempre o mesmo: pensar o cuidar na Psicologia do Esporte, principalmente o cuidar COM a pessoa/atleta, como será apresentado em capítulos futuros.

A construção da tese me fez lembrar que, quando nasci, meu pai estava finalizando seu doutorado e minha mãe em meio ao dela. O tema de pesquisa de minha mãe era o desenvolvimento de bebês em creche (*Social Interaction in a Creche*) e por isso ela fez a pesquisa empírica na creche que eu frequentava. Só assim pôde cuidar da tese e do filho ao mesmo tempo. Ou seja, o cuidado esteve presente desde o início da minha vida. Mas, calma, não falarei dessa etapa.

Recorri a ela só mesmo para frisar como a vida acadêmica e o ato de cuidar me compõem desde sempre. Ainda mais porque ambos, meu pai e minha mãe, navegavam pela Psicologia. Meu pai pela biologia e minha mãe pelo desenvolvimento infantil. Assim, a Psicologia, que esteve sempre presente em minha vida, ganha sentido próprio na Psicologia do Esporte. O que não é tão só meu assim, visto que sou neto de goleiro.

Neto de goleiro profissional e telespectador assíduo dos Jogos Olímpicos, Paralímpicos, Pan-americanos e campeonatos mundiais das mais diferentes modalidades esportivas. Fui integrante da equipe colegial de *handball* durante toda a adolescência. E por toda a vida, até o início da pandemia (março de 2020), passei pela natação, pelo remo, pelo futebol e pela corrida. Além do vôlei de praia, sempre de forma amadora.

Em onze de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia da COVID-19 e, “como parte dessa política de proteção, centros esportivos e de lazer, academias, clubes e parques públicos foram fechados ou restringiram seu funcionamento.” (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020, p. 2). Desta forma, minha rotina de atividade desportiva, à época o vôlei de praia, foi interrompida.

O vôlei, antes mesmo de praticá-lo, foi fundamental na minha decisão de buscar a Psicologia no vestibular. Foi justamente assistindo a um jogo da seleção brasileira feminina de quadra, há 22 anos, que comecei a cogitar a hipótese. Era uma partida entre Brasil e Cuba, uma rivalidade que acompanhei e torci durante toda minha adolescência. O jogo, que era uma final de competição, estava empatado. Cada equipe havia ganho dois *sets* e o *tie break* já havia passado e muito dos 15 pontos. No *tie break* vence quem chegar a 15 pontos primeiro mantendo uma diferença de dois pontos para equipe adversária. Só que nenhuma das duas equipes conseguia a vantagem de dois pontos que daria a vitória e, conseqüentemente, o título.

Confesso não lembrar como terminou aquela partida, apesar de saber que é fácil descobrir, basta procurar na internet. Só que gosto da memória que traz a vitória brasileira e tenho medo de me decepcionar. O que nunca me esqueço é de me indagar como aquelas jogadoras conseguiam manter a concentração por tanto tempo. Como elas se preparavam para tal? No ano de 2001 ingressei no curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Desde cedo percebi que eram escassas as possibilidades de um diálogo no mundo universitário entre a Psicologia e o Esporte. Velejei, então, por outros mares da Psicologia. Foi quando conheci a Psicologia Analítica e o cuidar na saúde mental. De certa forma, creio que todo esse processo me trouxe até a presente tese. Por este motivo faz sentido apresentar seus capítulos e subitens com termos comuns aos esportes com que mais lido, ou lidei, tanto como praticante quanto como telespectador e psicólogo. Independentemente se eu estiver escrevendo sobre Psicologia do Esporte ou não, visto que o esporte sempre me acompanhou.

É uma singela homenagem e um agradecimento. Assim, optei por utilizar, principalmente, os momentos de pausas de diferentes modalidades. Em cada *set*, *round*, *tempo* e *bateria*, por exemplo, há uma oportunidade para repensar a escalada e sua trilha. Talvez a pandemia tenha feito o mesmo com aqueles que vivem do esporte e sobreviveram neste triste momento.

A tese está dividida em seis capítulos, além desta introdução, das referências bibliográficas e dos anexos. A hipótese inicial é que a Psicologia do Esporte não se limita à performance, mas sim se estende ao cuidado às/aos atletas não só como produtoras/es de resultados. Para isso, discute o cuidarCOM dialogando com a Psicologia Analítica e, por ter sido atravessada pela pandemia da COVID-19 durante o seu percurso, o corte temporal pesquisado foi o biênio 2020 e 2021.

O primeiro capítulo, **Caminhos Percorridos na Formação**, apresenta o percurso trilhado por mim nos estágios e nas atividades profissionais que me levaram ao doutorado e, conseqüentemente, à produção da tese. Moraes e Tsallis (2016) disseram que a escrita na academia tem sido feita a partir do contar de histórias que apagam outras possibilidades de existência. Não há aqui a intenção de, ao apresentar o caminho percorrido na formação, afirmar que este é o único possível para pensar o cuidarCOM na Psicologia do Esporte. Assim como não há um modo único de escrever, o contar também pode ser diverso. Cada contar já é por si só “um evento único e totalmente irreduzível a qualquer outro, exceto se você o torna comensurável com outro através de algum tipo de padronização – mas mesmo isso requer um terceiro ator, um terceiro evento.” (Latour, 2006, p. 349). Ou seja, o que convoca o modo singular em cada história contada são os próprios encontros, que são singulares e não pedem histórias contadas sobre, mas sim contadas com. Não faria sentido escrever esta tese sem contar o percurso que me trouxe até aqui. Como apresentado no capítulo 1, o cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte já estava sendo forjado desde os primeiros passos. Tanto enquanto aluno de graduação quanto enquanto estagiário. Assim permanecendo nas minhas primeiras práticas como psicólogo do esporte, seja na experiência de campo ou de pesquisa, seja como professor universitário.

O segundo capítulo, intitulado **A Psicologia do Esporte e o CuidarCOM Atleta**, traz um olhar secular da Psicologia do Esporte, presente em diferentes dimensões sociais esportivas e sendo praticado a partir de múltiplos referenciais teóricos. O capítulo está dividido em *sets*. O primeiro defende que o percurso histórico da Psicologia do Esporte sempre acompanhou o da própria Psicologia em si. Tanto no cenário nacional quanto no internacional. O segundo discute que, se hoje temos a prática esportiva como uma ferramenta educacional, lazer e

rendimento, estando inclusive na Constituição Federal de 1988 como de direito de toda população brasileira, nem sempre foi assim. Já o terceiro defende a pluralidade teórica presente na Psicologia do Esporte. Como nem todas as partidas terminam em três sets, o último aponta para alguns aspectos que podem ser considerados diferenciais na presente tese, ou seja, a revisão bibliográfica que marca o corte temporal da tese. Ao todo, são treze pesquisas que discutem a Psicologia do Esporte nos dois primeiros anos de pandemia da COVID-19.

O terceiro capítulo, **A Psicologia Analítica é Escalada**, traz o referencial teórico que orienta a compreensão dos tempos pandêmicos, propõe um diálogo com os autores que não são da Psicologia do Esporte e nem da Psicologia Analítica, mas foram fundamentais para pensar o cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte, e termina utilizando-se de algumas situações clínicas para ilustrar a ideia central da tese. A proposta do capítulo não é apresentar uma introdução da Psicologia Analítica, mas sim articular a Psicologia Analítica com a Psicologia do Esporte no Brasil. Sempre defendendo que não é o único referencial teórico para poder pensar o cuidarCOM na Psicologia do Esporte. Em um primeiro momento, o capítulo apresenta a compreensão de Carl Gustav Jung sobre o processo psicoterapêutico e indica a importância que o pragmatismo de William James teve para os estudos do autor suíço. No segundo momento, discute dois pressupostos da Psicologia Analítica: processo de individuação e opostos compensatórios e complementares. Para a Psicologia Analítica do Esporte apresentada nesta tese, a relação dialética presente entre o encontro terapêutico e estes dois pressupostos é alicerce básico no trabalho com atletas.

O quarto capítulo é a **Metodologia** e apresenta o desenho metodológico adotado na pesquisa, os princípios éticos necessários, os passos de apresentação de cada situação clínica e o local onde e como a pesquisa de campo ocorreu. Ela está apresentada no tempo futuro pois está escrita da mesma forma que foi entregue a e aprovada pela banca de qualificação e pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil. Trata-se de uma metodologia que parte do encontro clínico e se torna uma escrita onde as/os participantes têm participação ativa. Segui as pistas deixadas por Moraes (2010, p. 29), quando diz que “não se trata de tomar o outro como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções do pesquisador”,

mas sim de pesquisarCOM. Ou melhor, não só pesquisarCOM, mas escreverCOM e, principalmente para presente tese, cuidarCOM.

O Capítulo V, **Situações Clínicas**, apresenta as três principais situações clínicas que serviram de suporte empírico a partir da descrição das sessões e encontros terapêuticos e das sínteses reflexivas do autor, que é o psicólogo do esporte dos casos. Cada situação clínica vem acompanhada de debates referentes aos possíveis impactos da COVID-19 no mundo esportivo e descreve como a pandemia afetou atletas de diferentes práticas. As situações clínicas são relatos de encontros dialéticos com atletas de rendimento e alto rendimento de três modalidades diferentes: *jiu-jitsu*, futebol e vôlei de praia. Entre outras coisas, a primeira traz como a paralisação de treinos e competições pode ter representado uma passagem positiva. Já a segunda situação clínica ilustra como esta mesma experiência de paralisação pode ter sido muito difícil. Por fim, a dupla de vôlei, entre outros temas, aponta para o momento do retorno aos treinos e competições.

O Capítulo VI, **Apito Final**, traz as discussões finais da tese e ajuda a ilustrar como a pandemia afetou a vida de atletas, além de nos impulsionar a pensar quais são os possíveis passos futuros para a Psicologia do Esporte, após o cenário pandêmico que marcou o início da segunda década do nosso milênio. Esse trabalho de campo permitiu chegarmos à proposição do cuidarCOM, entendendo-a como uma ferramenta para a Psicologia Analítica do Esporte. Justamente por: (i) ajudar a discutir a Psicologia Analítica do Esporte, (ii) perceber os atletas para além dos espaços esportivos e (iii) propor uma reflexão sobre as transformações mútuas que ocorrem nos encontros entre profissionais de Psicologia e atletas.

1 TRILHAS PERCORRIDAS NA FORMAÇÃO

Uma das teorias que marca a linha de pesquisa “Contemporaneidade e Processos de Subjetivação”, à qual pertenço desde que ingressei no doutorado, é a Teoria Ator-Rede, fundada por Latour (2001, p. 34). Autor que alerta para os riscos das certezas no pesquisar, uma vez que, “se a Ciência possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade, a Pesquisa parece apresentar todas as características opostas”. Para Latour (2006, p. 343), “bons trabalhos de campo sempre produzem muitas novas descrições”. A pesquisa é o campo onde somos coletivamente transportados sem que ninguém saiba as respostas de antemão.

Com Latour compreendi que fazer ciência é também se deslocar de um ponto de vista para outro. Caso contrário, o que se faz é ficar limitado a um ponto de vista específico. Creio, então, ser importante apresentar o caminho percorrido até aqui como profissional de Psicologia. Caminho este que me mostrou a amplitude de possibilidades e me faz pesquisar sobre a importância do cuidarCOM atletas de diferentes modalidades e contextos esportivos.

Daí a importância de contar a minha trilha, pelo menos a que me trouxe até aqui. Desta forma se faz possível justificar a escolha pelo tema de pesquisa e escrita. Contar histórias é algo que sempre me acompanhou. Contar mentiras, quando criança, para fugir de situações embaraçosas, até chegar, já como estagiário de Psicologia, a contar contos de fada, em diferentes locais de trabalho, como ferramenta terapêutica.

Moraes e Tsallis (2016) chamam a metodologia de escreverCOM e fazerCOM. Nas três situações, escreverCOM, fazerCOM e cuidarCOM, a construção está no vínculo. No saber que não se trata de um trabalho solitário, mas sim compartilhado. Na história contada sobre o percurso de um profissional até o momento final de sua tese, o que importa é entender que ela só se faz possível a partir das contações de cada encontro que ocorreu ao longo do processo. Por isso, neste primeiro capítulo, conto sobre os encontros e as transformações ocorridas no

percurso. Acredito que assim seja mais verdadeiro escrever, ouvir, refletir e ler. Não necessariamente nesta ordem. Então, parafraseando um programa de televisão da minha infância, “senta que lá vem a história”.

1.1 Categoria de base – A graduação e os estágios em Psicologia

Foi somente no último semestre de estágio, em julho de 2002, no quarto período da graduação, que me inscrevi na única disciplina que discutia a Psicologia do Esporte na PUC-Rio. Era uma disciplina eletiva, recém-chegada à grade curricular, intitulada “Psicologia e Esporte”, ministrada pelo psicólogo do esporte Prof. Dr. Raphael Zaremba.

A pesquisa que fiz para a avaliação final referia-se ao possível diálogo da Psicologia do Esporte com a Psicologia Analítica de Jung. Por causa dela pude conhecer os trabalhos de algumas psicólogas do esporte no Brasil, das quais, destaco Katia Rubio (1999; 2001), que mais tarde viria a ser uma querida amiga e forte influenciadora.

À época eu não sabia, mas sem dúvida as minhas primeiras leituras em Psicologia do Esporte partiram de uma das suas obras obrigatórias e que, atualmente, é considerada clássica para a área (PIERI; TSALLIS, 2021). Só que, a partir daí e durante os sete anos seguintes, meus únicos contatos com a Psicologia do Esporte ocorreram através dos raros eventos referentes ao tema na cidade do Rio de Janeiro.

O desejo de ser psicólogo do esporte me acompanhou durante sete anos e, em 2010, o atual professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) de Campos dos Goytacazes, Dr. Erick Conde, que havia cursado comigo a disciplina oferecida pelo Professor Zaremba, em parceria com o IBMR,⁴ tentou oferecer a especialização em Psicologia e Neurociência do Esporte. O curso

⁴ Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação.

teve sua primeira turma, após três tentativas, em 2011, da qual fiz parte. Depois disso, o investimento acadêmico se deu no mestrado, concluído em 2017, e no doutorado, que os resultados apresento nesta tese.

Mesmo sem perceber, a Psicologia do Esporte já se fazia presente desde meus primeiros estágios. Além disso, ela não se limita a uma perspectiva teórica e nem a uma metodologia específica.

É necessário um grande número de pontos de vista teóricos para produzir, ainda que aproximadamente, uma imagem de multiplicidade da alma. Por isso é que se comete um grande erro quando se acusa a psicoterapia de não ser capaz de unificar suas próprias teorias. A unificação poderia significar apenas unilateralidade e esvaziamento. (Jung, 2013, p. 103).

No segundo período da graduação, ingressei no primeiro estágio em um Hospital-Dia⁵ voltado para pacientes que recebem o diagnóstico de esquizofrenia. Nele assumi a responsabilidade das oficinas referentes às atividades físicas. Duas vezes por semana, junto a outros estagiários, acompanhava as/os usuárias/os na praia e no Clube de Regatas do Flamengo. Sem perceber, já tecia com o cuidar na Psicologia do Esporte e da atividade física.

Na praia, as atividades eram frescobol, surfe e pescaria. No Flamengo, hidroginástica e natação. Todas eram coordenadas por profissionais de Educação Física. Eu, um estagiário em seus quase vinte anos, representava o Hospital-Dia. Cheio de inseguranças e paixões em relação ao papel que ocupava, ainda não sabia que a Psicologia do Esporte não trabalha apenas com o alto rendimento, mas que há outras possibilidades, inclusive voltadas à saúde mental e aos exercícios físicos. Este tema é melhor desenvolvido no capítulo, da presente tese, que tece sobre dimensões sociais do esporte.

A primeira atividade física era a caminhada, pois às duas horas da tarde íamos para o Flamengo a pé. Em, aproximadamente, vinte e cinco minutos, cruzávamos o bairro de Ipanema, alcançando a Lagoa Rodrigo de Freitas pelo Canal do Alah, seguindo até o clube. Lembro-me até hoje de algumas conversas que tive

⁵ Hospital-Dia é o nome dado à instituição voltada ao serviço de saúde mental onde a/o usuária/o não é internada/o. Vila Ipanema foi o Hospital-Dia em que realizei meu primeiro estágio.

durante o trajeto. Recordo também do bem-estar que aquela caminhada me proporcionava. As ruas arborizadas de Ipanema e a chegada à Lagoa me davam sensação de amplidão. O Clube do Flamengo faz parte da história da minha infância, seja como torcedor, seja como aprendiz de goleiro. Sim, tentei seguir os passos do meu avô paterno, mas não deu certo.

Quando chegávamos ao clube, as/os usuários/as inscritas/os nas aulas trocavam de roupa, preparando-se para entrar na piscina. Nem todas/os participavam das aulas. Havia quem preferisse continuar as conversas com as/os estagiárias/os, sentadas/os ao redor da piscina. Outras/os corriam para a lanchonete e sempre tinham aquelas/es que sentavam e simplesmente observavam a dinâmica do clube, enquanto fumavam.

Às 15h15, retornávamos para o Hospital-Dia. Esse percurso já era mais silencioso, com reflexões introspectivas e o sol já se fazia mais ameno. Não consigo afirmar o motivo, mas à época eu pensava nos exercícios realizados, caminhada, natação e hidroginástica, e em como eram saudáveis tais experiências.

A atividade na praia não acontecia no mesmo dia das idas para o Flamengo. O horário, a distância e as práticas esportivas também eram outras. O Hospital-Dia ficava a duas quadras do litoral (hoje está em outro bairro da cidade). Íamos para a praia após o lanche da tarde. Ao invés de natação e hidroginástica, na praia havia pescaria, surfe e frescobol. A outra opção era sentarmos nas cadeiras de praia e aguardar o pôr do sol.

Lembro-me bem de três frequentadores do grupo que iam à praia. Os três já apontavam para as possibilidades do cuidarCOM na Psicologia do Esporte, eu que não percebia ainda. Um deles adorava surfar e dizia esperar a semana inteira por aquele momento. Quando ia à praia perto de casa (na época morava na Barra da Tijuca), os outros surfistas não o deixavam entrar no mar. Contou, inclusive, que em algumas ocasiões chegou a ser agredido. Ali, com o pessoal do Hospital-Dia, seu lugar era outro, pois ele era o surfista do grupo. Naqueles finais de tarde ele sempre ia à frente, carregando a prancha e vestindo a sua bermuda azul florida.

Quanto aos outros dois, um adorava academias de ginástica e tinha o sonho de ser bombeiro. Então, estar na praia na companhia do bombeiro salva-vidas que ficava com o grupo fazia-o sorrir de orelha a orelha. O outro gostava de pescar e dizia que aquela atividade lhe trazia paz. Esse usuário era considerado uma pessoa agressiva em seu dia a dia.

Esta experiência se deu nos anos de 2001 e 2002, concomitantemente ao meu segundo, terceiro e quarto períodos de graduação. Estagiar naquele Hospital-Dia me trouxe novos interesses na Psicologia e, de 2003 a 2005, estagiei na clínica Casa das Palmeiras, com a supervisão do Prof. Dr. Walter Melo.

Naquele estágio e sob essa supervisão, pude conhecer e aprofundar meus estudos na teoria junguiana e trabalhar no meu primeiro ano de formado como psicólogo voluntário. Me formei em janeiro de 2006 e, no mesmo ano, ingressei em uma primeira especialização, em Psicologia Analítica, no Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (IBMR).

A teoria junguiana, desde então, vem sendo uma agente fundamental na minha formação como psicólogo, independentemente do campo de atuação. Tanto pelo primeiro trabalho acadêmico que fiz sobre a Psicologia do Esporte na disciplina de graduação quanto pelo período que estagiei na Casa da Palmeiras e no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da pós-graduação no IBMR.

Foi durante a especialização que comecei a atender em consultório particular. Na época, além da clínica no SPA da pós-graduação, eu atendia no consultório de um amigo de faculdade, banda e vida. A partir daí, não parei mais de clinicar. A Psicologia Analítica e a Psicologia do Esporte inauguraram a minha trajetória como supervisor de estágio. Em 2014, fui contratado pela UNISUAM⁶ para supervisionar os estágios de Psicologia Analítica e Psicologia do Esporte.

⁶ Centro Universitário Augusto Motta.

1.2 Profissionalização – Tornar-se psicólogo do esporte

1.2.1 Primeiro tempo – A Psicologia do Esporte enquanto clínica

Em 1983, a Associação de Psicologia Americana (APA) regulamentou três possíveis campos de atuação para as psicólogas do esporte: clínica, pesquisa e educação (CFP, 2019; SAMULSKI, 2009). A profissional clínica seria a capacitada para atuar com atletas e/ou equipes esportivas, em clubes, escolinhas, agremiações e/ou seleções. A pesquisadora é a psicóloga do esporte cujo objetivo é estudar e/ou desenvolver o saber da Psicologia do Esporte, sem que haja uma intervenção direta sobre as/os atletas ou equipes esportivas. Já a profissional educadora é aquela que leciona a disciplina no universo acadêmico.

Minha experiência com o que a APA chama de clínica na Psicologia do Esporte teve início no ano de 2010, quando participei de um processo seletivo na mineradora Vale S.A., realizado pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) chamada Estação Conhecimento Brasil Vale Ouro (ECBVO). Influenciado pelas ideias de Rubio (2001), que havia estudado na disciplina de graduação com o Prof. Dr. Zaremba, organizei o serviço de Psicologia para as três modalidades oferecidas: atletismo, judô e futebol. O interesse do setor de Psicologia voltava-se, principalmente, para o processo de formação de jovens atletas que lá treinavam.

Fetter et al. (2007, p. 114) afirmam que “a iniciação esportiva constitui parte de um conjunto de ações que visa contribuir com o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes com objetivo de longo prazo através de conquistas sucessivas e constantes.” Hoje sabemos que iniciação esportiva ocorre em qualquer idade (WEINBERG; GOULD, 2017). O termo iniciação não se refere à idade, mas sim ao início na atividade esportiva.

O acolhimento inicial de jovens atletas e suas famílias era a primeira atribuição da Psicologia. Em seguida, analisar as impressões das/os novas/os participantes ao conhecer o esporte e observar os relacionamentos que se constituíam a partir dos grupos organizados pelos treinadores de cada modalidade. Buscávamos conhecer, também, o grau de satisfação de cada componente e o motivo da escolha daquela modalidade. Weinberg e Gould (2017) defendem que, havendo a preocupação em compreender os motivos que levam uma pessoa a praticar determinado esporte, torna-se bem mais fácil motivá-la e promover a sua permanência.

Outro trabalho oferecido pela equipe de Psicologia foi o de estabelecer metas pessoais. Nas palavras de Oliveira e Verenguer (2007, p. 94), “estabelecer metas a partir da própria referência é oportunizar aprendizado e progresso a todos, pois o que estaria sendo avaliado é a capacidade do indivíduo de se auto superar e não a capacidade de superar o outro”. Aprendi que no esporte, quando se trabalha a partir das conquistas individuais, não se perde a riqueza do desenvolvimento de cada adolescente na lida com resultados positivos e negativos em competições. Na apresentação das situações clínicas presentes ao final desta tese, assim como na conclusão, há uma discussão específica sobre o estabelecimento de metas e a Psicologia Analítica.

Havia situações nas quais as marcas individuais não eram atingidas e, nesse momento, o trabalho do serviço de Psicologia ia além das ocorrências nas pistas, no tatame ou no campo de futebol. Na ECBVO, buscávamos oferecer oportunidades de autorreflexão para as/os atletas, assim como para suas/seus treinadoras/es. Analisávamos os possíveis motivos, esportivos e não esportivos, de tais resultados. Assim como buscávamos perceber o que os sentimentos diante das metas não atingidas expressavam em cada um/a.

Nessa experiência estabeleci, enquanto psicólogo das equipes, três atividades sistemáticas: (i) encontros semanais com atletas, (ii) acompanhamento de competições como membro da comissão técnica e (iii) observação dos treinos. Nos encontros semanais, que ocorriam antes dos treinos, havia uma regra primordial: a presença era voluntária, isto é, não havia obrigatoriedade na participação. Cabia, a

quem se interessasse, chegar mais cedo, caso escolhesse participar. As demais regras foram construídas ao longo do tempo e estabelecidas em parceria com as/os próprias/os participantes.

Como exemplo do que ocorria nos encontros semanais, trago a equipe de atletismo. O local dos treinos era o mesmo que o das equipes de futebol, no Estádio Olímpico João Havelange, no bairro do Engenho de Dentro do Rio de Janeiro, localizado da Zona Norte da cidade. Não foi surpresa perceber que a maioria do grupo de atletismo preferia estar no futebol. Afinal, o futebol é o esporte mais popular do país e do mundo (GALEANO, 2002). Um dos trabalhos feito foi apresentar outras modalidades e oportunizar possibilidades de construção de vínculo e identidade.

Quando percebi o distanciamento das/os atletas inscritas/os no atletismo com a modalidade, lembrei das palavras de Jung (2000), que indicam a importância das histórias contadas e transmitidas através de longos períodos de tempo. Afinal, contar histórias é uma das atividades mais antigas da cultura humana. Contar histórias abre possibilidade para a construção de vínculo e identidade.

Já que a equipe era de atletismo, passei a contar feitos esportivos vivenciados nas diferentes modalidades do atletismo praticado na Grécia Antiga. “O atletismo é uma das mais tradicionais modalidades esportivas e as provas de corrida eram bastantes populares entre os gregos durante os Jogos da Antiguidade.” (PIERI; AMATO, 2019, p. 364). Acreditava que, pela narrativa dos feitos esportivos da Antiguidade, abriria a oportunidade para que aquelas/es adolescentes pudessem entrar em contato com o que existe de mais primordial no esporte e também na psique humana e, com isso, despertar reflexões ligadas a temas vinculados ao esporte.

Tanto as ferramentas (palavras) produzidas na realização do ato da fala quanto o produto resultante (o falado, a estória recontada) possuem características socializantes. Ou seja, podem voltar ao coletivo e ser usados por qualquer outro falante de um contexto cultural próximo. No nosso caso, pelos colegas de treino. Para a realização de tal processo, busquei estabelecer um espaço acolhedor, onde

os participantes pudessem vivenciar e experimentar o contato com as imagens arquetípicas⁷ presentes nas práticas do esporte e da atividade física.

Infelizmente, no final de 2013, o trabalho foi parcialmente interrompido, em decorrência da crise financeira que se instalou no estado do Rio de Janeiro. Metade da equipe foi desligada e eu fiz parte do grupo que foi dispensado. Novos caminhos deveriam ser percorridos. Foi quando optei por mergulhar na vida acadêmica, desejo antigo e vivenciado brevemente em 2009, na Universidade Santa Úrsula (USU). O trabalho realizado com a equipe de atletismo virou capítulo de livro organizado pelo Grupo de Trabalho em Psicologia do Esporte na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) (PIERI; AMATO, 2019).

Em 2015, iniciei o mestrado na UERJ, com o seguinte tema de dissertação: Coesão no esporte infantil. Surgia então a possibilidade de exercer a Psicologia do Esporte nos dois outros formatos indicados pela Associação de Psicologia Americana (APA), pesquisa e educação.

1.2.2 Segundo tempo – A Psicologia do Esporte enquanto educação e pesquisa

Na supervisão do SPA na UNISUAM tive oportunidade de trabalhar a Psicologia Analítica com estagiárias/os interessadas/os na clínica proposta por Jung e de trabalhar a Psicologia do Esporte com discentes que haviam se matriculado no estágio. As práticas eram desenvolvidas nos espaços esportivos do Olaria Atlético Clube, do Madureira Esporte Clube, do Centro de Treinamento de Deodoro, do Programa Força no Esporte (PROFEPS), de responsabilidade da Marinha Nacional e que ficava no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN), e da atlética da própria universidade, além da clínica esportiva do SPA. Diversas foram as modalidades — futebol, atletismo, levantamento de peso olímpico (LPO),

⁷ Para explicar o significado de imagem arquetípica, é necessário compreender o significado de arquétipo: "substrato psíquico comum de natureza psíquica supra pessoal que existe em cada indivíduo." (JUNG, 2000, p. 15), sendo a imagem arquetípica a forma como os arquétipos são representados.

basquete, natação, judô, rúgbi, luta greco-romana e vôlei, abarcando as faixas etárias entre 10 e 40 anos — e experiências vivenciadas pelas/os estagiárias/os.

A partir de 2018, as/os estagiárias/os de Psicologia do Esporte começaram a clinicar. Dois adolescentes que praticavam modalidades esportivas nas instituições parceiras pediram atendimento individual. Percebemos que não eram apenas esses dois atletas que sentiam a sobrecarga emocional esportiva e os diversos fatores externos, e por isso eram atravessados enquanto sujeitos-atletas, presentes no cotidiano de treinamento e competição. Por esta razão, a oferta da clínica esportiva foi ampliada. Parte das/os estagiárias/os de Psicologia do Esporte acompanhavam as equipes, os treinos e os jogos, enquanto que estagiárias/os mais experientes recebiam atletas nos consultórios do SPA. A partir daí, a clínica do SPA, daquela universidade, tinha mais uma especialidade: a Psicologia do Esporte.

Os resultados apontaram que a tentativa de aliar a prática esportiva com as demandas individuais de atleta possibilitou uma ressignificação no ambiente que até então aparentava ser disfuncional para muitos atletas e estagiárias/os. Como diria Latour (2006, p. 342), “A grande coisa sobre um ponto de vista é, precisamente, o fato de que você pode mudá-lo!”.

Após três anos de trabalho no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), percebi a importância de compreender o papel do estágio na Psicologia do Esporte a partir das perspectivas das/os próprias/os acadêmicas/os. Dessa forma, em 2017 organizei uma pesquisa e convidei quatro estagiários para elaborá-la comigo de forma descritiva e exploratória por meio de análises qualitativa e quantitativa. Aplicamos um questionário semiestruturado, contendo 18 perguntas, sendo 14 fechadas e quatro abertas. O questionário foi construído em uma plataforma *online* (survio.com) e enviado para discentes que haviam composto a equipe de estágio em Psicologia do Esporte na universidade até aquele período. Os resultados foram apresentados pelos estagiários no mais tradicional congresso de Psicologia do Esporte do país, o Congresso da ABRAPESP.

Em 2019, optei por retornar à pesquisa, aplicando o mesmo questionário para as/os alunas/os que estiveram na equipe de Psicologia do Esporte nos últimos dois

anos. Novas/os estagiárias/os foram convidadas/os a dar sequência à pesquisa. Somando os dois momentos, obtivemos um total de 83 respostas.

A partir da análise dos questionários, foi possível ressaltar três pontos importantes a serem apresentados: (i) conhecimento prévio sobre a atuação do Psicólogo do Esporte, (ii) motivo pela escolha do estágio e (iii) se recomendariam a prática de estágio supervisionado em Psicologia do Esporte para outros discentes.

Das/os respondentes, 56,1% disseram que não tinham conhecimento prévio da área e 53,7% declararam terem se inscrito no estágio por curiosidade quanto ao tema. Quando perguntadas/os se recomendavam o estágio em Psicologia do Esporte, 96,3% disseram que sim. Os resultados apontaram a importância de se ter o estágio em Psicologia do Esporte na graduação.

Com os dados desta segunda etapa da pesquisa, dois resumos foram elaborados, submetidos e aprovados para serem apresentados nos dois eventos da área. Um no âmbito nacional e outro no estadual; respectivamente o Congresso ABRAPESP e o Encontro de Psicólogos do Esporte do Rio de Janeiro, organizado pela Associação de Psicologia do Esporte do Rio de Janeiro (ASSOPERJ), ambos em 2019.

Durante os cinco anos de Psicologia do Esporte na UNISUAM, os principais esportes de observação e intervenção foram: futebol (81,7%), atletismo (30,5%) e LPO (26,8%). Além disso, clubes de futebol de maiores prestígios da cidade do Rio de Janeiro, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama, contrataram estagiárias/os oriundas/os daquela equipe de estágio. Vale destacar também que egressas/os, que fizeram parte da equipe nestes cinco anos, atualmente trabalham como profissionais da Psicologia do Esporte.

Desde o segundo semestre de 2019, não estou mais na UNISUAM, pedi licença sem vencimento para me dedicar à pesquisa de Doutorado. Meus vínculos enquanto docente permanecem na qualidade de professor contratado e supervisor de estágio na USU e colaborador voluntário convidado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além de professor na pós-graduação da Faculdade de

Medicina de Petrópolis. Os vínculos enquanto Psicólogo do Esporte clínico também permaneceram durante o doutorado. Trabalho acompanhando atletas de diferentes modalidades. As principais situações clínicas analisadas como material empírico na presente pesquisa são do *jiu-jitsu*, futebol e vôlei de praia.

2 A PSICOLOGIA DO ESPORTE E O CUIDAR(COM) ATLETA

Mesmo que a pandemia tenha provocado mudanças na forma de ser, a Psicologia do Esporte precisou, e ainda precisa, atentar mais para algo que parece inerente à profissão e que muitas vezes fica esquecido. Refiro-me ao cuidar. Cuidar na Psicologia do Esporte tem por foco atletas e não o esporte e seus rendimentos/resultados.

Para compreender a Psicologia do Esporte como área de conhecimento e intervenção é fundamental conhecer sua história. Entendê-la como uma produção centenária que abarca uma ampla gama de temas relacionados a comportamentos e estados emocionais em atividade física e esportiva. Dependendo da trilha escolhida para contar essa história, é possível chegar à Grécia Antiga e aos primórdios da prática esportiva. Outras trilhas nos levam para o final do século XIX, com o surgimento das primeiras perguntas empíricas da Psicologia do Esporte. Podemos, também, ter por paisagem a Psicologia do Esporte no Brasil.

O presente capítulo foca no período que engloba o final do século XIX até o início do XXI. Começar pela reta final do século XIX é entendê-lo como apito inicial da Psicologia do Esporte internacional, por considerar, principalmente, as primeiras publicações que tinham por base a Psicologia do Esporte empírica (CARVALHO, 2019). É proveniente da última década do século XIX, precisamente do ano de 1897, aquela que é considerada a primeira pergunta empírica da Psicologia do Esporte: por que ciclistas são mais rápidos quando pedalam acompanhados de outros ciclistas? — feita pelo psicólogo Norman Triplett (1861 – 1931), da Universidade de Indiana (WEINBERG; GOULD, 2017).

É curioso pensar que a pesquisa de Norman Triplett coincide, temporalmente, com Carl Gustav Jung (1875 – 1961) e seus primeiros passos naquilo que se tornaria a base para o desenvolvimento da Psicologia Analítica. Esta aproximação da Psicologia do Esporte e da Psicologia Analítica está apresentada em outro capítulo. Voltemos ao final do século XIX e início do século XX da Psicologia do Esporte, quando muitos trabalhos foram produzidos nos Estados Unidos (EUA),

como os primeiros laboratórios desenvolvidos por Coleman Griffith (1893 – 1966) e seus colaboradores (WEINBERG; GOULD, 2017). Os autores afirmam que o foco daquelas pesquisas era comprovar como a atividade física poderia fazer muito mais para atletas do que somente aumentar-lhes os músculos e aperfeiçoar suas condições físicas.

2.1 Primeiro set – A história da Psicologia do Esporte

Conhecer a história da Psicologia do Esporte pode auxiliar na tentativa de pensar a sua prática no período pandêmico. A aposta é que justamente por ser um percurso secular, ler e entender como se deu a sua construção até aqui ajuda na tentativa de se adaptar às exigências provocadas pela COVID-19. A presente tese busca contribuir ao apresentar três situações clínicas dividindo os dois anos iniciais da pandemia em: (i) reflexos imediatos na vida de atletas a partir do momento que a OMS declarou a necessidade de isolamento social global quase que completo, (ii) consequências de longos meses sem informações quanto ao possível retorno às competições e (iii) primeiros momentos após o retorno.

Quando a Psicologia do Esporte foi convocada para um lugar até então inédito, algo fundamental para as profissionais foi justamente lembrar que durante todo o século XX as pesquisas em Psicologia do Esporte partiram de conceitos e premissas da Psicologia Geral. Ou seja, para atender as demandas surgidas com a pandemia o conhecimento de outras especialidades da Psicologia novamente foi essencial. Na pesquisa para a presente tese, os estudos sobre o cuidarCOM e as propostas da Psicologia Analítica foram cruciais.

Historicamente, as pesquisas iniciais da Psicologia do Esporte, tanto nos EUA quanto na Europa, acompanhavam os percursos científicos da época e eram voltadas para o controle, a mensuração e a classificação (CARVALHO, 2016b). Seria um erro achar que esta característica se deu apenas na Psicologia do Esporte. Na verdade, toda a Psicologia à época, na busca de afirmar-se como ciência, privilegiou os experimentos, e uma visão positivista de ciência predominou na área

(CFP, 2019). Houve, por exemplo, um *boom* de técnicas psicométricas que tinham como objetivo registrar e quantificar dados. Com a Psicologia do Esporte não foi diferente.

Edler (2015, p. 24-25) cita o positivismo de Auguste Comte (1798 – 1857) para explicar esse fenômeno do final do século XIX e início do século XX. Para o autor, “Comte defendia que a história das ciências não deveria ser uma história das ciências particulares, mas uma ‘história geral’, na medida em que, para ele, as ciências se desenvolveram simultaneamente, umas influenciando as outras.”.

No Brasil, ainda que as teses de doutorado de Carvalho (2012) e Santo (2016) tenham descrito a Psicologia do Esporte com um labor com registros desde antes da metade do século passado, foi em 2000 que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) a reconheceu como especialização da Psicologia, a partir da resolução 014/00 (CFP, 2000). Quanto à sua história, a hipótese inicial era a de que a Psicologia do Esporte começara na década de 1950, precisamente com os esforços de João Carvalhaes (1917 – 1976), no Departamento de Arbitragem da Federação Paulista de Futebol (RUBIO, 1999). Período no qual a Psicologia do Esporte internacional estava concentrada em investigar a personalidade de seus praticantes (CFP, 2019).

João Carvalhaes teve grande mérito no desenvolvimento da Psicologia do Esporte brasileira. Foi ele quem realizou o primeiro acompanhamento psicológico junto à Seleção Brasileira de Futebol, em 1958, ano em que o Brasil conquistou sua primeira Copa do Mundo (GALEANO, 2002). Porém, Carvalho e Jacó-Vilela (2009) e Carvalho (2016a, p. 82) recontaram essa história e atualmente já sabemos que no Brasil “a Educação Física, no período que vai de 1930 a 1950, incluiu a Psicologia em seus periódicos, na tentativa de responder a demandas presentes na formação do homem ideal para o país”.

As conclusões de pesquisa de Carvalho e Jacó-Vilela (2009) destacam que a construção da Psicologia do Esporte perpassou por outros profissionais, principalmente no período da Era Vargas (1930 – 1945). A publicação de Santo e

Jacó-Vilela (2016) aponta para Athayde Ribeiro da Silva (1915 – ?)⁸ como quem inaugurou a Psicologia do Esporte no Brasil, principalmente pelos trabalhos realizados no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) e publicados no *Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada*.⁹

Inicialmente, e assim permaneceu por muitos anos, definia-se a Psicologia do Esporte de forma simples e objetiva: estudo do comportamento humano no contexto do esporte (CFP, 2019). O foco no comportamento humano era marcado pela influência de pressupostos teóricos behavioristas, presentes na Psicologia em geral. A abordagem behaviorista, entre os anos de 1965 e 1980, na Psicologia do Esporte mundial, focava na relação estímulo-resposta presente no contexto esportivo e em testes aplicados à *performance* de habilidades motoras (CFP, 2019). O behaviorismo radical dos Estados Unidos acabou por influenciar a Psicologia internacional como ciência. O mesmo aconteceu com a Psicologia do Esporte no Brasil.

Em 1965, Roma, Itália, ocorreu o I Congresso Mundial da Psicologia do Esporte, que teve como principal objetivo unificar e aproximar os estudos da área realizados ao redor do mundo (BARRETO, 2003). Como legado principal do congresso, foi criada a Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, presidida por Ferruccio Antonelli, organizador principal do evento (MACHADO, 1997). Nesse evento, o Brasil foi representado por Athayde Ribeiro, que esteve na delegação do segundo título da Seleção Brasileira de futebol masculino em 1962 (SANTO; JACÓ-VILELA, 2016). Sua palestra foi justamente sobre o trabalho realizado com a seleção durante a copa do Chile (1962).

Foi também na década de 1960 que a Psicologia tornou-se uma profissão regulamentada no Brasil, surgindo assim os primeiros cursos de graduação (GOMES, 2008). Antes, a Psicologia aparecia como disciplina, nas grades curriculares de outros cursos, dentre eles Filosofia, Educação e Educação Física (JACÓ-VILELA, 2012). O mesmo ocorreu com a Psicologia do Esporte, que, antes de compor a grade curricular do curso de Psicologia, podia ser encontrada nos cursos de Educação Física e Medicina (CARVALHO, 2016a; 2016b).

⁸ Não foi encontrado registro preciso do ano de seu falecimento.

⁹ *Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada* era a revista do próprio ISOP.

Essa história, bem marcada na década de 1960, só tem crescido tanto no Brasil quanto internacionalmente. A Psicologia do Esporte acompanhou de perto a trajetória e os rumos da própria concepção de esporte quando, em 1964, foi publicado o *Manifesto Mundial do Esporte*, editado pelo Conselho Internacional de Educação Física e Esportes (Cieps) e assinado pelo vencedor do prêmio Nobel da Paz Sir Phillip Noel Baker (1889 – 1982). Esse lorde inglês reconheceu o esporte como uma ferramenta biopsicossocial, que vai além da perspectiva do esporte de rendimento (TUBINO, 2011). De acordo com Bernardes, Yamaji e Guedes (2015), mais do que a preocupação com atletas de alto rendimento, a Psicologia do Esporte passou a perceber que o esporte também podia ser visto como uma atividade de entretenimento e diversão, promovendo assim uma forma prazerosa e lúdica de ocupar o tempo livre.

A eficiência da prática esportiva passou, naquele momento, a depender também do quão positiva era a sua influência no desenvolvimento biopsicossocial de suas/seus praticantes (ERICKSON; CÔTÉ, 2016). Desde então,

além da preocupação com o rendimento, a Psicologia do Esporte também percebe que o esporte pode ser visto como uma atividade de aprendizagem, entretenimento e diversão, promovendo assim uma forma prazerosa, construtiva e lúdica para as diferentes idades (PIERI; AMATO, 2019, p. 363).

Desta forma, desde a década de 1970, o que se vê nas pesquisas científicas e nos Departamentos de Psicologia do Esporte pelo mundo é uma corrente cada vez maior que analisa as implicações da prática desportiva em todas as idades e suas variáveis para além de rendimento (PIERI; AMATO, 2019). Segundo Rubio (2007), foi justamente a partir dessa percepção que novos espaços se abriram para a atuação da psicóloga do esporte: o esporte do tempo livre, o esporte na escola, a iniciação esportiva, a reabilitação física a partir do esporte, o esporte praticado em projetos sociais e a clínica esportiva.

A Psicologia do Esporte mais uma vez acompanhou o movimento que ocorria com a Psicologia em geral. No final da década de 1980 houve, no Brasil, um crescimento no número de instrumentos de avaliação e técnicas de intervenção à

semelhança do que se fazia nos países onde foram desenvolvidos. Até então se via pesquisas brasileiras que tinham por objetivo principal adaptar teorias e técnicas estrangeiras sem considerar a especificidade das instituições esportivas do nosso país, bem como a cultura de atletas do país.

Já o que vimos na Psicologia do Esporte nacional a partir da década de 1990 foi uma busca por alteridade. Um movimento fundamental de superação do tradicional colonialismo acadêmico (CFP, 2019). Colonialismo esse que é muito comum de ser visto em áreas do conhecimento considerada emergentes. A partir dessa década, a produção acadêmica foi ampliada, criando métodos, protocolos e modelos de pesquisa e intervenção para o esporte e a atividade física no país (CFP, 2019).

A década de 1990 foi marcada por pesquisas que buscavam uma adaptação transcultural dos instrumentos internacionais. Entende-se como adaptação transcultural

uma série de procedimentos para que o instrumento não seja somente traduzido, mas esteja de acordo com as particularidades da cultura em que se pretende utilizar o instrumento (...) e assim permitir a comparação e identificação de potencialidades de um mesmo construto em diferentes países” (PIERI et al., 2016, p. 21).

Em 1996, a Federação Europeia de Psicologia do Esporte (FEPE) definiu que a Psicologia do Esporte teria

fundamentos psicológicos, processos e consequências da regulação psicológica de atividades relacionadas com o esporte de uma ou várias pessoas atuando como sujeito da atividade. O foco pode ser o comportamento ou diferentes dimensões psicológicas do comportamento humano. (CFP, 2019).

Percebe-se que, ao buscar uma maior amplitude na definição da Psicologia do Esporte, há uma tendência de pôr em debate o que ocorria, tanto no percurso da construção de teorias específicas da área quanto em sua prática.

Com a virada do milênio, além do CFP reconhecer a Psicologia do Esporte como uma especialidade da Psicologia, outros dois marcos foram fundamentais para

a área. A criação da ABRAPESP e seus primeiros congressos nacionais (CARVALHO, 2019) e, em 2001, a publicação do livro *Atleta e o Mito Do Herói: O Imaginário Esportivo Contemporâneo*. O livro de Rubio (2001), em 2021, completou 20 anos:

O *Atleta e o Mito do Herói* já no sumário nos ensina que, para adentrarmos na Psicologia do Esporte antes temos que entender cultura, imaginário, mitologia, história e subjetividade humana. Isto porque o esporte é um fenômeno cultural, praticado mesmo antes da Grécia Antiga, por atletas oriundos de diversas sociedades e, por isso alimenta e é alimentado pelo imaginário humano-social. (PIERI; TSALLIS, 2021, p. 100).

Nessa análise, os autores revelam que o livro, ao longo dos anos (2001 a 2020), foi citado por 110 artigos, 12 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), 44 dissertações de Mestrado e 17 teses de Doutorado de diferentes países. Sendo que em 2016 foi citado 13 vezes; nove em 2015 e 2019; oito em 2013 e 2017, em diferentes países, em especial Brasil e Portugal, por autores distintos de diferentes Universidades (Anexos A e B).

O ano de 2019 marcou a Psicologia do Esporte no Brasil. No dia 18 de setembro de 2019, houve uma audiência pública referente à obrigatoriedade da presença do profissional de Psicologia em clubes esportivos, não só na base mas na categoria adulta também. No mesmo ano, o CFP publicou as *Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) em Políticas Públicas de Esporte* (CFP, 2019). O documento “ênfatisa a dimensão social do esporte, ao provocar a categoria a refletir sobre práticas desportivas para além do alto rendimento e grandes eventos esportivos.” (p.6). O projeto de lei 7683/2017, discutido em tal audiência, trouxe propostas significativas de mudanças.

O ano de 2020 trouxe mudanças definitivas para os contemporâneos do século XXI. A pandemia dividiu a história em uma nova espécie de a.C. e d.C., antes e depois da *Corona Virus Disease* (COVID-19). Os seres humanos tiveram que se isolar e, de fato, praticamente parar a maior parte de suas atividades cotidianas ou reinventá-las. No contexto esportivo, por exemplo, para Scerri e Grench (2021), o momento trouxe para as/os atletas, e para aquelas/es que trabalhavam com elas/es,

uma demanda por flexibilidade e criatividade, que certamente já estão incorporados às diferentes práticas esportivas.

Sobre a Psicologia do Esporte neste novo marco histórico, o que aqui é identificado como d.C., dois ex-presidentes da ABRAPESP, Prof. Dr. Cristiano Barreira e Profa. Dra. Thabata Telles, e o Prof. Dr. Alberto Filgueiras publicaram um artigo alertando que

a urgência dos cuidados adotados e a necessária priorização à vida têm ocasionado, seja para os setores financeiro e produtivo, seja para cada indivíduo e família, dramáticos prejuízos econômicos, de qualidade de vida e de saúde mental, cujos números, diferentemente do sofrimento que acarretem em primeira mão e dos projetos pessoais que suspendam, podem ser calculados. (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020, p. 6).

Apesar de muitos terem dificuldade de perceber isso, devido à paixão que o esporte gera (COUSINEAU, 2004; GALEANO, 2002), o mundo esportivo não vive em uma bolha à parte, por isso também foi paralisado pela COVID-19. O Comitê Olímpico Internacional (COI), por exemplo, enfatizou a importância de cuidar da saúde de atletas e por isso grandes eventos esportivos foram cancelados e adiados em resposta à COVID-19 (HÅKANSSON; JÖNSSON; KENTTÄ, 2020; SCERRI; GRECH, 2021). As consequências dessa necessária decisão não foram poucas:

Durante o período de confinamento, tornou-se impossível para os atletas realizarem seu treinamento de rotina junto aos companheiros de equipe e supervisão de técnicos, sendo forçados a se afastarem das condições de treinamento consideradas adequadas e vivenciar uma comunicação restrita com o treinador até que o retorno à prática fosse algo seguro e possível para todos os atletas (da SILVA; SANTOS; NAKANO, 2022, p. 2).

A escolha, na presente pesquisa, de privilegiar situações clínicas que foram atravessadas pela pandemia atende ao pedido de diferentes autores que defendem que se faz necessário identificar os níveis de vulnerabilidade psicológica que podem ter sido gerados em atletas a partir da experiência com a COVID-19 e o impacto direto no que se refere à saúde mental (GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ et al., 2021). Para Gucciardia, Hantonb e Fleming (2016), quando falamos de saúde mental, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, deve-se considerar o estado de bem-estar no qual o indivíduo realiza suas próprias habilidades, se pode lidar com o

estresse normal da vida, se pode trabalhar de forma produtiva e frutífera e se é capaz de fazer uma contribuição para a sua comunidade.

Em páginas futuras há uma dedicação específica sobre os impactos da pandemia na vida daquelas/es que vivem do esporte enquanto rendimento e alto rendimento. Antes, porém, se faz necessário apresentar as diferentes dimensões sociais do esporte e o papel da Psicologia do Esporte.

2.2 Segundo set – Dimensões sociais do esporte e o papel da Psicologia do Esporte

Atualmente, praticar esporte e atividade física é reconhecido e enaltecido, sendo inclusive considerado fundamental para a sociedade, além de ter se tornado direito de todos, no artigo 217 da Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1998). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por sua vez, no capítulo IV, artigo 59, estabelece ser dever dos municípios, com apoio dos Estados e da União, o estímulo e a destinação de recursos e espaços públicos para programações esportivas voltadas às crianças e aos adolescentes (BRASIL, 1990).

Em uma perspectiva internacional, a percepção positiva da prática esportiva nem sempre foi uma realidade. Segundo Cousineau (2004, p. 38),

diz a lenda que essas competições rudimentares foram organizadas pela primeira vez como Jogos propriamente ditos no século XII a.C. por seu dirigente, o rei Oxilo. Durante os séculos seguintes, os helenos pagaram tributo a Zeus sob a forma de sacrifícios, orações e corridas realizadas no recinto sagrado. Depois, por motivos que se perderam na noite dos tempos, os Jogos foram abandonados. Crônicas antigas dizem que no século VIII a.C., os gregos tinham se esquecido de que os Jogos existiram um dia - e estavam sofrendo com isso.

Os Jogos foram esquecidos e não mais praticados até ressurgirem no ano 776 a.C. (antes de Cristo): “Seu ressurgimento marcou tanto os gregos que eles adotaram essa data para marcar o início de sua história, quando, então, começa oficialmente o calendário grego” (COUSINEAU, 2004, p. 39). De lá para cá outras

interrupções ocorreram, como no ano de 393, período em que a Grécia já havia sido tomada pelo Imperador Teodósio, que “ordenou a destruição de todos os templos pagãos em todo o império, inclusive aqueles de Olímpia, e proibiu os Jogos.” (COUSINEAU, 2004, p. 45).

Não é preciso ir tão longe para perceber como a prática esportiva nem sempre foi compreendida como positiva e para todas/os. Até muito recentemente, no Brasil, acreditava-se que o cansaço físico e a competição, derivados da prática do esporte, eram contrários à natureza da mulher (DI PIERRO, 2007). Tanto é que de 1941 a 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199, que incluía um artigo que colocava: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Esta realidade não se resumia ao esporte. Médicos e teóricos sociais estavam convencidos de que a educação intelectual sobrecarregava as mulheres e roubava-lhes energia de sua função reprodutora (DI PIERRO, 2007). Quando se pensava no cenário esportivo, havia uma representação de suposta agressão à sua feminilidade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi fundamental para a mudança dessa mentalidade. Tubino (2011) nos diz que a UNESCO, em 1978, propôs três dimensões sociais do esporte: (i) Educação, (ii) Lazer ou Participação e (iii) Esporte de desempenho ou rendimento. A primeira manifestação deve ser mais um processo educativo na formação de jovens, uma preparação para o exercício da cidadania. É no esporte de educação que se percebe os aspectos de maior conteúdo socioeducativo, baseando-se em princípios educacionais, como participação, cooperação, coeducação, corresponsabilidade e inclusão.

A segunda se apoia no princípio do prazer lúdico, no próprio lazer e na utilização construtiva do tempo livre e de liberdade. Não tem compromisso com regras institucionais e tem na participação o seu sentido maior, podendo promover por meio dela o bem-estar de quem pratica, que é a sua verdadeira finalidade. Pelo envolvimento das pessoas nas atividades prazerosas que oferece, ainda proporciona o desenvolvimento de um espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais. Propicia o surgimento de uma prática esportiva

democrática, já que não privilegia os talentos, permitindo o acesso a toda população.

A terceira manifestação esportiva é a mais tradicional e foi a que norteou o conceito de esporte durante muito tempo: o esporte de rendimento, que é disputado obedecendo rigidamente as regras e os códigos existentes, específicos de cada modalidade esportiva.

Em 2020 (p. 4-5), Barreira, Telles e Filgueiras desenvolveram uma análise propondo diálogo entre as diferentes dimensões sociais esportivas apresentadas acima e os aspectos da saúde mental de sua prática. Segundo os autores,

os atletas recreacionais são aqueles que se engajam em atividades meramente recreativas, sem qualquer objetivo competitivo, e que não ultrapassam a frequência de três dias na semana. Atletas amadores seriam aqueles que participam em competições abertas a todos, sem classificação de nível nacional nas federações – podendo, mesmo assim, ser federado – e que se engajam na prática até cinco dias em uma semana por mais de dois anos. Os atletas profissionais são aqueles que ganham alguma remuneração na prática competitiva do esporte, já sendo classificados no cenário nacional da modalidade, participando dos eventos mais importantes e cujo treinamento ocorre entre seis a sete dias na semana com prática regular há mais de dois anos. Os atletas de elite seriam o topo internacional em termos de competitividade, sendo aqueles que têm o esporte como principal ou única fonte de remuneração, treinam de seis a sete dias na semana com experiência maior que cinco anos na modalidade.

Estas dimensões seguem as que Tubino (2006) já havia proposto de ampliação do papel do esporte na sociedade, apresentando critérios a serem utilizados para se entender as diferentes modalidades esportivas (Anexo C).

É claro que há modalidades esportivas que aproximam as características apresentadas. A proposta aqui é apresentar o quanto foi importante a Carta Internacional de Educação Física e Esporte. A partir dela a prática esportiva tornou-se direito de toda população e modificou o conceito de esporte e os critérios para aceitação de diferentes modalidades.

A pandemia da COVID-19 afetou todos os tipos de práticas e modalidades. A Psicologia do Esporte foi convocada a não só cuidar de quem vive profissionalmente do esporte, mas analisar, por exemplo, os possíveis impactos de sua paralização em

diferentes contextos e idades. No final do presente capítulo, há um tópico dedicado justamente a essa temática. Antes, porém, se faz importante lembrar a pluralidade teórica presente na Psicologia do Esporte. Mesmo partindo da Psicologia Analítica do Esporte para pensar o cuidarCOM nos tempos pandêmicos, são conhecidas e se faz questão de apresentar diferentes formas de exercer a Psicologia do Esporte. Mais do que isso, enaltecer o possível diálogo entre elas.

2.3 Terceiro set – Abordagens da Psicologia e possíveis diálogos presentes na Psicologia do Esporte

Outro aspecto importante são as diversas abordagens possíveis na Psicologia do Esporte. Psicanálise, Cognitivism, Behaviorismo Radical, Psicodrama, Psicologia Social, Psicologia Analítica e Gestalt são alguns dos referenciais teóricos onde um grupo crescente de psicólogas “tem se dedicado a desenvolver a Psicologia do Esporte brasileira, considerando as particularidades das modalidades no país e dos atletas que convivem com uma realidade específica.” (CFP, 2019, p. 64).

No VIII Congresso ABRAPESP (19 – 21/11/2021), orientei a apresentação de um trabalho sobre as possibilidades de diferentes abordagens presentes na Psicologia do Esporte. Trago aqui essa discussão, de forma introdutória, para ilustrar e discutir algumas dessas perspectivas teóricas e os diálogos possíveis com a área de estudo. As fontes principais para produção dessa síntese foram os capítulos do livro *Psicologia do Esporte e do Exercício – Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção* (CONDE et al., 2019) e as entrevistas no canal *Papo de PE* (PIERI, 2020).

Tais referências mostram que, a partir da Fenomenologia influenciada pela obra de Merleau Ponty (1908 – 1961), há uma Psicologia do Esporte pensada, principalmente, a partir do diálogo com o corpo. Já a Gestalt Terapia, que em um primeiro momento é um processo de autoconhecimento a partir das relações com outros e com o mundo, pode ser fundamental na percepção de si dos atletas como

organismo integrado. Enquanto que a Psicologia Social do Esporte compreende atletas e suas atividades a partir das contextualizações sócio-históricas. Dentre as ações possíveis está a leitura e percepção de questões institucionais que influenciam diretamente na saúde de atletas e, em consequência, no desempenho esportivo.

Em um caminho próximo, há a perspectiva Construcionista, que propõe um constante movimento dialético na metodologia de compreensão do que é dito e construído através das linguagens produzidas e presentes na prática esportiva e da atividade física. Além da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), que no contexto esportivo é uma proposta teórica que tem como norte central as/os atletas. A ACP é um norte sem julgamentos alheios, em uma busca por compreender a experiência da/o esportista, para só depois poder intervir.

Conde et al. (2019) e Pieri (2020), ao apresentarem as Psicologias do Esporte que partem do Behaviorismo estadunidense, mostram que a Análise do Comportamento identifica o sujeito, seu contexto de vida e seu repertório comportamental e assim percebe os comportamentos adequados e inadequados que a/o atleta mantém, na busca de ajudá-la/o a desenvolver os mais saudáveis. Já a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) no esporte tem como foco o processo de reestruturação cognitiva. Isto é, identificação e leitura das distorções cognitivas presentes na prática de atletas e busca da melhor reestruturação possível. Outra perspectiva possível é a Terapia das Emoções. Nela, o objetivo da psicóloga é ser uma facilitadora para que atletas possam entrar em contato com as emoções e, assim, vivenciá-las e processá-las. Outra proposta é a Psicologia Positiva, que é um movimento que busca enfatizar a qualidade humana naquilo que a/o atleta tem de positivo, indo além do simplesmente melhorar o que não está bom, por focar nas qualidades positivas de atletas.

Conde et al. (2019) e Pieri (2020) também indicam uma perspectiva introdutória das Psicologias que consideram o inconsciente na Psicologia do Esporte. A Psicanálise, por exemplo, entende que no contexto esportivo, principalmente o de alto rendimento, o desejo (libido do ser) tende a ser ainda mais reprimido, já que as demandas pelo rendimento (libido do objeto) dependem de

grandes privações. Desta forma, o trabalho com esporte percebe as/os atletas como efeitos da linguagem possuidores de um mal-estar constituinte. Já a Psicologia Analítica no esporte tem como um dos principais eixos de análise o campo do simbólico presente na e a partir da prática esportiva. O trabalho é focado no ser e no tornar-se de cada atleta e equipe.

A psicóloga que dialoga com atletas não deve estar apegada a uma metodologia ou teoria inflexível, pois cada caso exigirá um olhar específico: “A Psicologia do Esporte é um campo de atuação fértil e promissor para todas as abordagens da Psicologia” (PIERI; GARCIA, 2020, p. 58). Dentre as publicações que versam sobre a pluralidade teórica na Psicologia do Esporte, exemplifico a partir de duas nacionais: o livro organizado por Conde et al. (2019) e as entrevistas realizadas pelo canal de *YouTube* Papo de PE (PIERI, 2020).

No livro, encontramos a Psicologia do Esporte sendo dialogada a partir de diversas abordagens teóricas: Psicanálise; Abordagem Centrada na Pessoa; Gestalt; Terapia Cognitivo-Comportamental, Fenomenologia, Análise do Comportamento e Psicologia Analítica. O canal do Papo de PE prioriza profissionais das mesmas perspectivas teóricas elencadas no livro, mas ampliou dialogando também com a Psicologia Social do Esporte; perspectivas Construcionistas; Terapia Focada nas Emoções e Psicologia Positiva.

Importante dizer que a única que recebe um capítulo a parte na presente tese e assim uma discussão mais aprofundada é a Psicologia Analítica. Em comum com as outras linhas teóricas apresentadas, tanto nos capítulos do livro quanto nas entrevistas do YouTube, há a percepção holística da/o atleta. Uma preocupação prioritária com a saúde mental e, principalmente, uma compreensão de que rendimento esportivo é multifatorial, pois há sempre a combinação de diferentes aspectos da vida mental, física e emocional. Por isso, se faz possível um entrelaçamento, uma interdependência entre eles.

2.4 Quarto set – CuidarCOM, Psicologia do Esporte e pandemia

A presente tese já mencionou como a pandemia da COVID-19 teve e terá efeitos profundos em todos. Estratégias como *lockdown*, isolamento social e outras medidas restritivas foram adotadas em todo planeta ou no mínimo sugeridas (TAYECH et al., 2020). Dada a gravidade da pandemia e a escala de duração das medidas de contenção, percebeu-se a importância de examinar possíveis mudanças nos comportamentos de saúde e os impactos na saúde mental da população durante esse período (RUIZ; DEVONPORT; CHEN-WILSON; NICHOLLS; CAGAS; FERNANDEZ-MONTALVO; CHOI; ROBAZZA 2021). Sabe-se bem o quanto os comportamentos de saúde estão fortemente associados à saúde mental (SCHINKE et al., 2020).

Ruiz et al. (2021) realizaram uma revisão sistemática e encontraram evidências de aumento de queixas de estresse, ansiedade e depressão entre a população em geral durante a COVID-19. Segundo Barreira, Telles e Filgueiras (2020, p. 3), pesquisas focadas na população brasileira também encontraram “um aumento significativo da prevalência dos sintomas de ansiedade, depressão e estresse agudo entre os brasileiros”. Naquelas/es que têm no esporte a sua profissão não seria diferente.

Os possíveis prejuízos, emocionais e corporais, oriundos da pandemia se estenderam às/aos atletas (SCERRI; GRECH, 2021; TAYECH et al., 2020). Não à toa, desde 2020 há muitas publicações que têm como objetivo acompanhar os impactos da pandemia da COVID-19 no mundo esportivo (COSTA et al., 2020; REARDON et al., 2021). Há quem diga que vivemos uma epidemia silenciosa de sintomas como depressão e ansiedade entre atletas de alto rendimento (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020).

Para González-Hernández et al. (2021), atletas de alto rendimento não seriam diferentes de outras profissões. A exposição a fontes estressantes por um longo e incerto período de tempo desencadeou em esportistas a possibilidade de desenvolver quadros de ansiedade, estresse e depressão. Muitas/os atletas que repentinamente se viram inativas/os ou sem saber o que aconteceria com seu futuro profissional sofreram de estresse psicológico substancial (ŞENIŞIK et al., 2021). A

literatura demonstra que a falta de um direcionamento de carreira após anos de imersão em uma meta intrínseca de alta performance tende a colocar a saúde mental das/os atletas em cheque (SCERRI; GRECH, 2021).

É por isso que se fazem necessárias pesquisas com foco nos impactos do isolamento social e em suas limitações no contexto esportivo (MANN et al., 2020). As pesquisas existentes descrevem que atletas de alto rendimento apresentam prevalência de depressão e ansiedade, transtornos alimentares e abuso de álcool e outras drogas superior à da população em geral (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020). Antes mesmo da pandemia, Gucciardia, Hantonb e Fleming (2016) indicavam que os estressores experimentados por atletas emanam de suas interações com vários aspectos de suas vidas e dos ambientes esportivos que frequentam. Os autores dão destaque a: (i) aspectos pessoais, como questões familiares, (ii) aspectos competitivos, como preparação interrompida, e (iii) aspectos relacionados aos contextos organizacionais, dentre outros, além do entrosamento com a equipe.

O isolamento social e seus possíveis impactos psicoemocionais em atletas foi sim um tema muito estudado neste período pandêmico (REARDON et al., 2021; ŞENIŞIK et al., 2021), tanto na primeira (2020) quanto na segunda (2021) onda de COVID-19 (MARCONCIN et al., 2022; TAYECH et al., 2020). Pesquisas foram publicadas sobre os possíveis impactos emocionais nas/os atletas profissionais com os cancelamentos e adiamentos dos grandes eventos esportivos como o Campeonato Europeu de Futebol e os Jogos Olímpicos (HÅKANSSON; JÖNSSON; KENTTÄ, 2020; MANN et al., 2020; SCERRI; GRECH, 2021).

Mesmo que não tenham sido apenas as/os atletas profissionais que estiveram no foco das pesquisas direcionadas à pandemia e aos seus impactos nas práticas esportivas (CHEN et al., 2020; MARCONCIN et al., 2022; YOUSFI et al., 2020), a importância dos cuidados nas atividades físicas praticadas por atletas recreacionais e amadores também foi muito pesquisada (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020). Chen et al. (2020) e Marconcin et al. (2022), por exemplo, destacaram os benefícios para a população em geral em manter a atividade física durante o período de isolamento social. É possível afirmar que a COVID-19 impactou atletas de

diferentes idades, modalidades e países (SCHINKE et al., 2020; TINGAZ, 2020), independente de sua dimensão social.

Pesquisas sobre o cuidar voltado para atletas estudantes colegiais e de universidades de diferentes modalidades foram desenvolvidas por Graupensperger et al. (2020) e Sanborn et al. (2021). A partir dessas leituras, pode-se dizer que os cancelamentos de competições, assim como os afastamentos dos vestiários e as paralisações frequentes de treinos, foram especialmente sentidos pelos atletas mais novos. Estes achados corroboram com os encontrados por González-Hernández et al. (2021), que apontavam para uma dificuldade em atletas jovens em lidar com as consequências da pandemia no mundo esportivo.

No que tange aos diferentes países, Costa et al. (2020) fizeram uma análise com 1.132 atletas italianos de diferentes modalidades e perceberam que a pandemia teve um forte impacto negativo e estressante nesses atletas. Já González-Hernández et al. (2021) buscaram os impactos em atletas profissionais e do cenário da elite esportiva espanhola e concluíram que, durante os primeiros meses da COVID-19, atletas experimentaram incerteza que ultrapassam o mundo competitivo e suas carreiras, pois são referentes às suas vidas pessoais. As/os atletas espanhóis apresentaram diferenças preocupantes nos níveis de ansiedade, depressão, estresse, alexitimia e comportamentos disfuncionais como vício em jogos de apostas (GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ et al., 2021).

Na perspectiva das diferentes modalidades, Herrera-Valenzuela, Valdés-Badilla e Franchini (2020) publicaram recomendações voltadas para atletas de esportes de combate. Já Bertollo et al. (2021) escreveram sobre o ciclismo profissional em tempos pandêmicos e da Silva, Santos e Nakano (2022) sobre o futebol brasileiro. As pesquisadoras defendem que “os atletas jovens sentiram esse impacto de forma mais intensa” (p. 2). Dados similares foram encontrados por Graupensperger et al. (2020) e Sanborn et al. (2021) em diferentes modalidades, como atletismo, basquete, baseball, ciclismo, ginástica, golfe, *lacrosse*, *softball*, vôlei e *wrestling*.

Para Gucciardia, Hantonb e Fleming (2016), os aspectos psicológicos da saúde e do desempenho de atletas ganharam maior atenção nas duas primeiras décadas deste milênio. O problema é que existe um grande estigma na cultura esportiva em que o desejo de obter ajuda profissional é acompanhado pelo medo de receber o rótulo de alguém mentalmente fraco (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016). Em outras palavras, inadequada/o para a prática esportiva. O que deixa registrado que a preocupação com a saúde mental das/os atletas não começou com a pandemia.

Barreira, Telles e Filgueiras (2020, p. 10) vão além e indicam que,

seja no âmbito do alto rendimento ou da prática recreativa, quando reúnem-se essas questões, o que podemos pensar é que há uma parcela da população que não tem acesso ao tratamento e ao cuidado da saúde mental, e que não o tem por diversas questões: o medo do estigma, o desconhecimento e o preconceito com a saúde mental, a falta de investimento dos gestores esportivos e o despreparo dos próprios profissionais da Psicologia em lidar com as demandas e questões do esporte.

Essa perspectiva estigmatizada se dá pela crença de que as/os atletas de alto rendimento estão acostumadas/os a atuar sob pressão. Sendo assim, procurar ajuda de uma profissional de Psicologia não condiz com as expectativas populares. A questão é que a pandemia da COVID-19 e a convivência inesperada com uma doença desconhecida sem tratamento, assim como a incapacidade de determinar as repercussões psicossociais e econômicas e a incerteza de como lidar com o vírus, foram e ainda são situações excessivamente traumáticas, inclusive para atletas (GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ et al., 2021).

Pode soar contraditório, mas as consequências negativas em relação ao cancelamento e ao adiamento das competições esportivas durante esses tempos difíceis abriu a possibilidade de atletas serem vistos como legítimos seres humanos e não mais como emocionalmente inabaláveis (SCERRI; GRECH, 2021). Multicampeões esportivos, como Naomi Osaka (tênis),¹⁰ Simone Biles (ginástica)¹¹

¹⁰ https://www.espn.com.br/tenis/artigo/_/id/8719828/numero-2-do-mundo-osaka-abre-o-jogo-sobre-saude-mental-e-desiste-de-roland-garros

¹¹ <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/simone-biles-sobre-desistencia-elas-trabalharam-duro-demais-para-eu-estragar-tudo.ghtml>

e Gabriel Medina (surfe),¹² para ficar entre os casos mais conhecidos mundialmente, puderam falar sobre condições emocionais e receberam acolhimento, pelo menos por uma parte da sociedade.

Ausência de treinamento e competição organizados, falta de comunicação adequada entre atletas e treinadores, incapacidade de se movimentar livremente e condições inadequadas de treinamento são consequências negativas surgidas a partir do isolamento social demandado pela pandemia (SCERRI; GRECH, 2021). Porém, não foram só as dificuldades enfrentadas na pandemia que as/os atletas manifestaram. Esse período pandêmico ofereceu oportunidades para que atletas pudessem refletir, reavaliar, revisar e reformar novos planos de carreira.

A pandemia ampliou algo que já vinha sendo discutido nas últimas décadas. Em 2016, Gucciardia, Hantonb e Fleming (2016) já indicavam pesquisas que traziam revisões sistemáticas sobre saúde mental e bem-estar. Os resultados indicavam que os níveis de ansiedade e depressão, entre outros sintomas, em atletas que vivem profissionalmente do esporte são maiores do que os da população em geral. Ou seja, a percepção estigmatizada para com atletas simplesmente não faz e nunca fez sentido. É fruto de um imaginário coletivo muito danoso à saúde das/os esportistas.

Apesar da existência de serviços psicológicos em contextos esportivos, até então não era comum atletas utilizarem esses espaços devido aos estigmas negativos (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016). Nunca houve momento mais oportuno para que atletas busquem profissionais da Psicologia do Esporte deixando de lado tais estigmas. A pandemia da COVID-19 trouxe lacunas importantes na vida de atletas, porém, é importante lembrar que, durante toda a trajetória profissional de um/a atleta, a estabilidade emocional é extremamente necessária e deve ser buscada (GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ et al., 2021).

Para isso, todas/os as/os envolvidas/os, torcidas, familiares, treinadoras/es, psicólogas/os e imprensa, precisam ser flexíveis e criativas/os, visto que o cenário que surgiu a partir da pandemia foi completamente inédito para quem o vivenciou.

¹² <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/gabriel-medina-desiste-das-primeiras-etapas-do-wsl-para-cuidar-da-saude-mental/>

Atletas costumam fazer parte de um sistema amplo e complexo que envolve comunidades que incluem outras/os atletas, equipes multidisciplinares, famílias e sociedades locais, nacionais e internacionais (SCERRI; GRECH, 2021).

Sem dúvida, a pandemia mudou o comportamento de atletas. Estudos recentes forneceram evidências dessa realidade (GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ et al., 2021). A Psicologia do Esporte, então, mais uma vez, foi convocada a buscar o equilíbrio ideal entre otimizar a saúde e o desempenho (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016). A relação entre saúde e estabilidade psicológica parece ser promissora.

Sabe-se que o estresse é uma marca constante no esporte desde antes da pandemia da COVID-19 (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016). Faz tempo que a prática esportiva pode elevar a predisposição ao risco de desenvolver sintomas emocionais, transtornos mentais e psicopatologias (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020). São muitas as razões que apontam para a vulnerabilidade da saúde emocional das/os atletas profissionais.

González-Hernández et al. (2021) sugerem que atletas que indicam alta propensão a apresentar sintomas de ansiedade, estresse e depressão costumam apresentar baixa estabilidade psicológica. Os mesmos autores afirmam que quanto maior a ansiedade, a incerteza, e os pensamentos catastróficos mais jovens são os atletas.

Gucciardia, Hantonb e Fleming (2016) apontam para: (i) o tempo e a energia investidos durante a vida toda, (ii) o compromisso com a identidade de atleta acompanhado da negligência de outros aspectos de si mesmo, (iii) os fracassos competitivos, (iv) as lesões e (v) a distância das relações afetivas com familiares e amigas/os. Por isso a importância do acompanhamento psicológico, preferencialmente de um/a profissional da Psicologia do Esporte. O mais indicado é que o acompanhamento psicológico com atletas profissionais seja preventivo, visto que as pessoas com baixa tolerância ao sofrimento percebem-no como insuportável, inaceitável e incontrolável, e são excessivamente reativas ao estresse e a outros sintomas (GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ et al., 2021).

O quanto as adversidades e os aspectos estressores serão prejudiciais ao desempenho e à saúde mental de atletas profissionais dependerá dos recursos disponibilizados para lidar com esses eventos (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016). Para isso,

é de suma importância que a Psicologia do Esporte seja uma disciplina lecionada, estudada e praticada nas universidades, nos congressos e dentro dos Sistema Conselhos. Sem entender as nuances do esporte e as particularidades desses indivíduos, não há como endereçar os cuidados adequados (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020, p. 10).

Independentemente de atletas serem ou não mais vulneráveis a problemas de saúde mental quando comparadas/os com a população em geral, é importante que estejam acompanhadas/os de profissionais da saúde para ajudar a reduzir e prevenir os sintomas e as disfunções associados (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016).

As situações clínicas narradas nesta tese apresentam três casos diferentes, exemplos de como a pandemia atravessou a vida de quatro atletas que contaram com o trabalho da Psicologia Analítica do Esporte para vivenciar tal enfrentamento.

3 A PSICOLOGIA ANALÍTICA DO ESPORTE É ESCALADA

3.1 Primeira bateria – Entre tantas, a Psicologia Analítica

Cada profissional tem seu percurso. Este percurso muitas vezes acaba por reger a linha teórica que a/o profissional adotará como base. O que me leva a escrever a partir da Psicologia Analítica fica justificado pelo caminho profissional descrito no primeiro capítulo desta tese. A experiência na Casa das Palmeiras, a primeira especialização cursada e as supervisões com Jorge Braga, sem dúvida, foram fundamentais.

Só que não é só isso. A forma como Jung propõe o encontro analítico e sua proposta teórica sobre o processo de individuação fazem parte do meu fazer profissional e acadêmico. Desta forma, o presente capítulo tem por propósito mergulhar nesta questão. O objetivo é clarificar escolhas, bem como explicar as condutas, a modalidade de escuta e as intervenções em cada situação clínica presente na tese.

Nas obras completas de Carl Gustav Jung, o volume 16/1 recebe o nome de *A Prática da Psicoterapia*. Nele, nove capítulos apresentam o que o autor entendia como psicoterapia. Vale ressaltar que os livros de Jung não foram organizados a partir de uma lógica temporal. Os organizadores da coleção optaram fazê-lo obedecendo uma logística temática. A primeira edição brasileira de *A Prática da Psicoterapia* foi lançada em 1957.

O primeiro capítulo do livro refere-se a uma conferência realizada em 1935, já o último a uma publicação na *Dialectica, Neuchâtel* de 1951. Ambos apresentam os princípios e as questões básicas da prática da psicoterapia na perspectiva junguiana, além da história da psicoterapia. Dão destaque também ao processo psicoterapêutico como dialético e apontam para os riscos que há quando psicoterapeutas se apegam a uma única metodologia de trabalho ou a uma única proposta teórica.

Nos outros capítulos, o autor faz dialogar a psicoterapia com a época vivida por ele. Alguns desses diálogos ajudam, inclusive, a pensar os dias de hoje. Uma das perspectivas interessantes na abordagem junguiana é que o autor sempre deu destaque à pluralidade de olhares possíveis que há na Psicologia:

Uma apreciação objetiva dos fatos reais mostra, no entanto, que cada um desses métodos e teorias têm sua razão de ser, não só pelo êxito obtido em certos casos, como também por mostrarem realidades psicológicas que comprovam amplamente os respectivos pressupostos. (JUNG, 2013, p. 14).

Jung amplia sua visão plural para além das fronteiras da Psicologia. Para ele, ciência alguma continuou viva sem considerar os pontos de vista divergentes. Diz Jung (2013, p. 14): “a existência de contradições válidas põe em evidência as dificuldades extraordinárias que o objeto da investigação coloca à inteligência do pesquisador.” Seguindo o pensamento do autor, pensar em Psicologia é perceber que “não existe teoria alguma no vasto campo da psicologia prática que, dependendo do caso, não possa estar completamente errada.” (JUNG, 2013, p. 132).

Jung não apenas escrevia sobre a importância do diálogo entre diferentes perspectivas teóricas, mas a adotava. Este tema, por exemplo, foi vastamente abordado na dissertação de mestrado de Pedro Henrique Costa de Resende, orientada pelo Prof. Dr. Walter Melo, que trata do encontro, teórico e pessoal, de Carl G. Jung com o filósofo estadunidense William James (1842 – 1910) (RESENDE, 2016). Nela, o autor afirma que o próprio suíço diz que William James foi um grande incentivador de suas pesquisas.

Encontramos referências ao pensador estadunidense desde a primeira obra de Jung – no texto intitulado “Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos”, encontrado no volume I das Obras de Jung – até os seus últimos textos – no trabalho “Símbolos e Interpretação dos Sonhos”, publicado em *O homem e seus símbolos* (JUNG, 2002). Este livro foi publicado três anos após o seu falecimento. O primeiro texto traz trechos da tese de doutorado de Jung, publicada,

posteriormente, como o primeiro capítulo de suas obras completas, em 1971, *Estudos Psiquiátricos* (JUNG, 1993).

Jung, que na época pesquisava narcolepsia, letargia, automatismo ambulativo, amnesia periódica, sonambulismo e mentira patológica, cita um caso narrado por William James sobre amnésia (JUNG, 1993) e outro sobre aquilo que Jung (1993, p. 70) chamou de “mudança espontânea de caráter”. As referências a William James são vistas ao longo de toda a obra, dentre elas a percepção que Jung desenvolveu sobre o processo dinâmico da psique:

Os efeitos da teoria jameseana podem ser verificados nos estudos psiquiátricos de C. G. Jung, passando pela influência da tipologia, pluralismo e pragmatismo em várias obras, até as referências à teoria das emoções de James. Destacamos, ainda, os estudos acerca do inconsciente em Jung, que são perpassados pela utilização de expressões como *fringe of consciousness*, *subliminal consciousness* e *field of consciousness*, típicas da teoria jameseana. Por fim, o elemento central desta pesquisa, a psicologia da experiência religiosa, que é analisada por Jung na mesma linha de pensamento de *The Varieties of Religious Experience* (1902) (RESENDE, 2016, p. 6).

3.2 Segunda bateria – Psicologia do Esporte e Psicologia Analítica

A escolha da Psicologia Analítica como base teórica original da presente pesquisa se dá por dois fatores: (i) por sua presença em minha trajetória pessoal e profissional, desde a graduação até tornar-me psicólogo e (ii) por encontrar nela pistas interessantes para a Psicologia do Esporte conciliar o desenvolvimento da teoria e da prática psicológicas com a experiência vivida por pessoas envolvidas com a atividades esportivas.

Não há aqui a pretensão de introduzir os conceitos básicos da Psicologia Analítica. Nise da Silveira (1997) já fez isso brilhantemente em *Jung: Vida e Obra*. Os dois conceitos propostos por Jung e que ajudam a pensar a Psicologia Analítica do Esporte são os de processos de individuação e de opostos complementares e compensatórios.

Na verdade, são escassas as publicações que propõem a aproximação da Psicologia do Esporte com a Psicologia Analítica. Todavia, esta não é a primeira tese de doutorado que pesquisa esse diálogo. Cowen (2019) propõe que a concepção de uma psique holística e teleológica defendida por Carl Gustav Jung pode contribuir para o exercício de compreender os fenômenos presentes nas ações dos atletas a partir da Psicologia do Esporte. Para o autor, o desenvolvimento de uma Psicologia Analítica do Esporte pode servir de base para explorar a relação dialética entre excelência pessoal e excelência de desempenho.

A maior aproximação com a tese de Cowen (2019) na presente obra se dá por ambas entenderem a importância da totalidade de um/a atleta a partir da compreensão de seu ser, enquanto pessoa, e do que é capaz, enquanto atleta (COWEN, 2019). Isso indica uma relação de interdependência entre o que ocorre dentro e fora da prática esportiva. Em outras palavras, o desempenho não é apenas uma função da/o atleta, mas da pessoa como um todo.

Há outros trabalhos encontrados que tratam da Psicologia do Esporte a partir da Psicologia Analítica, por exemplo, a dissertação produzida por Matarazzo (2013), três artigos que abordam a teoria dos tipos psicológicos¹³ de Jung (BEAUCHAMP; MACLACHLAN; LOTHIAN, 2005; SCOPEL; ANDRADE; CENTENARO, 2006; SCOPEL; BARTILOTTI; CRUZ, 2006) e mais um que propõe uma leitura simbólica do futebol no Brasil (BYINGTON, 2019). Encontramos também um livro de Stein e Hollwitz (1994) que tem como destaque o capítulo em que James Hillman (1926 – 2011) discute as torcidas na perspectiva arquetípica, além da obra nacional em que, junto com Amato (2019), apresento a teoria dos arquétipos em diálogo com atletismos e adolescência.

Um tema fundamental em Jung (2014) e que ajuda a entender as situações clínicas narradas, analisadas e discutidas nesta tese é sua definição de processo de individuação. Para ele, o processo de individuação é

¹³ A Psicologia Analítica percebe a forma com que o ser humano se relaciona com o mundo a partir de dois tipos psicológicos: extrovertido e introvertido. Estes dois tipos se dividem em quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Para uma leitura mais aprofundada, Jung (ano) escreveu o livro chamado *Tipos Psicológicos*.

a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. (JUNG, 2014, p. 64).

Sendo assim, trata-se de um processo contínuo de tornar-se si-mesmo (*Verselbstung*) ou de realizar-se a si-mesmo (*Selbstverwirklichung*). Uma jornada rumo à totalidade de si mesmo:

A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é (JUNG, 2014, p. 65).

A partir de tal concepção, se faz possível entender que a performance esportiva é uma consequência da pessoa como um todo. Tudo o que constitui a pessoa deve ser a principal preocupação mais completa da própria performance (COWEN, 2019). Por isso, o cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte propõe o mapeamento dos fatores contextuais mediadores entre a pessoa e o desempenho, além de explorar a base potencial sobre a qual o nível intrapessoal e o desempenho esportivo estão relacionados entre si.

Uma coisa é dizer que existe uma relação entre o desempenho e a pessoa, uma tarefa totalmente diferente é delinear a base psicológica na qual os dois são inseparáveis (COWEN, 2019). Para isso, é necessária uma compreensão mais completa do próprio psiquismo, que busca reconhecer sua totalidade, consciente e inconsciente, a fim de oferecer a possibilidade de identificar mecanismos mais gerais subjacentes à relação pessoa-performance.

Beauchamp, MacLachlan e Lothian (2005) vão além e pensam na importância do funcionamento psíquico em uma equipe a partir da Psicologia Analítica. Os autores defendem que, quando há um trabalho que oferece apoio à/ao atleta a tornar-se si-mesmo, tomando consciência de suas próprias preferências e personalidades, além de conhecer mais a fundo as preferências das pessoas com quem interagem, há uma maior possibilidade de alcançar as metas, visto que facilita a abertura de uma base eficaz para o funcionamento aprimorado da equipe.

Em outras palavras, o que Beauchamp, MacLachlan e Lothian (2005) sugerem é uma Psicologia do Esporte com base na Psicologia Analítica que aposte em uma equipe esportiva que busque um melhor entendimento entre seus membros. É um começar a entender os outros com quem interagem, suas personalidades e necessidades. Isso pode permitir que eles adaptem de forma mais eficaz seus comportamentos e suas comunicações para se conectarem com sucesso uns aos outros. O que pode, por sua vez, facilitar um melhor funcionamento do grupo.

Propor um cuidarCOM a partir da Psicologia Analítica do Esporte é sugerir que olhar para o desempenho é olhar para o próprio funcionamento psíquico da/o atleta e para os atravessamentos em quem vivencia o processo. Isso porque o desempenho é visto como parte de um processo psicológico maior, ao invés de meramente um fim em si mesmo (COWEN, 2019). Sendo assim, se a performance é vista como um processo da pessoa para a Psicologia do Esporte, trabalhar considerando a importância da performance se faz necessário à compreensão da natureza do mundo intrapsíquico.

A Psicologia Analítica do Esporte oferece uma base adicional para explorar o mundo intrapsíquico de quem vive do esporte e, por extensão, fortalece a relação pessoa-atleta com base em uma conceituação dinâmica da psique. Os processos e objetivos psicológicos associados ao esporte não podem ser separados do processo da própria psique, o que para a Psicologia Analítica é o processo de individuação. Desta forma, se faz importante uma leitura do que Jung considerou que compõe a psique humana.

Jacobi (2017) defende que, para compreender o que Jung teorizou em relação à dinâmica da psique, é fundamental partir da proposta de opostos complementares. Isto é, estrutura consciente e inconsciente, comportamento extrovertido e introvertido e orientação externa e interna. Os processos da psique, para a Psicologia Analítica, resultam em um movimento de balanceamento da energia baseado no gradiente e na diferença de potencial entre seus polos compensatórios (JACOBI, 2017).

A Psicologia Analítica do Esporte parte da análise entre os campos compensatórios para examinar os desempenhos de atletas e suas variações (COWEN, 2019). Jung, em seu livro *O Eu e o Inconsciente*, nos diz:

Na medida do alcance de nossa experiência atual, podemos dizer que os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. Uso de propósito a expressão “compensatória” e não a palavra “oposta”, porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si-mesmo (Selbst) (Jung, 2014, p. 68).

O próprio processo de individuação é caracterizado pela interação dialética e compensatória de nossa natureza psíquica, onde o objetivo é avançar para uma maior integração do eu e da totalidade. Assim, o processo de individuação requer o reconhecimento de quem somos agora e de quem podemos nos tornar na forma de autorrealização. Estamos sendo e nos tornando ao mesmo tempo (COWEN, 2019).

Para Cowen (2019), o esporte em si fornece meios para que as pessoas realizem seu potencial através da adaptação, ao mesmo tempo em que destaca aquilo que é limitante dentro do próprio ser humano. Quem já trabalhou de perto com atletas durante um período de tempo ou leu relatos autobiográficos de suas histórias consegue perceber rastros do processo de individuação ao analisar as características contínuas do desenvolvimento de um/a atleta. Ou seja, o próprio desenvolvimento de um/a atleta é uma consequência compensatória.

Cowen (2019), ao falar do desenvolvimento de atletas, destaca a perspectiva holística na carreira e suas respectivas performances, que são inseparáveis de tudo o que constitui a/o atleta. Isso porque atletas têm sonhos que transcendem o esporte e o esporte se faz como um meio potencial para a realização desses sonhos. A Psicologia Analítica do Esporte, então, sugere que a variação no desempenho esportivo pode ser em parte atribuída à expressão complementar de progressão e regressão.

Jung (1971) definiu progressão e regressão como processos de adaptação contínua, o primeiro referente às condições ambientais e o segundo às do mundo interior. Se a progressão é a adaptabilidade do ser humano ao seu mundo externo,

por exemplo, às exigências objetivas do esporte, como placar final de um embate, a regressão é o confronto com a própria psique, ou seja, a subjetividade do atleta (COWEN, 2019). Desta forma, a relação de regressão e progressão da Psicologia Analítica representa a tensão dinâmica entre a tendência à auto-organização ao ou equilíbrio psíquico de atleta na Psicologia Analítica do Esporte.

O desempenho esportivo acaba por reconciliar esses polos compensatórios, o que permite que atletas usem o esporte para vivenciarem o processo de individuação (COWEN, 2019). Do ponto de vista da Psicologia Analítica do Esporte, o desempenho também representa a subjetividade da pessoa, na medida em que expressa processos intrapsíquicos. O desempenho, então, oferece uma importante interseção entre sujeito-objeto e pessoa-atleta, em que a variação associada representa a oscilação entre esses polos compensatórios.

Para Cowen (2019), a Psicologia Analítica de Jung baseou-se na noção de equilíbrio como um ponto de convergência entre o mundo físico, objetivo e a psique, subjetivo. Para o autor, explorar os pontos de convergência dos polos compensatórios oferece uma base que leva a um aprofundamento de nossa compreensão dos fenômenos psicológicos dentro do esporte. Por isso, se a Psicologia do Esporte se compromete a entender a inter-relação da pessoa com a/o atleta, encontrar os mecanismos para sua complementaridade é uma preocupação primordial.

Farah (2016) diz que, para Jung, o próprio inconsciente se comporta de forma a compensar ou complementar a consciência e vice-versa, e isso é da própria natureza humana. A confrontação da consciência e do inconsciente pode ser comparada a um diálogo entre duas pessoas que têm direitos iguais para falar e apresentar seus argumentos e posições. Ambos devem ser considerados para que originem o terceiro elemento dessa relação, que não exclui os anteriores, mas abre uma nova possibilidade de enfrentamento de situações problemáticas e ampliação da consciência.

Jung (2013, p. 53) diz que, para isso acontecer, é fundamental que a/o psicóloga/o não tenha objetivos demarcados, “pois dificilmente ele vai saber mais do

que a própria natureza ou a vontade de viver do paciente”. Ao considerar a Psicologia Analítica do Esporte, isso também significa não realizar o trabalho focando em resultados esportivos de atleta. Beauchamp, MacLachlan e Lothian (2005) nos dizem que na Psicologia Analítica há um sistema autorregulador da psique humana em que os indivíduos são agentes de seu próprio desenvolvimento e são também responsáveis pelo encontro com o outro.

Sobre isso, Jung (2014, p. 69.) escreveu:

Os processos inconscientes compensadores do eu consciente contêm todos os elementos necessários para a autorregulação da psique como um todo. No nível pessoal, tais processos inconscientes são constituídos por motivos pessoais que a consciência não reconhece, mas que afloram nos sonhos, ou são significados de situações cotidianas negligenciadas, de afetos que não nos permitimos e críticas a que nos furtamos. Entretanto, quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, susceptível e pessoal do eu, aberta para a livre participação de um mundo mais amplo de interesses objetivos. Essa consciência ampliada não é mais aquele novelo egoísta de desejos, temores, esperanças e ambições de caráter pessoal, que sempre deve ser compensado ou corrigido por contratendências inconscientes; tornar-se-á uma função de relação com o mundo de objetos, colocando o indivíduo numa comunhão incondicional, obrigatória e indissolúvel com o mundo. As complicações que ocorrem neste estágio já não são conflitos de desejos egoístas, mas dificuldades que concernem à própria pessoa e aos outros.

Quando o desempenho é visto como produção unicamente da/o atleta estabelece-se uma separação entre pessoa e atleta, assim como entre coletivo e atleta. Nestas horas, a pessoa e o coletivo representam, potencialmente, uma ameaça ou barreira à excelência atlética. Porém, se entendemos que focar na pessoa é focar na/o atleta e focar na/o atleta é focar na pessoa, potencializamos a possibilidade da vivência esportiva plena dentro do coletivo vivido.

Cowen (2019) afirma que a prática esportiva por si só não tem como objetivo priorizar o desenvolvimento do eu sobre o desempenho ou vice-versa. O autor segue Beauchamp, MacLachlan e Lothian (2005), que dizem que, quando se considera a totalidade pessoa/atleta, surge uma percepção importante sobre as/os mesmos que condiciona nossas atuações enquanto psicólogas do esporte.

Desta forma, além do reconhecimento da complementaridade sujeito-objeto e consciência-inconsciência, a Psicologia Analítica do Esporte convida que se considere o processo de individuação de cada atleta, pois o ser humano é composto de fatores puramente universais (JUNG, 2014). Ou seja, a/o atleta, que é um ser humano, é um ser coletivo e vive na coletividade. Por isso esta tese se propõe a pensar o cuidarCOM na e da Psicologia Analítica do Esporte em um período específico, vivido recentemente por toda a humanidade.

3.3 Terceira bateria – O cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte e suas pistas

No início da Psicologia do Esporte, quando se utilizava a expressão Psicologia do Esporte Clínica, não se fazia referência ao trabalho realizado em consultórios. Era sim a forma de se nomear qualquer tipo de intervenção da Psicologia do Esporte. Esta tese tem como propósito discutir tal intervenção com foco no cuidar. Um cuidar influenciado por aquilo que Jung chamou de dialético.

O termo dialético aqui deve ser compreendido a partir da Psicologia Analítica proposta por Jung (2013, p.13), isto é, “um diálogo ou discussão entre duas pessoas.”. Para o autor, toda pessoa é um sistema psíquico que, ao se relacionar com outrem, interage e transforma, mutuamente, outro sistema psíquico. A Psicologia Analítica do Esporte observa tal interação psíquica mútua no encontro entre psicólogas/os e atletas.

Independentemente da abordagem teórica da/o psicóloga/o ou do tipo de modalidade e da dimensão social do esporte praticado, preconiza um cuidar focado mais nas/os atletas enquanto seres humanos do que na performance e no desempenho esportivos. Sendo assim, um cuidarCOM se dá entre a pessoa que está ali enquanto psicóloga e a pessoa da/o atleta. Um cuidarCOM aquela pessoa que, entre outras tantas coisas, é atleta. Um cuidar a dois onde “o terapeuta não é mais um sujeito ativo, mas ele vivencia junto o processo” (JUNG, 2013, p. 8).

Pieri e Garcia (2020), no livro *Esporte, Saúde Mental e Sociedade*, afirmam que falar sobre a prática do cuidar é um tema, constantemente, encontrado na Psicologia. No livro citado, o capítulo “O Cuidar na Psicologia do Esporte” apresenta uma lista de publicações que falam sobre o cuidar em diferentes contextos. Para a construção da presente tese, além da compreensão do cuidar a partir da dialética junguiana, outras perspectivas foram utilizadas. Principalmente a de pesquisarCOM, que pode ser melhor compreendida em Moraes (2010) e Arendt, Moraes e Tsallis (2015).

Tanto Moraes (2010) quanto Arendt, Moraes e Tsallis (2015) afirmam que pesquisarCOM envolve todas/os as/os participantes da pesquisa, a partir de uma aprendizagem tanto de quem pesquisa quanto de está sendo pesquisada/o:

É nessa direção que Moraes (2010) cunha o PesquisarCOM. O COM é uma preposição, ela se anuncia como um ponto de partida para o trabalho de pesquisa, sem contudo informar o resultado. (...) Uma importante dimensão do fazerCOM outros a pesquisa é que se aposta na conexão, no que ela faz fazer a todos os envolvidos no dispositivo de pesquisa (ARENDR; MORAES; TSALLIS, 2015, p. 1155).

É sabido que a aproximação teórica aqui proposta se dá com autores e autoras que não necessariamente dialogam intencionalmente entre si, por virem de contextos diferentes. Há a compreensão de que escreviam de lugares, tempo histórico e embasamento teórico distintos. Entretanto, todos ajudam a pensar sobre este cuidarCOM.

São diversas as publicações que dizem que atletas tendem a performar melhor quando cuidadas/os como humanas/os (BERGERON et al., 2015; BERNARDES; YAMAJI; GUEDES, 2015; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; JAYANTHI et al., 2013; PIERI; GARCIA, 2020). Na verdade, tende não só a performar, mas a ter o desejo de permanecer quando se percebe visto como ser e não como máquina que precisa apresentar resultados (BERGERON, et al., 2015; KALINKA; PIERI, 2019; PIERI; AMATO, 2019), visto que o ser atleta é só mais uma condição daquele ser, só

mais uma persona¹⁴ dentre tantas outras. CuidarCOM o ser, verás que o atleta também será cuidado.

A proposta aqui é pensar em um cuidarCOM cujo objetivo é impedir que a/o humana/o na/o atleta venha a morrer, restando apenas a/o atleta. A presente tese sugere que, mesmo tendo em Jung a espinha dorsal para pensar o cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte, outros autores, além dos até aqui citados, podem ajudar a pensar o cuidar(COM) na Psicologia do Esporte.

Nesta perspectiva, quando Costa (2009), por exemplo, fala sobre a não distinção entre o cuidar e o viver, ele se refere ao fato da vida ser feita a partir dos encontros. Estes encontros, para a Psicologia Analítica, são dialéticos, e por isso provocam transformações mútuas. Percepção que aqui é aproximada à de Bellacasa (2012, p. 206), ao dizer que “aqueles que cuidam também serão movidos.” Para Moraes (2010, p. 30),

no lugar da distribuição assimétrica que separa o pesquisador do pesquisado, entra em cena uma outra distribuição da capacidade de agir, isto é, aquele que é interpelado, torna-se ativo no sentido de participar ativamente do dispositivo de intervenção.

O texto *Lógica do Cuidado* (Mol, 2008) também pode ajudar a pensar a proposta do cuidarCOM. Nele, a autora descreve a ética do cuidar como algo diário, que vai se constituindo a partir da prática. Desta forma, o cuidado não é um produto limitado, mas sim um processo contínuo. Assim como Mol, Bellacasa (2012, p. 209) também pensa o cuidar como um processo contínuo. A autora escreve sobre o “olhar para o cuidado como um compromisso prático cotidiano, como algo que fazemos e que afeta o significado de pensar-com”, e completa o que havia dito na página 198: “Isso não só porque as relações envolvem cuidado, mas porque o cuidado é em si mesmo relacional (...) cuidar de alguma coisa ou de alguém é inevitavelmente criar relação.”

O cuidarCOM, então, se dá na dialética, pois existe tanto na/o atleta quanto na/o psicóloga/o. É um cuidar focado no acolhimento, onde o conhecimento técnico

¹⁴ Para a Psicologia Analítica, persona é uma aparência que o ser humano utiliza como mecanismo de defesa para estabelecer contato com o mundo exterior (Silveira, 1997).

e científico não ficam maiores do que os sujeitos no processo (PIERI; GARCIA, 2020). Um cuidar côncavo e não convexo, pautado na horizontalidade: “Trata-se de afirmar a pesquisa como uma prática performativa que se faz com o outro e não sobre o outro.” (MORAES, 2010, p. 42).

Só assim será um cuidar no gerúndio. O próprio ser humano é um ser do gerúndio, assim como os processos que vivencia. Na Psicologia e no pesquisar não seria diferente: “O carimbo da psicologia é marcado pelo pesquisar dialogando com os praticantes, sujeito que vivencia o percurso.” (PIERI; TSALLIS, 2021, p. 105).

A Psicologia do Esporte aqui proposta entende que com atletas também não seria diferente. A aposta da presente tese é que, ao narrar as situações clínicas, trazendo o dia a dia de cada encontro com atletas, surge uma boa oportunidade de ilustrar como esse cuidar pode forjar a prática da Psicologia Analítica do Esporte, pois atletas são seres humanos e precisam e muito de cuidado. Mesmo que por muitas vezes pareçam pertencentes ao Olimpo Divino (AMATO; RUBIO, 2019; RUBIO, 2001), trilham seus processos de individuação repletos de opostos complementares.

Em relação ao contexto histórico da pandemia, não foram apenas as/os atletas que vivem do esporte enquanto competição profissional que tiveram que interromper as suas atividades esportivas (YOUSFI et al., 2020). Todavia, evidências apontam que atletas de elite podem apresentar maior vulnerabilidade emocional quando comparados com a população em geral (GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016).

É verdade que pesquisar o cuidar não é algo novo. Há quem possa, inclusive, dizer que a própria Psicologia, entre tantas outras, é uma profissão do cuidar. Por este motivo, a presente tese traz algumas referências que me atravessaram e me ajudam a pensar o cuidarCOM na Psicologia do Esporte.

Parece que nós, profissionais de Psicologia do Esporte, começamos a entender a importância do olhar para as pessoas, mesmo quando seguimos mais atentos às suas produções como atletas. As situações clínicas narradas na presente

tese mostram que perceber atletas como sujeitos é perceber também a relação e a/o profissional psicóloga/o dentro da relação.

O que realizamos na vida, seja concretamente ou na imaginação, sempre tem uma história, decorre da formação de ideias apreendidas nas interações vivenciadas em sociedade e no mundo da cultura. Isso significa que nossa vida se organiza com base nas experiências e nos saberes acumulados ao longo da própria vida e das vidas daqueles que nos atravessam.

Nossas ações não são gratuitas ou aleatórias, ao contrário, somos o que fazemos da nossa vida e do que fizeram conosco. Cada percurso é sempre singular e o desenvolvimento pessoal acontece concomitantemente ao cultural e social. O cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte busca compreender a natureza social das funções psíquicas, que são relações sociais internalizadas e dizem respeito ao que é cultural na vida das/os atletas.

A história da humanidade perpassa pelas transformações que o ser humano produziu na natureza, através do trabalho, e também nas que cada pessoa realiza na sociedade como parte da sua contribuição para a humanidade. Esta afirmação nos leva a pensar sobre a importância da participação de atletas e dos esportes no mundo.

Lembro-me agora de um atleta de beisebol que comecei a acompanhar e como o encontro me suscitou e me possibilitou direcionamentos que até então eu não tinha:

Fabio tinha 15 anos. Era um adolescente venezuelano, magro e alto. Veio para o Brasil por uma empresa esportiva que trabalha com agenciamentos de atletas. Foi ele quem me procurou e pediu que o acompanhasse. Os motivos? Fabio não teve fácil adaptação no novo país. Além disso, a distância familiar e a realidade em seu país o deixavam muito preocupado. Fabio só tinha sua mãe no Brasil e era sempre muito doloroso quando se comunicava com familiares que haviam ficado na Venezuela. Principalmente com a sua avó, de quem dizia ter muitas saudades.

Ao ser procurado pela empresa respondi que precisava ter uma entrevista inicial com os dois, Fabio e sua mãe, Valquiria. A intenção era ouvir e perceber a

existência daquelas ou de outras possíveis demandas de ambos. Precisava entender se a necessidade do acompanhamento psicológico era da empresa ou do atleta. Após a entrevista inicial que ocorreu *online* (eles não moravam no Rio de Janeiro), concordamos em dar sequência ao trabalho:

Durante a consulta Fabio estava muito quieto. Respondia apenas as perguntas para ele direcionadas. Aparentava ser um adolescente tímido. Já Valquíria era bem comunicativa. Eles estavam no quarto do centro de treinamento dele, que fica em Ibiúna, SP, onde a *internet* estava com baixo sinal, o que acabou impactando a comunicação. A única coisa que era possível ver pela tela do celular eram seus rostos e uma parede, que parecia um dia ter sido branca, atrás. Sobre a *internet* se desculparam mais de uma vez, mesmo eu não tendo dito nada. Disseram que não sabiam bem como estaria a rede, mas que era o único local em que poderiam fazer juntos a sessão. O horário foi marcado para a noite porque ela, que é professora na Venezuela, trabalha em uma padaria durante o dia, e à noite ele só poderia receber visitas após o jantar coletivo com toda equipe, 21h.

Fabio disse que já tinha tido acompanhamento psicológico quando morava na Venezuela, principalmente para lidar com a relação de divórcio dos pais. No Brasil esteve, por duas vezes, com a psicóloga da escola em que estuda. “Eu sofri muito *bullying* por ser de outro país. Agora está tudo bem”.

Afinal, quem havia encaminhado tinha sido a empresa que estava investindo na formação esportiva do menino. Ao perceber esta possibilidade, compreendi que a resposta viria com as consultas subsequentes. Teria que ficar muito atento. Além disso, ele já tinha abandonado um acompanhamento psicoterapêutico no Brasil. Qual teria sido a razão?

“Tenho muita falta de concentração durante as partidas”, Fabio logo respondeu.

“Ele sofreu muito *bullying*. Além disso, acho fundamental Fabio ter alguém para conversar... desabafar. A distância da família e da Venezuela não tem sido fácil”, emendou Valquíria enquanto ele a observava.

Perguntado sobre o que mais sentia falta da Venezuela, riu e respondeu “aqui não tem *arepa*”.¹⁵

Fabio me trazia a possibilidade de trabalhar pela primeira vez com o beisebol.¹⁶ Por ele ser venezuelano, comecei a me perceber mais interessado com as notícias referentes àquele país e me aproximei de um casal de venezuelanos, também recém imigrados no Brasil. Ou seja, o encontro com o Fabio, que durou poucos meses, pois o mesmo, durante a pandemia, foi convidado para treinar em

¹⁵ *Arepa* é uma comida tradicional da culinária venezuelana.

¹⁶ Esta experiência abriu esta modalidade para mim. Atualmente dou supervisão para uma psicóloga da área.

um clube da Colômbia, deixou evidente que não estou no campo só quando estou com o atleta. Quando nos despedíamos, os encontros continuavam a reverberar em mim. Acredito que continuam a reverberar até hoje.

Há outras situações clínicas que me ajudaram a perceber a relação dialética na Psicologia do Esporte, que chamo de cuidarCOM:

Bruno Henrique, logo que começou a frequentar as consultas no consultório, criou um ritual introdutório. Sentava no divã, colocava as almofadas de lado, seus pertences entre o divã bege e o puff vermelho, as duas mãos espalmadas nas pernas, respirava fundo, soltava um sorriso e falava “bom, vamos lá”.

Sabrina tinha uma estatura baixa, longos cabelos claros, além de sorriso e falas fáceis. Era atleta de *cheerleader*. Quando me procurou como psicólogo do esporte, havia acabado de casar e se mudar para o Rio de Janeiro. Na nova cidade, flertava com os vizinhos de seu condomínio, enquanto seu marido trabalhava, e, em uma das sessões, falou: “na hora H me dá um *bug*. Eu desisto e volto correndo para casa. Sinto medos e culpa. O pior é que este *bug* se estende para outras situações. Por exemplo, quando vou pra cama com meu marido. Nossa relação sexual também está bugada. Além disso, começo a perceber que estou bugando em alguns treinos. Não estou conseguindo fazer movimentos básicos.”.

Estes dois casos nos mostram uma possibilidade de atuar, em consultório, com a Psicologia do Esporte de alto rendimento, indicando que o trabalho não necessariamente precisa ser no espaço de treino e competição. Para Jung, “o que temos que aprender nunca se esgota e jamais deveríamos esquecer que cada caso novo levanta novos problemas, e vai dar oportunidade para que se constelem pressupostos inconsciente que até então não tinham aflorado.” (JUNG, 2013, p. 133).

Bruno Henrique tem em seu currículo ser campeão mundial. Sabrina, na época, era atleta da seleção brasileira. A dúvida de Bruno Henrique, que enquanto lutador era entre se dedicar a vida de treinador ou tentar mais um mundial, surgia em relação à permanência no casamento e no trabalho como funcionário público. Sabrina também comparava dificuldade no executar uma coreografia com a relação no matrimônio. Cada atleta tem a sua rede. Cada encontro tem as suas conexões: “A psicoterapia pode ser tudo, menos um mecanismo rotineiro” (JUNG, 2013, p. 35).

Fabio, Sabrina e Bruno Henrique estão aqui como introdução do que é proposto aqui como cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte. As três situações, mesmo que apresentadas de forma breve, exemplificam, entre outras coisas, três pontos fundamentais para o cuidarCOM na Psicologia Analítica do Esporte: (i) que os aspectos trabalhados nos encontros não se encerram com a despedida, (ii) que o encontro é dialético e as reverberações, assim como as transformações, ocorrem tanto no psique da/o atleta quanto da/o psicóloga/o e (iii) que o que ocorre na prática esportiva é reflexo do que ocorre na vida cotidiana daquela pessoa, assim como o que ocorre na vida cotidiana daquela pessoa é reflexo da vida esportiva da mesma.

Como nos mostra o arquétipo do médico-ferido, o processo só acontece se as pessoas envolvidas permitem que aconteça (TORRES, 2018). Psicóloga/o e atleta. O arquétipo do médico-ferido, também conhecido do curador-ferido, que pode nos ajudar a compreender esta proposta do cuidar(com), tem origem no mito Quíron. Nele, Quíron era o mestre da arte de curar, mas tinha uma ferida incurável.

Adolf Guggenbühl-Craig (1923 – 2008), médico e analista junguiano radicado em Zurique, fez uma leitura muito peculiar sobre o encontro terapêutico e o arquétipo do médico-ferido. Seguem, a seguir, algumas citações do autor sobre as profissões focadas no cuidar, que sem dúvida ajudam no encontro com cada atleta:

Ao encontrar-se pela primeira vez (...) o paciente psicoterapêutico quer livrar-se de seu sofrimento e de sua doença. (...) Inconscientemente, ao menos em parte, o paciente quase sempre espera encontrar um redentor que o liberte de todos os seus problemas. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004, p. 41).

O paciente costuma recorrer ao psicoterapeuta para obter não só um efetivo apoio em sua luta contra a neurose, mas também o acesso a um conhecimento secreto que lhe permitiria resolver todos os problemas da vida. (...) No início da terapia a relação terapeuta e paciente é muitas vezes similar à do feiticeiro e seu aprendiz. As fantasias que o paciente tem nesse sentido exercem um poderoso efeito sobre o terapeuta, em cujo inconsciente começa a constelar-se a figura do mágico ou do salvador. O terapeuta começa a pensar que é de fato alguém com poderes sobrenaturais, capaz de fazer maravilhas com sua magia. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004, p. 42).

A sombra do terapeuta e a do paciente afetam-se mutuamente e se relacionam intimamente. Não se pode, portanto, examinar com propriedade a sombra do primeiro sem levar em conta a do segundo. A sombra profissional do terapeuta que pretende ajudar seus pacientes é o charlatão.

Paralelamente, o paciente que procura tratamento apresenta uma força psíquica antiterapêutica, que luta contra o processo de cura, comumente descrita como resistência. (...) a resistência do paciente estabelece uma aliança com a sombra de charlatão do terapeuta; ambas constelam-se mutuamente e às vezes só podem ser compreendidas a partir dessa reciprocidade. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004, p. 44).

Se o analista realmente pretender rastrear a sombra do paciente, ele deve confrontar e lidar ativamente com suas próprias fantasias sobre seus pacientes. Não adianta nada, nem para si nem para os clientes, fazer o papel do terapeuta absolutamente objetivo. Isso é ilusão. (...) Vários terapeutas procuram suprimir ou reprimir as fantasias que tem com respeito aos pacientes. Ocorre que o conteúdo dessas fantasias continua a produzir seus efeitos. Uma das primeiras tarefas do terapeuta consiste em examinar e procurar entender suas fantasias. Tanto o analista como o analisando têm suas fantasias sobre o outro; cada um está a circunscrever o outro em sua imaginação. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004, p. 51).

Que possam ficar como reflexão e ajudar na leitura das situações clínicas presentes na tese. Afinal, ser psicóloga/o do esporte não é uma soma de ações espontâneas e aleatórias, pois, deliberadamente, é preciso refletir e agir apoiada/o em teorias, assim como ficar atenta/o aos percursos e especificidades convocadas em cada encontro. Cada encontro tem suas conexões, sempre levando em consideração o contexto em que o encontro se dá. Como apresentado na introdução, para a presente pesquisa, o marco temporal foi a pandemia da COVID-19.

4 METODOLOGIA

4.1 Ambientação

Ainda que eu faça um trabalho com toda uma base teórica da clínica analítica, sou completamente atravessado pelos encontros com atletas. Ao ouvir, por exemplo, as experiências vivenciadas por uma lutadora na área de concentração ou durante uma luta, a aprendizagem adquirida como psicólogo me proporciona uma perspectiva específica. Uma perspectiva que tece redes entre a Psicologia do Esporte e a Psicologia Analítica.

Para esta tese, apresento a Psicologia Analítica do Esporte que me estrutura enquanto psicólogo. A Psicologia Analítica não só me estrutura, mas me acompanha e me ajuda a acompanhar atletas com quem trabalho. Não só durante os encontros clínicos, mas para além. Isto porque as reverberações dos encontros, por serem dialéticos, não se limitam ao encontro, mas perpetuam para quando não estamos em contato direto.

Há duas primeiras perguntas que fazem parte do meu roteiro de entrevista inicial. Pergunto: (i) “o que você acha que um psicólogo do esporte faz?” e (ii) “está de acordo com aquela entrevista inicial?”. Eu as utilizo tanto quando trabalho com atletas encaminhados por terceiros quanto com atletas que fizeram o movimento de buscar a Psicologia do Esporte de forma voluntária.

Após essas perguntas iniciais, falo um pouco do meu percurso e do que entendo sobre o trabalho da Psicologia do Esporte. Como apresentado anteriormente nesta tese, antes de ingressar na Psicologia do Esporte, tive uma experiência com a Psicologia Clínica e o trabalho em Hospitais-Dia. Além disso, na Psicologia do Esporte, minhas experiências iniciais foram em instituições esportivas que focavam tanto na iniciação esportiva quanto no esporte de rendimento. Esse percurso que me trouxe até aqui me faz compreender que o trabalho com atletas deve ir além de buscar resultados: há uma correlação direta entre as vidas como

esportista e não esportista e durante o trabalho proponho a reflexão a partir desta correlação como técnica de intervenção.

Considero importante que a pessoa saiba, até para decidir se dará continuidade ou não. Em seguida explico sobre o sigilo profissional e pergunto como acha que eu posso ser útil. Às vezes ocorre de fazer a consulta junto com terceiros, por exemplo, treinadores ou familiares. Deixo esta possibilidade aberta para quando for do desejo da/o atleta que acompanho.

4.2 Pré-temporada

A metodologia utilizada para a construção desta tese foi aprovada pela Plataforma Brasil, pelo parecer nº 3.981.571. Expliquei no projeto enviado à Plataforma Brasil que, ao término de cada encontro com atletas, eu gravaria no celular os atravessamentos e as percepções que foram geradas em mim a partir do encontro que acabara de ocorrer. Este material, posteriormente, foi organizado em uma lógica temporal, ouvido e transcrito por mim. Por fim, o material transcrito foi lido e editado pelas/os atletas de cada situação clínica. A proposta do procedimento de pesquisa, aprovada na banca de qualificação, foi dividida em seis etapas. Segue como foi originalmente construído e na qualificação aprovado:

Etapa I

A consulta

Atletas que iniciarem o trabalho de Psicologia serão convidados a participar da pesquisa que visa a entender o que se produz a partir do encontro da Psicologia Clínica com a Psicologia do Esporte. A partir do aceite, serão explicadas todas as etapas e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo, para as devidas assinaturas. Após tal procedimento, todas as consultas passarão pelas etapas seguintes.

Etapa II

Gravação dos atravessamentos do atendimento

Tendo em vista o curto prazo que há entre as consultas dos atletas, ao fim de cada, gravei os atravessamentos que passaram por mim naquele momento após o encontro. A ideia foi gravar um primeiro registro das impressões do atendimento recém-encerrado, garantindo o devido sigilo.

Etapa III

Audição das gravações das consultas

Após a banca de qualificação, as gravações passaram a ser ouvidas e analisadas.

Etapa IV

Escrita após audição das consultas

Após audição das gravações, teve início o processo de escrita. A proposta inicial é poder contar percursos das histórias e vivências passadas no consultório e transcrever alguns processos daquelas psicoterapias do esporte.

Etapa V

Leitura compartilhada das escritas

Com o objetivo de evitar uma produção que parta apenas das impressões do psicólogo pesquisador, o material transcrito será lido em consulta. Pretende-se assim contar com a participação de quem consentiu a participação na pesquisa. Acredita-se, inclusive, que esta leitura compartilhada possa ser positiva para o processo psicoterapêutico em questão.

Etapa VI

Reescrita das consultas

Após a leitura compartilhada, o material passará por um processo de reescrita, para em seguida ser lido pelos envolvidos novamente.

Por se tratar de uma metodologia construída especificamente para esta pesquisa, ela foi se desenvolvendo com o passar do tempo, da mesma forma como acontece todo e qualquer encontro clínico. O único método a ser seguido é o descrito acima, a partir das seis etapas, que envolve: (i) a permissão e a participação consciente da/o atleta no processo, (ii) gravar os atravessamentos que ecoam em mim, enquanto psicólogo, após o encontro com a/o atleta, tenha esse encontro

acontecido onde for, na praia, no consultório, no mundo virtual... onde for, (iii) em outro momento, ouvir a gravação atento à relação dialética daquele encontro ocorrido, (iv) escrever sobre as consultas, considerando a relação dialética e os atravessamentos percebidos, (v) ouvir junto com a/os atletas, oferecendo de fato a possibilidade de uma construção coletiva e (vi) reescrever a partir do que foi construído no ouvir coletivamente.

É possível perceber que se trata de uma metodologia que parte do encontro e se transforma em palavras escritas, influenciada pelo pesquisadorCOM proposto por Moraes (2010). Como publicado por Arednt, Moraes e Tsallis (2015, p. 1156), “tornar-se com o outro, transformar-se, produzir mundos que se articulam, se compõem. É a ação do pesquisadorCOM.”. Não à toa, as três principais situações clínicas estão descritas de forma completamente diferentes. Além de ter sido pesquisadoCOM e cuidadoCOM atletas diferentes, o que já ofereceria uma escrita diferente, eu mesmo enquanto pesquisador clínico e a própria pesquisa fomos sendo forjados ao longo do processo, vivendo o nosso próprio processo de individuação.

O que se propõe deixar para futuras/os psicólogas/os do esporte, ou psicólogas/os do esporte já formadas/os, independentemente de sua referência teórica, é que no cuidarCOM a única fórmula, ou manual, a ser seguida é de que o processo só se dá quando psicóloga/o e atletas se propõem a construí-lo de forma horizontal e participativa. Para a Psicologia Analítica do Esporte, isso significa construir considerando o arquétipo do médico ferido, onde ambos são cuidadores e carregam as suas feridas, e como há uma relação daquele encontro dialético com o processo de individuação de cada pessoa envolvida.

A pesquisa obedeceu a todos os aspectos éticos de acordo com a resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos, já tendo sido aceito pelo Conselho de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Anexo F). Os nomes utilizados para cada situação clínica são fictícios, como tentativa de preservar suas identidades.

Hannah foi um nome pensado a partir da aproximação com o nome real. Ambos tem apenas a letra “a” como vogal, que aparece duas vezes. Gian é o

primeiro no nome de um importante goleiro italiano. Já Poliana e Amanda foram nomes que surgiram, a princípio, sem muita lógica consciente, e que ambas concordaram. O uso de nomes fictícios acabou ajudando no próprio processo terapêutico. Hannah, por exemplo, o estabeleceu como uma marca de uma persona que já não a compunha. Em uma consulta, ela falou: “isso aí é coisa da Hannah e não sou mais assim”, em outra, disse: “nossa, lembra como a Hannah era? Que bom que ficou no passado”.

4.3 Para além dos espaços esportivos

Antes de falar dos encontros e do que surgiu a partir deles, penso ser importante contar a história do local onde muitos deles ocorreram, de forma *online* ou presencial. Contar como o consultório surgiu na minha vida, mesmo que alguns encontros ocorram para além de seu espaço, como veremos na situação clínica com a Poliana e a Amanda e em uma cena da situação clínica com a Hannah.

Em 2007, após um ano de formado, surgiu a possibilidade de comprar uma sala em um centro empresarial. À época, trabalhava em uma empresa de RH, cursava especialização em Psicologia Analítica, atendia os primeiros clientes e mantinha um sonho, tão antigo quanto distante, de entrar para a Psicologia do Esporte.

A ideia inicial ao comprar a sala era fazer dela um investimento financeiro. Existia, claro, a possibilidade de ser um consultório, mas na época o Rio de Janeiro vivia uma expansão no mercado imobiliário e a sala ficava em um território estratégico, principalmente na região que futuramente seria chamada de Barra Olímpica. Mais curioso ainda é pensar no que ela se tornou. Na época eu só tinha o equivalente a 10% do valor da entrada e contei com ajuda familiar. Os convenci de que era um bom negócio financeiro.

O empreendimento nos foi entregue em 2016 e na laje. No primeiro momento, a pessoa que mais se envolveu com ele foi minha mãe. Próxima de sua

aposentadoria da UERJ, ela enxergou naquele espaço uma possibilidade de futuro labor. A arquiteta que projetou o consultório fazia análise na linha psicanalítica ortodoxa e imaginou um espaço bem tradicional. Divã, poltrona de terapeuta, cores neutras, papel de parede com tijolos bege, uma antessala na entrada com banheiro, seguida de uma pequena sala para escritório e cozinha e, finalmente, o consultório com uma estante que ocupa todo o espaço de uma das paredes. Minha mãe colocou um tapete central, quadros de fotografia em preto e branco de paisagens frias tiradas pelo meu pai na época que morávamos na Inglaterra e eles faziam seus doutorados, além de livros que marcam sua trajetória como professora universitária. O banheiro, como diz um dos atletas, ela organizou como se fosse de hotel.

A atual característica híbrida demorou a aparecer, assim como eu demorei a entender que aquele investimento se tornaria meu consultório e posteriormente meu campo de pesquisa. No início relutei um pouco em aceitar a ideia, mas lentamente fui me adaptando. A virada se deu, principalmente, quando colocamos um *puff* vermelho e redondo ao lado do divã. Achei que o deixou mais aconchegante e atletas que começaram a frequentar o consultório utilizarem-no mais que o divã.

Aos poucos fui acrescentando minhas características. Primeiro levei as canecas que ganhei de discentes, três de Jung e uma esportiva. Em seguida migrei a biblioteca da minha casa para o consultório. Fiz o mesmo com os clientes que até então atendia em consultórios sublocados em outras regiões da cidade. Em menos de um ano, atletas começaram a chegar, na sua grande maioria indicados por colegas de trabalho. Todavia, foi só quando coloquei um banquinho de madeira, de 3 cm, em frente à poltrona em que eu sentava, que adotei de fato aquele espaço como meu lugar de trabalho.

A sua hibridez conta com uma sala de espera e uma parede de espelho que destaca o corpo de quem atravessa o corredor em direção ao consultório. No consultório ainda há o divã, com uma manta marrom e três almofadas coloridas, e o *puff* vermelho, que curiosamente só tem sido utilizado por quem é atleta. As cinco cadeiras que ficam neste espaço são acinzentadas, mas normalmente só uma fica à mostra, perto da estante. As outras ficam empilhadas, atrás da poltrona de terapeuta. Estão lá para quando o atendimento é coletivo.

A estante, que tem um espaço para escrivaninha, agora possui uma divisão. Do lado direito, mais longe da porta, encontram-se livros de Jung, pós-junguianos e outras perspectivas da Psicologia Clínica, além de livros de Psicologia do Esporte. Do lado esquerdo, há obras referentes à Psicologia do Desenvolvimento, uma coleção da enciclopédia Barsa e clássicos da literatura, principalmente Júlio Verne (1828 – 1905). O consultório termina com uma parede com janela que dá vista para uma estação do BRT¹⁷ e algumas das cordilheiras cariocas. Antes da parede, há uma mesa quadrada grande de vidro, com uma orquídea e porta copos brancos com figuras repentistas.

Como existe um tempo curto entre os atendimentos, optei por gravar o que me atravessava no momento seguinte aos mesmos. No início, quando gravava, sentia um incomodo. Era como se estivesse narrando de forma seca e concreta, algo muito burocrático que não passava exatamente como fora ocorrido. Sentia-me como se estivesse dando satisfação para alguém, contando para alguém, prestando serviço, batendo o ponto. Algo muito mais normativo e regularizador do que sincero e profundo.

Com o tempo fui me acostumando. O gravador, que na verdade é um aplicativo de celular, se tornou ferramenta fundamental. Atualmente, o registro de voz se tornou uma forma de elaborar o encontro que acabou de acontecer.

Se no início passei a gravar por receio da possibilidade de cair nas armadilhas do esquecimento e da imaginação/fantasia/criação, atualmente percebo que o gravar ajuda mais a me proteger das armadilhas do esquecimento do que da imaginação/fantasia/criação. Até porque, se tenho Jung como inspiração, tenho que concordar que nada é real e tudo é fantasia. O real só se dá no momento exato do acontecimento, mesmo assim, ele, enquanto ocorre, é atravessado por toda uma percepção e experimentação de quem o vivencia (JUNG, 2014). O momento, ao ser vivido, já é batido no liquidificador da imaginação/fantasia/criação.

¹⁷ Sigla em inglês para *Bus Rapid Transit*.

Na presente tese, proponho a discorrer sobre alguns encontros que tive com atletas. Espero, desta forma, poder contribuir com a Psicologia, a Psicologia do Esporte, a Psicologia Clínica, a Psicologia Analítica, o Esporte e, principalmente, com atletas e profissionais de Psicologia que, assim como eu, acreditam que surge algo quando tecemos juntos.

5 SITUAÇÕES CLÍNICAS

5.1 Atleta Hannah

5.1.1 Metodologia de escrita

O relato a seguir apresenta um recorte dentro do processo terapêutico vivenciado por Hannah, no qual participei como psicólogo. Este recorte se deu em dois momentos, visto que a mesma interrompeu as sessões por dois anos, quando se distanciou de sua modalidade desportiva: o *jiu-jitsu*. O primeiro momento refere-se ao período antes da pandemia da COVID-19, já o segundo aos meses iniciais do ano de 2020. Antes de publicar esta pesquisa, Hannah teve a oportunidade de ler e fazer suas próprias ponderações. Desta forma, há uma participação direta dela na elaboração da escrita.

5.1.2 Breves curiosidades sobre a modalidade

O *jiu-jitsu* é um esporte classificado como Arte Marciais e desenvolvido há vários séculos (TUBINO, 2006). Aires et al. (2020, p. 3) o consideram “uma importante modalidade de arte marcial amplamente praticada no mundo e com uma história de sucesso no Brasil.” Algo que chama atenção em sua prática é o fato de ser um esporte que propicia muitas lesões em atletas (BORGES et al., 2021), sendo visto como “um esporte de autodefesa, baseado no princípio de derrotar o adversário ao subjugar-lo usando sua própria força, mediante chaves de articulação, imobilizações, quedas e estrangulamentos” (BORGES et al., 2021, p. 147).

O *jiu-jitsu* não foi a primeira modalidade de combate com a qual trabalhei. Antes havia acompanhado atletas de Judô na ECBVO, OSCIP já apresentada nesta tese e pertencente à Vale S.A. Destaco o trabalho realizado em dias de competição, principalmente no ritual de aquecimento.

Antes de entrarem na área de luta, atletas de judô aguardam o seu duelo no espaço reservado para aquecimento, também conhecido como área de concentração. Depois de cada luta, retornam para este mesmo espaço, independentemente do resultado do seu primeiro duelo. Isso porque, mesmo que vençam, precisam aguardar pelo combate seguinte. No caso de derrota, há também a possibilidade de retornarem ao tatame a partir da repescagem.

A repescagem se dá quando a pessoa que lhe derrotou vence a luta seguinte. Quando isso acontece, há um resgate para retornar à competição e para a disputa do terceiro lugar. Quando percebi essa característica do judô, lembrei-me da proposição de Weinberg e Gould (2017), que defendiam que atletas de modalidades esportivas individuais costumam experimentar estados de ansiedade de forma mais intensa do que atletas de esportes coletivos. Solicitei, então, credencial para estar na área reservada, o que foi autorizado pela Confederação Brasileira de Judô (CBJ). Passei a ser presença constante naquele espaço onde atletas se concentravam e as emoções corriam nas veias de forma intensa.

É no espaço de concentração que as últimas estratégias de competição são pensadas entre os treinadores e seus atletas. Ao receber a autorização da CBJ, além de oferecer o suporte emocional pré-competitivo para cada atleta, percebi que havia me tornado um mediador importante na relação entre este e o *sensei* (mestre).

Apesar de serem modalidades diferentes, esta experiência, de certa forma, me ajudou no trabalho com a Hannah. Além, é claro, do acompanhamento, já citado na tese, que realizei com o Bruno Henrique, que também era atleta de *jiu-jitsu*.

5.1.3 Narrativa

5.1.3.1 Primeiro momento – Adolescência

Hannah é filha de um atleta campeão mundial de *jiu-jitsu*. O mesmo também é seu treinador. Na época em que me procurou, eu trabalhava com seu pai, enquanto atleta, e este pediu que eu a atendesse também. Confesso ter ficado um pouco sem saber como reagir. Como não sabia se podia ou não, recorri ao Comitê de Orientação e Fiscalização do Conselho Regional de Psicologia (COF-CRP). Disseram que não havia problema se o foco fosse de fato a parte esportiva. A mesma coisa aconteceria se eu trabalhasse em uma agremiação onde familiares fizessem parte. Entretanto, teria que ficar atento, caso percebesse atravessamentos que pudesse prejudicar o processo de um dos dois.

Quem decide a trajetória esportiva de um/a adolescente? Quando é que são as/os próprias/os adolescentes que decidem e quando não é? Foram estas as perguntas que surgiram quando conheci Hannah. Na época, Hannah tinha 15 anos, havia se mudado recentemente para o Rio de Janeiro e sentia muita falta das amigas que havia deixado. Seus temas centrais eram: as saudades de sua antiga cidade, a relação com seu pai e o desejo de viajar pelo mundo. Eu percebia uma relação dúbia quanto aos rumos que sua vida tomava. Em algumas situações, se percebia no controle, em outras não. Por exemplo, viajar para competir na Alemanha foi uma decisão dela. Queria conhecer a Europa e percebeu que os pais pagariam a viagem se fosse para competir. Entretanto, se mudar de Brasília para o Rio de Janeiro e deixar todas as amigas e as lembranças para trás foi uma decisão dos pais. Afinal, seu irmão havia passado no vestibular.

Seu irmão, por não lutar, pôde fazer vestibular. Já ela interrompeu os estudos para focar nos treinos e competições. Por ela, e fazia questão de deixar isso bem claro, fazia os três: treino, estudo e competição. Segundo Pieri e Amato (2019, p. 367),

se o processo de individuação do adolescente pudesse ser reconhecido num nível mais profundo, talvez comportamentos que, à primeira vista, são descritos como patológicos ou delinquentes pudessem ser entendidos como expressão da batalha interna travada pelo adolescente, que envolve a psique como um todo. Dessa forma, poderíamos olhar para a questão de um outro ângulo, ouvi-lo e ajudá-lo a refletir sobre essa linha tênue que o separa de ações e comportamentos perigosos.

Percebia que a principal luta de Hannah era a batalha interna com o seu inconsciente e que o trabalho passaria pelas trilhas de seu processo de individuação, principalmente na tomada de consciência em relação às suas escolhas. Toda e qualquer escolha de Hannah mereceria uma atenção especial, e o mesmo valeria para as produções do inconsciente. Afinal, o foco do trabalho estaria na relação destes opostos complementares, consciência e inconsciente.

Ao me despedir, após o término de cada consulta, quase semanalmente, a música “Funeral de um Lavrador” de Chico Buarque ecoava nos meus pensamentos. Qual era a parte do latifúndio que cabia à Hannah? Tanto em suas escolhas quanto no peso de ser filha de um pai que teve uma história de sucesso na modalidade que escolhera para si, Hannah carregava uma sensação de farsa por ser filha de quem era, além de um peso por achar que todo mundo esperaria dela o que ela dizia “não ser capaz de entregar” (sic).

Os dilemas não se resumiam a isso. Nas consultas, Hannah se queixava muito de exaustão, principalmente dos treinos. Chegava a gritar “CHEGA!!!!”, e chorava aos prantos. Limpava os olhos e logo depois falava, com certo prazer, dos planos para a viagem que faria.

Um dos temas que a preocupava era a pesagem.¹⁸ O que fazer? Em qual categoria (peso) competir? Se preparar, a partir de dietas e treinos específicos para chegar no limite da categoria de baixo, e ser uma das mais fortes na competição? Ou ficar na categoria onde pode se alimentar à vontade, algo que Hannah adorava, mas lutar com competidoras mais fortes? Hannah tinha escolha? Ou a cultura esportiva já impunha esta resposta visto que a grande maioria compete no peso de baixo?

¹⁸ No *jiu-jitsu*, o peso é o que define a categoria a competir. Na maioria das vezes, a pesagem se dá no dia da luta e se a/o atleta pesar mais que o limite é desclassificada/o.

O inevitável acabou acontecendo, isto é, a terceira opção possível: Hannah parou de lutar. Disse que pararia com as consultas também e assim permaneceu. Dois anos depois, entrou em contato novamente pedindo um novo agendamento. Antes de encerrar este nosso primeiro ciclo, Hannah me trouxe sonhos. Hannah disse que sonhava muito e gostava de brincar de decifra-los. Os sonhos:¹⁹

(1) Está viajando com a família para um parque de diversões que fica em cima da montanha do Mágico de Oz. Ela se encontra eufórica, correndo para um lugar e para outro, entrando em todas as casas, fazendo de tudo. Até que encontra o caminho dos tijolos amarelos, segue este caminho e se diverte no lugar. As outras pessoas da família estão mais calmas, ela é que está eufórica.

(2) Tem um edifício com um rio ou um lago perto, muito parecido com a Praia de Botafogo (região da cidade onde a avó mora na vida real). Esta água era muita suja, densa e escura. Tinha um tubarão e uma pessoa trabalhando na construção deste prédio, e ela ficou preocupada dela, ou desta pessoa, cair na água e o tubarão comer.

Ao ser questionada sobre os sonhos, disse que o Mágico de Oz foi o primeiro livro que leu na vida e que gostava muito. Sobre o rio, não sabia falar muito.

5.1.3.2 Segundo momento – A retomada

Durante dois anos, Hannah conheceu outras modalidades: o surfe e o handebol. Sobre o handebol, disse que não tinha habilidade alguma. Sua função era marcar as atletas maiores e mais fortes do time adversário, mesmo elas sendo muito maiores fisicamente do que ela. Do surfe, disse que tinha muito medo. Mal sabia ela, naquele momento, que esta nova modalidade esportiva mudaria sua vida, principalmente durante a pandemia da COVID-19. Inclusive no *jiu-jitsu*.

A diversificação é importante no desenvolvimento esportivo. Hannah encontrou no handebol e, principalmente, no surfe a possibilidade de se desenvolver, lidar com o sentimento de medo e praticar uma modalidade em que

¹⁹ Aqui eles só estão citados. Após relatar a situação clínica, eles e outros atravessamentos serão analisados e discutidos.

não sofria influência de seu pai. A diversificação esportiva, que se dá quando a pessoa pratica mais do que uma modalidade, a ajudou inclusive na volta para o *jiu-jitsu*.

Quando marcou o retorno, dois anos após a pausa, Hannah ainda estava muito insegura, principalmente em relação a sua “pegada” – forma de colocar e posicionar a mão no *judogui (kimono)* da adversária. Além disso, havia uma queixa de insônia. Com a sua decisão de retornar, seu pai/treinador optou por um investimento que contava com profissionais de nutrição, preparação física e eu como psicólogo. Percebi, na época, uma autocobrança elevada. Questionava-se se deveria ter voltado para o mundo competitivo da luta antes, se não perdeu muito tempo sem saber o que queria. Eu me perguntava se o desejo de retorno era de fato dela ou de seu treinador/pai.²⁰

Na relação com seu pai/treinador, havia um movimento de lidar com as características que não gostava nele, principalmente como treinador e como membro do Batalhão de Operações de Policiais Especiais (BOPE). Havia uma maior aproximação afetiva entre os dois e o pai, aos poucos, deixava de ser a referência. Hannah passou a olhar mais para si. Com isso, na terapia, apresentou um maior autoconhecimento e uma maior capacidade de autopercepção.

Foi só após este retorno que acompanhei, pela primeira vez, Hannah competindo.²¹ Tratava-se do Campeonato Brasileiro de *jiu-jitsu*. Os principais objetivos dela para esta luta eram: (i) bater o peso, (ii) lutar de forma aguerrida e (iii) ganhar a primeira luta. Os outros dependiam do terceiro e, como ela perdeu na primeira luta, não teve como seguir na escalada de metas até chegar ao objetivo maior: a medalha de ouro.

Logo quando estacionei o carro, encontrei Hannah em aquecimento do lado de fora da arena. Ela corria, em ritmo acelerado e distância curta, para um lado e para outro e treinava a pegada, sempre na companhia de seu pai/treinador. Sua

²⁰ Visto que Hannah tem seu pai como treinador, este às vezes será chamado de pai/treinador e outras vezes de treinador/pai, já que estas representações estão sempre presentes, só que em alguns momentos o treinador está à sombra do pai e em outros o pai está à sombra do treinador.

²¹ Pode fazer parte das atribuições da Psicologia do Esporte acompanhar as/os atletas nos campeonatos, assim como em treinos. Tudo depende do contrato terapêutico combinado nos primeiros encontros. É claro que ele pode e deve ser revisto sempre que oportuno.

expressão facial era completamente diferente da que costumo ver no consultório ou mesmo no atendimento *online*. Ocorreu-me a imagem de uma chita se preparando para a caça. Era um olhar concentrado em um único ponto e uma face tensionada que nem seus longos cabelos claros, que estavam presos com duas tranças, disfarçavam. Fiquei por alguns minutos observando aquele aquecimento e, quando terminou, fomos para a arquibancada. Ficamos do lado esquerdo da arena e a luta dela seria do lado direito, um pouco distante, é verdade. Poderia ser pior, visto que a arena tinha oito áreas de luta, quatro de cada lado. Estas áreas eram divididas por cores amarelas e verdes. Hannah, mesmo ficando do lado direito, estava na segunda área. Ou seja, consegui ficar à frente de sua área de luta.

Ao chegar na arquibancada, outro fator me chamou atenção. Seu irmão estava lá. Roberto, irmão da Hannah, tinha uma relação de muitos desencontros com a família. Havia um histórico de brigas. Sua presença me pareceu uma tentativa de reaproximação.

Antes de ser chamada para pesagem e em seguida para lutar Hannah me disse:

– Como eu não ligo para medalha, não me importei não ficar de baia.²²

Isto porque, se ela tivesse ficado de baia, já teria medalhado automaticamente, pois estaria nas semifinais. Ou seja, no mínimo já ganharia a medalha de bronze, visto que quem ganha vai para a final disputar a medalha de ouro ou ficar com a de prata. Já quem perde a semifinal, garante o terceiro lugar na competição.

Fiquei com a sensação de que Hannah aguardou um momento onde estávamos só nós dois para dizer isso, como se não fosse permitida aquela confissão. Ao ler este relato, Hannah me escreveu: “Página 3/4 - Medalha do

²² Ficar de baia significa não lutar na primeira fase da competição, estando assim já classificada para a fase seguinte. Cada competição tem a sua regra para definir quem ficará de baia. Desta vez foi por sorteio.

brasileiro, não tem a ver eu falar perto dele como se meu pai n pudesse escutar, isso n tem problema.” (sic)

Após a luta, uma nova confissão:

– A presença do meu pai me tira o foco. Eu estava ganhando, era só acompanhar o cronômetro, mas eu sabia que ele estava ali no *corner*²³ gesticulando, orientando... Se olhasse para o cronômetro o veria.

Acolhi o dito, mas combinamos de conversar com maior privacidade na consulta daquela semana.

O seu pai/treinador, quando nos despedimos, disse que a viu forte psicologicamente, mas sem a agressividade necessária para desestabilizar a adversária. Pediu que eu treinasse isso com ela. Curioso é pensar que esta agressividade é justamente o que a incomoda nele. Quando leu o relato, me escreveu: “no brasileiro ele não reclamou (comigo) sobre agressividade pq eu fui agressiva, meu erro foi n ser estratégica”.

Na semana seguinte, tivemos a nossa consulta online e Hannah, que nesta época morava em outro município do Rio de Janeiro, confessou:

– Acho que quero trocar de nutricionista. Seria bom também ter uma ginecologista do esporte.

Quando perguntei sobre essa reflexão, chorou e falou sobre a pressão que o pai/treinador coloca, principalmente quanto ao peso. Provavelmente devido a essa pressão, Hannah falava sobre ganhar campeonatos como europeus e mundiais, só que lhe faltava ganhar uma luta no Brasil desde seu retorno. Ela mesma confessou, espontaneamente, em uma sessão:

– Eu estou olhando para isso tudo, mas sei que tem coisas para agora.

²³ Área designada ao treinador.

- O que, por exemplo?
- Falar com meu pai. Se bem que já consegui falar com ele sobre a pesagem.
- Sobre o que mais gostaria de falar com o seu pai/treinador?

Silêncio e o tempo terminou.

Duas semanas depois, seu pai/treinador me enviou uma mensagem dizendo estar muito preocupado com ela, principalmente com o comportamento durante a competição. Na consulta daquela semana, revelei a Hannah o contato e ela disse:

- O fato de ser uma competição menor aumentou a minha obrigação de ganhar. Só que não o entendo. O objetivo principal era acertar alguns golpes que treinei, com ele, durante a semana. E eu consegui! O que posso fazer se ela era mais pesada?

Longo silêncio e prosseguiu:

- A forma com que ele falou comigo, depois que perdi a primeira luta, me tirou completamente da competição. Preciso ter coragem de falar isso para ele.

Na sessão seguinte Hannah chorou muito. Seu pai/treinador mais uma vez se dirigiu a ela com raiva, desta vez durante um treino:

- Ele fala comigo com raiva. Não entendo. Perguntou se eu queria procurar outro treinador.
 - Você quer?
 - Não! Mas tem coisas que ele diz que eu não acredito. No último treino, falou: “quero que você transforme choro em raiva, que, ao invés de congelar com a minha forma de ser, você reaja”. Ele não entende!
 - Ou será que você não entende que este é o jeito dele?
- Um olhar para o horizonte e mudou de assunto.

Há momentos em que Hannah e seu pai/treinador conseguem estabelecer um diálogo produtivo. Por exemplo, quando analisam os vídeos dela lutando. O vídeo se transforma então em um ator importante.

Na semana seguinte, Hannah ganhou sua primeira competição e iniciou a sessão falando:

– Não sei dizer o gosto da vitória, mas que traz muita alegria traz. Sem contar a disciplina. Ela faz toda a diferença.

– O que você está chamando de disciplina?

– Eu estava muito desanimada para lutar, mantive os treinos não por gosto, mas por disciplina. Isso me permitiu ganhar. Aprendi que vale a pena. O gosto da vitória traz muita alegria.

– E o que mais você aprendeu neste processo?

– Que é mais saudável só pensar na luta quando estiver perto do horário da competição.

Hannah estava muito sorridente, mas também em processo de desidratação, o que a fez se queixar de tontura. Teria uma competição onde a pesagem seria no dia anterior. A estratégia estabelecida pelo treinador/pai era se inscrever em uma categoria muito mais leve, pesar, recuperar o peso e competir mais forte do que as adversárias. Não deu certo. Segundo o pai/treinador, aquele processo de desidratação estava lhe fazendo muito mal e por isso cancelou a competição.

A pedido da própria Hannah, agendamos uma consulta para falarmos sobre isso os três. No encontro, o pai/treinador disse:

– Fiquei impressionado com a gana dela e com como ela ficou chateada pelo cancelamento, mas a preparação estava fazendo muito mal para ela. Aprendi no BOPE que, mesmo nos preparos mais intensos, há um limite humano e não quero minha filha passando por isso. Começo a perceber como somos diferentes.

– Como assim? (perguntei)

– Tanto na questão hormonal, na forma de perder peso, de lidar com competição... temos comportamentos diferentes. Só que ela não percebe.

Hannah, durante a consulta a três, novamente estava muito chorosa, mas uma chorosa sem lágrimas. Estaria seca por tanta água que já desceu? Ou seria por causa da presença dos pais? O choro era também de frustração? Hannah não concordava com a decisão do pai de não deixá-la competir. Disse que, como reação, bloqueou as redes sociais e foi surfar.

Curioso é que ela tem medo do mar. Do mar e do pai.

Depois da praia, levou o cachorro da família ao veterinário e passou o dia assistindo filmes. Foi a forma que encontrou para lidar com a frustração.

- Os meus favoritos são: *Ratatouille*, *Viva – A vida é uma festa* e *Little Stitch*.
- Você vê algo em comum neles?
- Sim, falam sobre família.
- Pela ótica da pessoa mais nova da família.
- É verdade, não havia reparado.

Sobre as outras competições do ano, seu treinador/pai deixou nas mãos dela a decisão.

A vida de Hannah no *jiu-jitsu* não se resume a treinos e competições. A família tem uma academia onde ela também trabalha. Toca a lanchonete, dá aula para as crianças, auxilia na turma com alunos com necessidades especiais e dá palestra sobre defesa pessoal para grupos de mulheres. No seu dia a dia, pela manhã surfa, à tarde e à noite fica na academia.

Teve um dia em que ela saiu mais tarde da praia e chegou em cima do laço no turno dela na academia. Ao chegar, seu pai, que na academia é seu chefe, gritou com ela. Ao invés de responder, pois não chegou atrasada, ou chorar, com aquele grito, se calou e ficou ali ouvindo, por respeito. Quando ele acabou ela foi trabalhar. Importante destacar que era véspera de uma viagem dos pais. Neste período ela tomava conta sozinha da academia e da casa.

Hannah disse que vive “diferentes parênteses”:

- Tem a Hannah surfista, a professora, a jiu-jiteira e a filha.
- E como elas estão?
- A surfista começou a pegar ondas maiores.
- Sem medo?
- Não, o medo está lá, mas mesmo com medo ela começou a pegar ondas maiores.
- E as outras?
- A professora está aprendendo que cada criança é um desafio diferente. A jiu-jiteira está hibernando (risos). E a filha tem se aproximado muito da mãe e se preocupado muito com o pai. Acredita que ele vai competir mesmo com o Joelho daquele jeito? É doido mesmo! (balança a cabeça negativamente. Seu pai havia recém-operado o Joelho).

A competição do pai foi na Alemanha e com isso Hannah ficou sozinha em casa:

- Vejo uma outra Hannah além dessas.
- Qual?
- A administradora.
- É verdade. Tem mais uma que começa a acordar.
- É mesmo? Qual?
- A estudante.
- E como elas estão?
- A administradora está ferrada tendo que tocar a academia sozinha, mas está conseguindo. Com medo, mas está conseguindo. Igual à surfista (risos).
- Boa! E a estudante?
- Estou pensando em fazer supletivo, terminar o colégio e entrar para a faculdade.
- De quê?
- Não me decidi ainda. Penso em Nutrição, Educação Física, Administração, Estética ou Psicologia. Ainda conversaremos muito sobre isso.
- Sempre que quiser.

Com a distância do *jiu-jitsu* e dos pais, Hannah começou a falar de outras pessoas da família. Principalmente da avó, que dorme no quarto com ela. A mesma do sonho em Botafogo, mas que atualmente mora com eles. Uma senhora que sempre foi fumante, porém muita ativa e que atualmente depende muito da neta e da família. Segue fumante. Há também uma queixa deste período onde não precisa ter muito planejamento por não ter competição. Sente-se muito ociosa e entediada.

Na última semana em que teve que tomar conta da casa e da academia, falou sobre a imprevisibilidade do esporte:

– O surfe e o *jiu-jitsu* são imprevisíveis. No surfe você nunca sabe quando a onda virá e no *jiu-jitsu* você nunca sabe quando mudará de faixa.

– Como assim?

– Estou muito tempo na mesma faixa.

– Como se faz para graduar?

– Depende da decisão do treinador e no meu caso dependo do meu pai.

– Em qual faixa você acha que deveria estar?

– Como professora, poderia estar na roxa. Poxa, minha mãe é faixa roxa e dou aula melhor do que ela. Pelo menos para os adultos sei que dou. Como competidora estou na faixa certa. Só que para qualquer tipo de mudança dependerei do meu pai.

Nesta época Hannah era faixa azul.

Hannah tem como costume começar as consultas falando do surf:

– É um *hobby* que gosto muito.

Sobre competição, mesmo com o treinador/pai tendo colocado a decisão na mão dela, avisa que terá uma no mês seguinte que ela não queria participar:

– Será com pessoas menos graduadas e isso aumenta a obrigação de ganhar.

- Você já falou para o seu treinador que não quer competir?
- Já, mas ele disse que se o problema é a pesagem não precisa decidir antes.

Posso deixar para a data limite de inscrição. Pelo menos isso!

Na semana seguinte:

- Eu menti para o meu pai e nunca contei para ninguém.
- Foi?
- Lembra aquela competição que bati o peso, mas passei mal?
- Sim
- Então, eu não bati o peso. Fiquei com medo de contar para ele, então peguei um caco de vidro e tentei furar meu pé, mas não consegui. Então fingi estar com cólica muito forte e fui levada ao hospital.
- Que bom que você está podendo me contar.
- Meu pai se queixa de ter que lidar com problemas dos outros o tempo todo e não quero ser mais uma pessoa fazendo isso.
- Mas você é a filha dele.
- Eu sei, mas esse lance de peso me faz muito mal.
- Por isso estava tão feliz semana passada?
- Sim, pelo menos ele não vai ficar mais inventando de eu competir em uma categoria muito baixa. Se bem que um dos dias em que mais me senti bem foi quando me vi magra.

A questão sobre pesagem permaneceu por algumas semanas. Na sessão seguinte, Hannah chorou muito, aquele tipo de choro em que saem lágrimas pelo nariz. Dessa vez, os longos cabelos, que estavam soltos e mais claros por causa do surfe, escondiam o rosto um pouco, novamente devido ao peso. Isso tudo porque o nutrólogo que a acompanha (e ela não gosta) disse que ela poderia competir no peso pluma sim:

- Eu não tenho lutado. Eu prefiro lutar a lutar contra a balança. Ninguém me perguntou o que eu achava. Quero mudar de nutricionista.
- Você já disse isso para o seu pai?

- Já tentei falar com ele. Por duas vezes, mas não consigo. Quando vou falar, começo a chorar e corro para o quarto.
- Acho que devemos trabalhar nisso. Vamos colocar como meta para este ano?
- Vamos (secando as lágrimas e soluçando)... Lembro do dia que a minha mãe não bateu o peso e ele rasgou um vestido que ela amava.

5.1.3.3 Terceiro momento – Entrando na vida adulta (e na pandemia)

Na semana seguinte, Hannah conseguiu contar para a mãe do episódio em que cortou o pé e me revelou mais uma situação em que foi competir mentindo o peso para o pai/treinador. Já estávamos em isolamento devido à pandemia. Não sei exatamente o motivo, mas, desde a chegada da COVID-19, Hannah tem estado mais segura de si e de seus desejos, mesmo com toda insegurança ainda presente.

Mais uma vez chorou muito na consulta e falou que quer trocar de nutricionista:

- Já sei até qual, mas quero falar sobre outra coisa.
- Diga (incentivei).
- O surfe me fez perceber como as pessoas têm processos diferentes e de como na vida tem etapas a serem passadas.
- Como assim?
- Eu e meu pai começamos a surfar na mesma época e hoje já surfo melhor do que ele. Já estou na etapa de dar batidas na onda, ele ainda está descendo reto.

Ao ler o relato, Hannah me escreveu: “não começamos a surfar na mesma época, ele começou depois e era muito competitivo comigo.”

Na semana seguinte, o tema foi novamente o pai. Desta vez, falou sobre a dificuldade dele em parar de lutar e de como ficou triste quando os pais voltaram da Alemanha:

- Vejo que o surfe e o dar aula a tiram deste quadro.
- Sim, mas também não fiquei triste enquanto eles estavam viajando.
- Me parece que, além do surfe, você não fica assim quando está tendo alguma função prática. Faz sentido?
- Mais ou menos, pois são só quando as funções práticas dão prazer. Por exemplo, fico muito triste quando tenho que preparar a aula de defesa pessoal.
- E porque faz?
- Meu pai insiste. Por falar nele, veio falar novamente sobre estratégia de mudança de peso. Não preciso perder tudo agora.
- Ah é?
- Sim, serão dois quilos por mês. Você não vai acreditar.
- O que?
- No dia seguinte comi compulsivamente e me senti muito culpada por isso.
- E nos outros dias?
- Voltei ao normal.
- Vamos ficar de olho. Semana que vem você me conta.

Duas semanas depois, Hannah começou a consulta falando:

- Hoje eu quero falar que estou frustrada.
- Fale.
- Não está tendo onda e não estou podendo surfar.
- O surfe faz falta, né?
- Sim, mas tem mais.
- Diga.
- Eu passei a semana toda me preparando para a consulta com o nutrólogo. Teve todo um preparativo chato e ele não me atendeu. Bom, pelo menos consegui convencer meu pai. Vou procurar uma nutricionista nova.
- Então foi uma frustração que abriu novas possibilidades?
- Sim!!!! Espero conseguir consulta logo. Tenho uma competição chegando.

A partir deste momento, Hannah teve muito mais facilidades para estabelecer o peso da competição a disputar e alcançar tal medida. Além disso, voltou a ter

prazer no competir. Foi graduada com a faixa roxa. Aumentou o diálogo e melhorou a relação com seu pai/treinador-treinador/pai. Virou instrutora de surfe. Passou a administrar a sua renda pessoal. Hoje, inclusive, costuma ajudar seus pais com os gastos da casa e da academia. Quanto às nossas consultas, chegou a ter um momento onde os pais disseram que não poderiam mais arcar e por isso teria que parar, além disso, devido à pandemia, não haveria competições tão cedo. Hannah, na época, assumiu o custo e não interrompeu.

5.1.4 Análise técnica

Hannah falava da imprevisibilidade do surfe e do *jiu-jitsu*. Dizia que ambos são imprevisíveis, pois “no surfe você nunca sabe quando a onda virá e no *jiu-jitsu* você nunca sabe quando mudará de faixa” (sic). Talvez ela estivesse se referindo ao ponto central de seu processo. Independentemente de qual função estivesse ocupando, de lutadora, surfista, filha, administradora, professora ou aluna, ela estava sempre subjugada às decisões do pai, que é seu treinador, responsável pela escola de *jiu-jitsu* onde trabalha e detentor da escolha de quando e se graduará no esporte.

No surfe, a imprevisibilidade é da natureza. Depende de diversos fatores para que uma onda se forme: a força do vento, sua direção e a distância percorrida por elementos cruciais. Já a decisão quanto à mudança de faixa, o peso a competir e a competição a se inscrever na época era do seu pai/treinador, assim como a definição de composição da equipe técnica.

O trabalho terapêutico, então, passava necessariamente pela imagem simbólica que Hannah tinha de seu pai/treinador. O surfe oferecia essa possibilidade, pois foi a modalidade esportiva que possibilitou à Hannah esse descolamento da figura paterna. Mesmo quando ele se propôs a competir com ela, inclusive no surfe, foi quando Hannah começou a trilhar o seu próprio caminho, o caminho de surfista.

Desde os primeiros momentos narrados em nossas consultas, Hannah demonstrava exaustão por tanta pressão que sentia na relação com o pai, que era ao mesmo tempo seu treinador. Choros e explosões emocionais faziam parte das consultas, naquela época ainda muito localizadas na paisagem.

Talvez por ter sido encaminhada pelo pai, que havia sido meu paciente, o acompanhamento psicológico ainda estava muito vinculado ao pai e ao esporte. Isto ficou mais evidente quando se afastou da modalidade *jiu-jitsu*. Ela optou por interromper as sessões. Tempos depois, voltou à terapia. Hannah havia decidido voltar a competir no *jiu-jitsu* e seu pai montou uma equipe técnica com preparador físico, nutrólogo (que ela não gostava), psicólogo (eu) e treinador (seu pai).

Um ano depois, já com a pandemia da COVID-19 instalada, o pai sugeriu o corte do acompanhamento psicológico. A justificativa (do pai) era incompatibilidade financeira, além de entender que ela não a necessitava, já que as competições haviam sido canceladas. Hannah fez o oposto, assumiu o compromisso financeiro das consultas e optou por continuar mesmo sem competições. Esta mudança de postura demonstrou que já havia entendido que o trabalho terapêutico não a considerava apenas enquanto atleta, mas sim uma pessoa por inteiro.

Outro ângulo interessante a ser observado foram os sonhos trazidos por Hannah em nossa despedida antes da primeira pausa. Eles já apontavam para o processo de individuação a ser traçado por Hannah. Ao ser questionada sobre os sonhos, disse que o Mágico de Oz foi o primeiro livro que leu na vida e que gostava muito. Sobre o rio, não sabia falar muito. Apresentei então as minhas próprias associações.

Disse ver o Mágico de Oz vinculado à viagem para Europa. Não foi Hannah quem organizou a viagem, mas seu pai. Ainda assim, no sonho, foi ela quem encontrou os tijolos amarelos e traçou o caminho que precisava ser percorrido. O mesmo ocorre com a personagem Dorothy do filme, que projeta a salvação no Mágico de Oz, mas este representa a figura da farsa. Dorothy, então, no final das contas, é quem trilha o próprio caminho. Na Psicologia Analítica, faz-se analogia ao processo de individuação.

Ou seja, o sonho já trazia uma possível indicação de que, independentemente de qualquer coisa, o processo era dela. Quem estava decidindo pela interrupção era ela, decisão oposta à tomada durante a pandemia.

Sobre o segundo sonho, via a possibilidade do rio ser o inconsciente e suas sombras, o edifício sendo a estrutura egóica, o pai sendo o tubarão, que pode devorar aquela construção em processo e eu, enquanto terapeuta, sendo a pessoa que trabalhava no edifício. Discutimos a possibilidade de que seria o ser devorador rondando-a e que vinha do mar – o surfe ainda não fazia parte da vida dela, mas é no mínimo curiosa a relação com o mar que viria depois.

Para a Psicologia Analítica, olhar para aquilo que nos ameaça é fundamental (JUNG, 2014). Por isso, quando Hannah solicitou o retorno dos atendimentos, mesmo tendo sido por ter voltado a treinar, percebi que havia ali uma escolha dela. Hannah, ainda muito influenciada pela imagem devoradora do pai, começava a trilhar o seu próprio caminho. Desta forma, a aposta de atuação clínica foi buscar o fortalecer da estrutura psíquica de Hannah para que ela pudesse navegar e se aventurar em mares mais perigosos – com ou sem tubarão.

Ao final do processo terapêutico, Hannah já havia sido graduada com a faixa que desejava – a roxa. Narrou ter aumentado o diálogo e melhorado a relação com seu pai/treinador-treinador/pai e havia se tornado instrutora de surfe. Passou a administrar a sua renda pessoal, escolheu a sua nutricionista e pôde ajudar financeiramente as contas da casa.

5.1.5 Discutindo o caso

Hannah era atleta de *jiu-jitsu*. Quando começamos os trabalhos, era uma adolescente e veio encaminhada pelo pai, antes da pandemia. A diferença era que seu pai já fazia um trabalho enquanto atleta comigo. Ele, além de ser campeão

mundial, era também seu treinador. Em artigo escrito em parceria com Amato (2019, p. 367), descrevi “a adolescência como uma fase no desenvolvimento psíquico a serviço da individuação”, por ser um período de enormes mudanças e que exige toda uma nova reorganização, que coloca em dúvida tudo que até então era certeza. No esporte essas mudanças costumam ser analisadas a partir da influência maturacional.

Esta situação clínica pode indicar que é possível ultrapassar os estigmas da cultura esportiva, conclusão desejada por Gucciardia; Hantonb; Fleming (2016) e apresentada no Capítulo II. É importante enfatizar estes ganhos, pois tais estigmas só fazem aumentar a falta de instituições esportivas que investem na Psicologia do Esporte (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020), sem contar a percepção desumana que se coloca nos atletas (AMATO; RUBIO, 2019).

Para a Psicologia Analítica do Esporte, o desempenho das/os atletas, com metas estabelecidas e suas variações, pode ser pensado como uma representação simbólica da pessoa/atleta. Por isso a importância de metas com Hannah em relação às competições e a possibilidade de avançar em uma nova modalidade de esporte.

A narrativa do caso Hannah apresentou três momentos e finaliza no primeiro ano da pandemia. Fortuitamente, a pandemia teve efeitos positivos na vida dela. Scerri e Grech (2021) já apontaram a importância de também falarmos das situações nas quais a pandemia acabou trazendo aberturas para guinadas positivas na vida de diferentes atletas. Sem dúvida, estradas menos percorridas, mas que também merecem ser altamente valorizadas. Encontramos em Jung (2013, p. 45) a importância de “uma psicologia que também leva em conta o lado positivo. E essa é tão verdadeira quanto a que vê apenas o lado sombrio.”

5.2 Atleta Gian

5.2.1 Metodologia de escrita

O relato a seguir é um recorte dentro do processo terapêutico vivenciado por Gian, no qual atuei como psicólogo. Este recorte se deu durante o ano de 2020, primeiro ano da pandemia, mesmo que o trabalho com Gian já acontecesse desde 2019 e não tenha sido interrompido até a presente data. O objetivo, neste caso clínico, foi focar no primeiro ano de pandemia.

Ao fim de todas as consultas, eu gravava um áudio relatando o encontro. Este recorte foi elaborado a partir dos áudios das quarenta e oito sessões que tivemos ao longo do ano. Antes de qualquer publicação, o próprio teve acesso ao texto escrito e a oportunidade de ler e fazer as suas ponderações. Desta forma, há uma participação direta dele na elaboração da escrita.

5.2.2 Breves curiosidades sobre a modalidade

O futebol é um esporte de origem britânica que, de acordo com Santos (2018), atualmente é o esporte mais popular no Brasil. O autor afirma que “a popularização do futebol aconteceu de forma gradual” (Santos, 2018, p. 46). Carlos Byington, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA), que lamentavelmente faleceu em 2019, aos 85 anos, dedicou um de seus últimos artigos para falar de futebol a partir da Psicologia Analítica. Diz ele:

o futebol sempre foi um jogo revolucionário por quatro grandes razões: por ser associado, desde o seu início, ao Carnaval, festa sabidamente ligada à liberação das emoções e instintos; por ser jogado com os pés, símbolos do irracional numa cultura que se tornava cada vez mais racionalmente organizada e planejada através do padrão patriarcal, usada, sobretudo, de forma repressiva; por ser um esporte coletivo e, assim, contrariar os esportes individualistas das elites patriarcais dominantes; por dirigir as emoções do povo para uma disputa que acaba bem, contrariamente aos torneios patriarcais que terminam com a queda, ferimento ou morte do adversário; e, finalmente, por ser uma atividade social que subordina a agressividade ao esporte e congrega a coletividade (BYINGTON, 2019, p. 235).

Gian foi o primeiro atleta de futebol que acompanhei. Quando chegou ao consultório para a consulta inicial, vi um rapaz de quase dois metros de altura, magro e de sorriso fácil, era goleiro e disse que não saberia fazer outra coisa na vida. Vestia um tênis rosa, calça jeans e camisa do clube. Vinha direto do treino.

Minha experiência anterior tinha sido com equipes de futebol. Tanto com as equipes do Madureira e Olaria, na época da UNISUAM, como apresentado anteriormente, quanto na ECBVO. O trabalho anterior ao realizado com Gian havia sido com o coletivo e não individualmente com um jogador.

Se no Olaria e Madureira trabalhei com esporte enquanto competição, na ECBVO o trabalho se deu a partir da iniciação esportiva. Neste último, o futebol abria espaço para aqueles que viam o esporte como uma ferramenta de socialização e de bem-estar, porém sem o objetivo de competir, ou mesmo para aqueles que almejavam um dia participar de competições, mas que ainda estavam na iniciação esportiva. Nos momentos de treino, a equipe contava com profissionais de educação física, que eram os professores/treinadores da modalidade. Como psicólogo, eu atuava a partir das relações interpessoais: indivíduo e professor, indivíduo e colegas de treino e indivíduo e indivíduo.

A situação clínica do Gian pode ser vista como um exemplo de trabalho que busca a integração dos opostos complementares, fundamental para o processo de individuação. Jung (1985) falava da importância da relação entre características opostas para o desenvolvimento da personalidade egóica do eu, do equilíbrio entre os aspectos inconscientes e conscientes, sendo que para o autor o processo terapêutico era uma ótima oportunidade para unir os conteúdos do inconsciente com a consciência. Mas para isso era preciso aceitar os aspectos desejáveis e indesejáveis de si.

Gian, como veremos, apresentava uma oposição muito bem demarcada no que se referia à vida profissional e à vida pessoal. Enquanto goleiro era de uma rigidez anciã e não apresentava um bom trato com as situações adversas. Já no dia a dia apresentava um comportamento muito infantilizado, que gerava uma enorme

insegurança em seus pais. Com Gian, seguindo a Psicologia Analítica de Jung (1985), tentei provocar a aceitação do material inconsciente a partir de perguntas que buscavam ampliar a perspectiva da consciência, principalmente ao lidar com as situações indesejáveis da vida, dentro e fora de campo.

5.2.3 Narrativa

5.2.3.1 Janeiro de 2020

Sinopse

Após ter agarrado muito bem na competição no Japão e ter sido eleito o melhor goleiro da competição, Gian mal teve tempo de curtir as férias no Rio de Janeiro. Seu novo empresário conseguiu um teste em um time da Europa. Gian foi, estranhou as diferenças e a temperatura e voltou ao Brasil muito confiante, aguardando a resposta do clube. Enquanto isso, curtiu, e muito, o pouco tempo de férias que teve. Gian gosta muito de ir à praia, jogar futevôlei e aproveitar o verão carioca.

Consultas

7 de janeiro de 2020

O ano já começou com uma consulta diferente. Naquela semana, Gian havia me enviado uma mensagem raivosa do Japão, onde disputou uma competição como titular e ganhou o prêmio de melhor goleiro. Na mensagem dizia que estava muito chateado com o time, que parecia ter viajado com preguiça e que, ao invés de se queixar com os companheiros, optou por ir para o quarto e não falar com ninguém. Gian tem o perfil de falar o que sente de forma impulsiva, desta vez não o fez. A

oportunidade de jogar se deu porque o goleiro titular de sua categoria estava lesionado.

A consulta foi diferente, nossa primeira *online*. Gian está na Europa para fazer uma semana de teste para um novo clube enquanto está de férias do seu time no Brasil. Seu pai me alertou que sou o único, para além do núcleo familiar, sabendo desta oportunidade.

Algumas diferenças foram rapidamente notadas por ele. Chegou a dizer que é outro futebol. Que é “menos pelada”, fazendo uma alusão ao profissionalismo do local. Além disso, se queixou muito da temperatura. Gian é do sol e o inverno europeu não está fácil.

Em seu clube no Brasil, parece que o desempenho dele no Japão abriu novas oportunidades. Inclusive a de disputar competições mais importantes, como a Libertadores da América, em sua categoria. No final do ano de 2020, ele afirmou, repetitivamente, que queria mudar de clube, por isso lhe perguntei ao término da consulta:

– Ficar no time atual segue não sendo uma opção?

Sua resposta:

– Não sei, preciso pensar.

14 de janeiro de 2020

Diálogo inicial da consulta:

– Estou P. da vida (disse ele logo de cara).

– O que houve?

– Roubaram meu celular assim que cheguei no Brasil. Fui provocado por um cara lá no pagode, reagi e o cara levou meu celular com todas as minhas informações.

– O que tinha de tão valioso no celular que te fez reagir?

– Fotos minhas de treinos e jogos. To P. da vida, cara. Voltei de lá todo grandão e foi chegar e tomo essa.

– Parece ter te trazido humildade e dado chão.

– Não é?

Gian mudou de assunto:

– Preciso te contar o quanto curti essa semana e como foi lá na Europa.

Gian estava queimado de sol como eu nunca havia visto. Disse que tem ido à praia todos os dias jogar futevôlei e que tem saído todas as noites. Falou que estranhou muito a cidade em que foi fazer o teste: “muito pacata e estava muito frio”. Ainda aguarda o resultado da semana de teste e já voltou aos treinos aqui no Brasil.

– Preciso me esforçar mais para continuar focado nos treinos aqui, mas já nem tenho vontade de ir.

– E por que você vai?

– Por que ainda não me deram resposta, ué!

– E o que fará se você não for aprovado?

– Eu serei, mas é por isso que sigo treinando. Mesmo sem vontade. Afinal posso ser inscrito, pela primeira vez, no Cariocão (campeonato do estado do Rio de Janeiro).

– Ah, então tem outros motivos para continuar indo, né?

– Sim, mas não está fácil ir.

– Estou vendo.

5.2.3.2 Fevereiro de 2020

Sinopse

Mix de emoções. O mês começou com Gian desmotivado por ainda ter que treinar no clube do Brasil. Na segunda semana já tinha uma resposta positiva. Antes mesmo de ir para a Europa, a insegurança quanto à adaptação emocional o desestabilizou. Havia muita confiança no dar conta como goleiro, mas um receio

enorme de lidar com a distância. Seu pai era a única pessoa que estaria com ele no primeiro momento e, ainda assim, só iria quinze dias depois. Os primeiros dias de fato foram bem difíceis. Até porque acompanhou o carnaval do Rio pelas redes sociais, enquanto enfrentava o forte frio europeu.

Consultas

06 de fevereiro de 2020

O time europeu ainda não deu a resposta, mas Gian está muito confiante com a ida e segue lidando com o Rio de Janeiro e com o seu atual clube como se estivesse se despedindo. Diz estar ansioso e segue apresentando uma desmotivação grande por ainda ter que treinar aqui.

13 de fevereiro de 2020

Gian estava muito feliz. Foi aprovado pelo time Europeu. A proposta é ficar até junho trabalhando apenas a parte muscular e ganhando altura e peso. A partir de agosto participará da primeira competição. Lamentou ter que ir antes do Carnaval, mas disse que aproveitará tudo nestes três próximos dias, antes de viajar.

– Não será fácil ficar longe de todo mundo aqui. Acho que em seis meses resolvo minha vida financeira, mas demorará uns dez anos para me acostumar emocionalmente.

– Quer desistir?

– Claro que não, mas vou precisar destas nossas conversas. Está sendo tudo muito rápido.

– Rápido? Há quanto tempo você respira futebol?

– Mas é diferente, sei lá.

– Descobriremos juntos. Parabéns!

– Obrigado.

Optei por uma conduta mais diretiva de forma estratégica. Trabalho com Gian há um ano e entendi que era o que me pedia naquela consulta. Gian me demanda

sempre o outro pêndulo da balança quando o assunto é a carreira profissional, foi o que tentei fazer. Por exemplo, durante o ano de 2019, enquanto estive na reserva e via pouco espaço de progresso no clube, suas falas oscilavam entre o desejo de desistir e o sonho de se tornar um goleiro profissional. Durante as consultas, eu o acolhia destacando cada oportunidade que surgia. Fui, inclusive, assistir a alguns jogos que jogou como titular.

18 de fevereiro de 2020

Terminei a consulta extremamente emocionado. Sim, também nos emocionamos com nossos atletas. Gian veio para a última consulta antes de viajar. É um ciclo se fechando para um novo se abrir. Parecia estar muito assustado. Os dez primeiros dias serão sozinho. Seu pai se encontrará com ele lá, quinze dias depois. Uma coisa que me chamou atenção durante a consulta e que pode demandar uma atenção maior foi a relação com as redes sociais. Fez um texto de despedida e o número de seguidores e de comentários triplicou. A grande maioria vinda de torcedores do clube que ele acabou de se desvincular, após viver toda sua adolescência neste lugar. Gian passou a consulta me mostrando as mensagens, fez isso com grande euforia.

26 de fevereiro de 2020

A consulta foi com os pais de Gian, que relataram uma dificuldade muito grande do filho em se adaptar à Europa e pareciam assustados. É como se algo que desejaram por um bom tempo se concretizasse e os assustasse. Sem dúvida nenhuma, essa conquista feita na trajetória do Gian foi construída pelos quatro. Pai, mãe, irmão e Gian. Foquei o acolhimento no processo de adaptação. O pai de Gian estava muito inseguro e culposo, pois havia prometido estar lá com o filho, mas como o visto ainda não saiu, não conseguiu.

27 de fevereiro de 2020

Primeira consulta com Gian desde que retornou à Europa. Disse estar sendo muito difícil se adaptar e que não tem falado com a mãe, pois o deixa mais triste ainda.

- E com seu pai?
- Meu pai solta a real. Se eu falar com a minha mãe voltarei na hora.

Também me chamou a atenção quando falou sobre a alimentação. Um alerta foi acionado, mesmo sabendo que aparenta ser do processo de adaptação.

– Falta afeto na comida daqui, por isso como no McDonalds quase todos os dias. Mesmo sabendo que faz mal.

– Do Brasil você só tem falado com seu pai?

– Não, com você e com o Luigi (irmão) também. Acho que tudo vai melhorar quando meu pai chegar.

– E os treinos, como estão?

Sorriu, mudou o semblante e respondeu:

– Os goleiros das categorias mais novas daqui ficaram impressionados que toco no teto do corredor que dá para o vestiário. Vieram falar comigo e perguntaram do Brasil.

– Então... Bacana, hein!?!?!?

– Po, mas todo dia eu entro nas redes sociais e vejo a galera nos blocos.

– Você queria estar nos blocos?

– Não é isso.

– É o que então?

– Sei lá

– Acho que você está vivendo uma fase de transição, mas vejo você dando conta.

– É, acho que as coisas vão melhorar quando o meu pai estiver aqui.

5.2.3.3 Março de 2020

Sinopse

Seu pai enfim chegou e ele pôde deixar o alojamento do clube e ir para um apartamento alugado por eles. Só que este cenário não durou muito. A pandemia tomou conta da Europa. O país onde estava decretou *lockdown*. Gian e seu pai optaram por voltar, mesmo não tendo finalizado o processo de contratação. De volta ao Brasil, o cenário também é outro em comparação com o que deixou. Apesar de ver alguns colegas postando momentos de lazer no Instagram, Gian está tendo que seguir isolamento social total imposto pelos pais. Este cenário reatou comportamentos agressivos e infantilizados de Gian. Devido ao grau de angústia em que viveu no mês, solicitou, pela primeira vez, uma consulta a quatro: eu, ele, o pai e a mãe.

Consultas

05 de março de 2020

Após Gian passar quinze dias solitário e dormindo no alojamento, seu pai chegou e estão em um apartamento alugado. Gian ainda se pergunta o que está fazendo por lá, longe do verão carioca, mas não aparentou mais a tristeza profunda que estava antes da chegada do pai. Ainda vejo como um processo de transição e adaptação.

12 de março de 2020

Devido ao Corona Vírus, Gian e seu pai estão voltando para o Rio. A cidade europeia está em *lockdown*, os treinos estão cancelados por tempo indeterminado e ambos decidiram voltar com medo de ficarem presos na Europa sem ter treino. Sua mãe, que trabalha com a área da saúde, demonstrou que é contra o retorno. Defende a tese, com a qual eu inclusive tendo a concordar, de que, como a COVID-19 ainda não chegou ao Brasil, e se chegar aqui ele pode ser impedido de retornar para a Europa, deveria permanecer onde está. Assim, seu time treinará por lá e ele estará aqui no Brasil, sem clube. Há a questão também do processo de contratação

não ter sido finalizado. De todo modo, é curioso, pois o medo dele de falar com a mãe, antes do pai chegar, era justamente dela falar que era para ele voltar.

Durante a consulta, Gian aparentou uma fala e um comportamento um tanto quanto infantilizados. Percebi-me, inclusive, julgando-o. É muito importante quando percebemos a sombra do terapeuta falando no encontro analítico. O Bairro onde Gian mora é o mesmo em que passei a minha infância e a minha adolescência. Na verdade, o local que frequenta na praia é o mesmo que frequentei toda minha vida. Quando disse que vai mostrar para todo mundo que está ganhando em Euro e quem manda na praia é ele, senti um incômodo. Algo tocou em mim e olhei a fala como imatura. É claro que não é para o analista julgar seu paciente, mas também não devemos calar nossas sombras. Talvez o trabalho esteja exatamente aí.

19 de março de 2020

Primeira consulta após seu retorno. A ameaça do Corona Vírus chegou ao Brasil. Seus pais não o deixam sair de casa com medo do contágio. Além disso, segue apresentando um comportamento infantilmente soberbo, devido à ida para o clube europeu. Seu pai, inclusive, tem cobrado, talvez exageradamente, uma maior maturidade, principalmente nas redes sociais. Gian expõe, tanto no Instagram quanto no Twitter, que não aguenta mais ficar em casa, assim como outras pessoas de sua idade. Confesso não ter visto um excesso:

- Ele parece zagueiro. Eu sou o atacante e ele o zagueiro.
- Ele tem motivo para isso?
- Ah, cara, sei que às vezes dou mole, mas também tenho consciência. Tenho treinado o físico e tenho me alimentado direito.
- Você já falou isso para ele?
- Pô, esse lance de ficar em casa não está dando. Tenho 17 anos, quero curtir.
- Ok, mas o que pode acontecer se você sair para curtir?
- Sei que não posso pegar esse vírus. Que tenho que ficar tranquilo, pois posso retornar a qualquer hora, mas, pô, este tempo lá foi muito difícil, principalmente antes do meu pai chegar (uma fala muito emocionada).

- E agora? Como está sendo?
- Não imaginei que, ao voltar para o Brasil, encontraria as coisas como estão.
- Pois é, ninguém tinha ideia do que iria e do que vai acontecer.
- É, pelo menos aqui fico com minha família e não está tão frio. Só não sei até quando aguentarei.
- Estou com você nesse processo.
- Tô ligado! Tamos juntos!

26 de março de 2020

A cidade do Rio de Janeiro entrou em quarentena. Gian segue com muita dificuldade de ficar em casa e tem tido alguns comportamentos agressivos e reativos, tão bélicos quanto os de que seus pais se queixaram nas entrevistas iniciais, quando me procuraram há um ano. Chegou a bater boca com um senhor do seu prédio.

Falou de três coisas que o tiram do sério: injustiça, falta de humildade e ingratidão. Quando perguntado onde ele viveu ou foi assim, lembrou de quando ainda era jogador do time anterior e foi muito injustiçado. Já sobre ingratidão, diz que pode estar sendo ingrato com tudo que os pais fizeram por ele e como tem reagido neste período de quarentena, mas que está muito difícil ficar em casa.

Há uma relação dúbia com o pai. Muita briga, mas ao mesmo tempo respeito. O que não o impede de enfrenta-lo.

31 de março de 2020

Gian me enviou uma mensagem e pediu para fazer uma consulta com os pais. Pela primeira vez, fizemos uma consulta a quatro. Mais uma novidade provocada pelo isolamento social causado pela COVID-19. Disse que não estava aguentando mais ficar em casa. Acho que queria que eu convencesse seus pais de o liberarem. Durante a consulta, remarquei a frustração que a COVID-19 trouxe a todos. Que estava prestes a realizar um sonho e que teve que voltar para casa. Em casa não pode fazer o que gosta, por exemplo, estar com os amigos, jogar futevôlei

e ir à praia, apesar de insistir em querer fazer mais coisas. Seus amigos do futebol, no Rio, têm se encontrado e seus pais não permitem que ela vá.

Outras negociações começam a acontecer. Gian quer fazer uma tatuagem. Seu pai é contra e sua mãe não vê problema. Acredito que esse seja um tema que pode provocar um maior diálogo entre eles.

Sobre o time europeu, os pais estão impressionados com o profissionalismo e a forma com que o clube cuida de seus atletas. A mãe falou que era “muito diferente do que vivemos até aqui”. Já o pai insiste que “Gian precisa reconhecer essa diferença de tratamento”.

5.2.3.4 Abril de 2020

Sinopse

O time do Gian começou a fazer os treinos *online*. Inicialmente Gian demonstrou muita resistência, principalmente devido ao horário, sete horas da manhã de Brasília. Outra dificuldade apresentada por ele foi a de lidar com o fato de que vinha em uma ascensão muito positiva e com o cenário pandêmico viu seu percurso ser paralisado. Com isso, as consultas começaram se transformar em espaço para queixas. Começo a perceber um possível quadro de depressão sendo inaugurado. A falta de rotina o coloca para dormir muito mais do que o normal. No final do mês, Gian já podia sair para a casa de um amigo específico e acabou fazendo a tão desejada tatuagem. Pela primeira vez, desde seu retorno, passou uma semana sem me enviar uma mensagem. Durante todo esse período usou este canal para desabafar, além das consultas semanais.

Consultas

07 de abril de 2020

Consulta muito difícil. Seu time tem feito treinos *online* no horário europeu, o que significa sete horas da manhã no Brasil. Gian não tinha avisado aos pais e não estava acordando para participar. Seus pais descobriram:

- O bicho pegou aqui em casa!
- Foi?
- Pô, os caras querem que eu treine às sete da manhã?
- O que acontece se você disser que não vai treinar?
- Como assim?
- Ué, foi mais ou menos o que você fez, não foi? A diferença é que, ao invés de falar, você ignorou.
- Pior que é verdade. Me fingi de morto. Sei que não posso fazer isso, MAS SETE HORAS DA MANHÃ?!?!?!? Quem aguenta?
- Olha, sei de muita gente que acorda até mais cedo para ir trabalhar. (Silêncio e um olhar que dizia muita coisa e nada ao mesmo tempo).
- Gian, o que faria você acordar para treinar *online* às 07h?
- Meus pais.
- Você treina por eles então? O que você acha que eles diriam se você falasse que não quer mais?
- Quem disse que eu não quero mais? Pô, é o meu sonho.
- Ah, então posso dizer que o seu sonho lhe faria acordar às sete horas para treinar?
- É, acho que sim, mas é que está muito difícil.
- Posso imaginar, e se você mudar de sonho estaremos com você do mesmo jeito. Seus pais, seu irmão e eu.
- Eu sei, mas é que está muito difícil. Claro que sigo firme no meu sonho, até porque o que farei da vida se não for ser jogador? Mas está muito difícil.
- Conta.
- Estava no auge. Estava em um ótimo momento. Onde eu ia, as pessoas vinham falar comigo. Meu Instagram estava bombando. Várias meninas. E de repente isso. Eu estou muito confuso e muito triste. Mais confuso do que triste. Está muito pesado, triste e cansativo.
- Gian, eu estou vendo que está pesado. Tenho lhe acompanhado. Vi como foi a virada do seu ano, vi como ficou feliz quando soube que havia sido aprovado e

estou vendo como tudo está sendo afetado devido à COVID-19. Que bom que você está podendo falar sobre. E digo mais, você sempre foi um cara que gostou do pertencer. Acho que quando você conseguir tirar a obrigatoriedade como se fosse algo exigido dos seus pais ou do clube, as coisas podem mudar.

– Tá brabo!

– Eu tô vendo. Tenta assumir este treino da manhã como uma atividade sua e não uma exigência dos seus pais. Uma rotina sua, proposta pelo seu novo time. Vamos ver o que vai acontecer. Qualquer coisa estou aqui.

– Beleza!

14 de abril de 2020

Vejo Gian utilizar as consultas como um espaço de queixa, mas, apesar das resistências, tem feito os treinos e respeitado o que é imposto por seus pais. Duas coisas me chamaram a atenção: (i) Gian tem dormido muito mais do que de costume, fico receoso de ser um possível quadro de depressão se abrindo, (ii) algumas aberturas começam a ocorrer em sua casa: Gian fez a tatuagem que tanto queria e foi a um churrasco; segundo o próprio, “foram os dias mais felizes da minha quarentena”.

23 de abril de 2020

Primeira semana, desde seu retorno, em que Gian não me envia uma mensagem dizendo o quão difícil está sendo. Conseguiu estabelecer uma rotina, toda focada no dormir, que, segundo me falou, tem a ver com “fazer o tempo passar”:

– Não tenho muito o que dizer e fazer. Minha vida está muito devagar, muito parada.

– Como é sua rotina atual?

– Acordo quinze para as sete. Faço o treino das sete. Volto a dormir. Acordo para almoçar e volto a dormir. Acordo às três e vejo TV até uma da manhã e volto a dormir.

– E o que percebeu após estabelecer essa rotina?

– Estou menos ansioso e as coisas estão menos pesadas.

- Não dá para colocar uma atividade física aí? Pergunto por saber que você gosta muito de praticar esporte e que não gosta de TV. Ou estou enganado?
 - Não gosto mesmo não. Meu pai já até tentou, mas não deu certo.
 - Você já tentou?
- Silêncio e fim da consulta.

30 de abril de 2020

Gian tem podido ir à casa de um amigo específico, o que tem feito muito bem a ele. Gian gosta muito de, como ele mesmo chama, “uma resenha”. Começou a falar sobre como o clube europeu está exigindo um profissionalismo dele e que até acha isso bom: “É diferente do que ocorria aqui. Eles são mais profissionais e os treinadores são mais cuidadosos conosco.” Fora isso, falou menos sobre a vida de atleta e mais sobre a vida social. Acredito que seja a porta que tem se aberto. Até então, tanto a vida social como a atlética estavam esvaziadas. Tinha que ficar em casa, longe do esporte e dos amigos. É curioso como uma impulsiona a outra. Mesmo sem treinar no clube, estar com um amigo o deixa mais satisfeito e ajuda a lidar com a incerteza de seu futuro profissional.

5.2.3.5 Maio de 2020

Sinopse

Gian começou a treinar com um antigo preparador de goleiro, o que acrescentou mais uma atividade em sua rotina. Ainda assim, segue apresentando uma grande dificuldade em lidar com situações que se demonstram adversas e contrárias ao seu desejo, dentro ou fora do mundo esportivo, além de uma constante oscilação entre comportamentos maduros e infantilizados. É como se fosse um constante processo de adaptação.

Consultas

07 de maio de 2020

Gian contratou um treinador e conseguiu um campo onde tem treinado aspectos técnicos e físicos, sendo então mais uma atividade em sua rotina diária. Atualmente, depois do treino pelo zoom às sete da manhã, de que segue se queixando muito, volta a dormir, acorda para almoçar e em seguida vai para o treino particular. Rotina essa que parece não estar sendo muito bem aceita pelo pai e que tem provocado algumas discussões entre os dois, principalmente pelo fato de Gian ficar acordado até de madrugada. Em uma dessas discussões, seu pai desmarcou o treino que aconteceria após almoço e Gian ficou muito bravo. Percebo uma falta de capacidade de lidar com situações adversas e contrárias ao seu desejo. Lembrei que o mesmo ocorria durante treinos e jogos. Talvez, trabalhar esses aspectos fora de campo o ajude a desenvolver estratégias dentro de campo. Um bom começo seria mostrar ao pai que consegue lidar sim com suas responsabilidades, mesmo ficando acordado até alta madrugada, pois de fato vejo em Gian um *mix* muito grande: ora maduro, ora imaturo. O que pode ser, inclusive, uma característica da própria idade.

14 de maio de 2020

Gian, ao mesmo tempo em que apresenta uma persona de jogador irresponsável e pouco estratégico, demonstra uma ampliação de consciência quanto ao seu processo atual:

- Pô, já estou ficando P. da vida com o time!
- Por quê?
- Quero botar brinco e meu pai diz que não posso. Que o time não vai deixar.
- Mas isso te faz ficar P. da vida com o time?
- Pois é. Já até falei para o meu pai. Se de fato eles forem contra, quando eu voltar, eu tiro. Já não estou podendo jogar, tendo que acordar às sete horas para treinar, não posso sair de casa e nem brinco eu posso?
- Pois é, me parece algo a ser resolvido mais com seu pai do que com o time em si. Mas gostei da sua tomada de consciência quando você falou que qualquer coisa você tira.
- Você acha que eu devo colocar o brinco?

- Se você deve colocar eu não sei, mas acho que a fala do seu pai pesa muito pra você.
- Você precisa ver como ele ficou quando fiz a tatuagem.
- Como?
- Algumas semanas de cara fechada.
- E agora?
- Agora está de boa, por isso que não sei se colocarei ou não o brinco.
- Você me conta semana que vem o que decidiu.
- Combinado. Obrigado.

21 de maio de 2020

Gian contou histórias de brigas em que já se envolveu e disse que, na verdade, deveria ser um *playboy* da Barra, pois vem de família com boa condição financeira. Só que, graças ao convívio que teve no time que o formou, conheceu muitas pessoas de realidades diferentes e sabe muito bem se defender. Sigo achando que isso tudo tem a ver com adaptação a esse novo momento de vida que, devido à COVID-19 e a esse período em que ela o fez ficar mais em casa, acabou ampliando a consciência de si e podendo rever aspectos de sua vida.

5.2.3.6 Junho de 2020

Sinopse

O cenário da COVID-19 na Europa aparenta estar mais controlado e seu clube agendou o retorno dos treinos para o início do mês seguinte. No período entre saber do retorno e viajar, Gian optou por não pensar no assunto, mas ficou nítido como a notícia o deixou mais leve e alegre. Novamente o pai o acompanhará. Porém, mais próximo de sua viagem, uma insegurança o abateu, principalmente quanto à adaptação. Utilizamos exemplos e perfis de goleiros brasileiros que fizeram um percurso parecido com o dele. Quando chegou, lá Gian ainda teve que cumprir

um período de quarentena, por isso sua passagem foi comprada para quinze dias antes do retorno aos treinos.

Consultas

04 de junho de 2020

Gian foi chamado de volta aos treinos presenciais. Faltam 15 dias para sua viagem, que fará com o pai. Ao chegar, terá que cumprir isolamento total por 20 dias. Apesar de aparentar uma leveza na relação com a família, o que me sugere ser consequência direta da possibilidade de seu retorno, Gian adotou a postura de não pensar sobre o assunto: “Quero viver um dia de cada vez”.

09 de junho de 2020

Contagem regressiva para o retorno. 10 dias.

- Aqui em casa querem que eu seja um robô. Um goleiro europeu.
- E você, o que você quer ser?
- Não sei, mas se eu pudesse escolher entre ser um DJ famoso ou um goleiro de seleção eu optaria por ser DJ. Tem mais a ver com meu estilo.
- Como é esse seu estilo de DJ?
- Sei lá. Só sei que não sou esse goleiro robô que querem que eu seja.
- E que tipo de goleiro você é?
- Eu sou fanfarrão, pô. Sou carioca.
- Você acha que indo para lá você deixará de ser fanfarrão e carioca?
- Nunca deixarei de ser quem eu sou, mas sei que preciso me adaptar. Lá é diferente.
- Diferente como?
- Pô, você já viu os goleiros europeus?
- Quais? Porque, pelo que sei, tem vários. Inclusive brasileiros agarrando por lá.
- É isso! Eu sou muito mais parecido com o Ederson do que com o Allison.

– Me parece que o Ederson também conseguiu se adaptar à Europa. O Ederson e o Allison.

– Pois é, nada a ver essa bronca da minha mãe.

– Vai ficar com saudades dela?

– Claro, né! Mas final de ano ela estará lá conosco. Pô, será que vou me adaptar?

– Acho que você já vem se adaptando a todas essas mudanças que aconteceu na sua vida faz tempo. E olha que não foram poucas.

– Não é? Pô, vai para o frio da Europa... volta para o isolamento aqui no Brasil...

– E agora?

– Agora é voltar e fazer o meu.

– Até semana que vem.

– Até!

18 de junho de 2020

Última consulta com o Gian antes de seu retorno. Parecia-me muito inseguro e inquieto. Voltando a contar histórias e vantagens de forma muito infantil:

– O que foi, Gian? Porque você está assim hoje?

Silêncio prolongado...

– Tô bolado.

– Fala

– Tô com muito medo. Eu não sei colocar em palavras.

– Você sabe que seu pai me mandou uma mensagem esta semana dizendo que você só consegue focar nos aspectos negativos da vida?

– Mandou, foi?

– Mandou. Você sabe o que ele quis dizer por você focar nos aspectos negativos da vida?

– Não, mas sei que tem momentos em que me sinto confiante e outros, sem confiança. Não é que seja falta de personalidade, mas tô bolado.

– Gian, você acha que o Ederson não ficou bolado quando teve a oportunidade de ir para lá?

- Pô, o Ederson é brabo, será que ele ficou bolado?
- Olha, se ficou eu não sei. Não o conheço, mas acho que seria normal ele ficar. Ter uma oportunidade dessa não é para qualquer um.
- Pois é, né? Ele pode ter ficado.
- Assim como você também pode e isso não faz de você alguém sem personalidade.
- É. Acho que não.
- Então boa viagem e nos falamos quando estiver por lá.
- Valeu.

5.2.3.7 Julho de 2020

Sinopse

Este período sem treino na Europa o fez sentir, novamente, muitas saudades do Rio. Principalmente porque as medidas de restrições começaram a ser afrouxadas em sua cidade natal. O retorno aos treinos amenizou as dificuldades de estar por lá, mas elas ainda se fazem presente.

Consultas

02 de julho de 2020

Primeira consulta com Gian na Europa. Ficou duas semanas sem internet e, conseqüentemente, sem as consultas. Tem se aproximado muito do pai e tem participado bastante das atividades de casa, como lavar louça e arrumar o quarto. Nesta consulta, falou muito pouco de futebol e focou mais na comparação com o irmão, que está em uma vida de lazer no Rio de Janeiro enquanto ele está na “Europa isolado e na ralação”.

09 de julho de 2020

Gian termina a consulta cantando uma música que diz como a coisa fica boa depois que o vendaval passa. Afirma ter vontade de voltar, mas também tem vontade de ficar e buscar algo maior. Pela primeira vez me mostrou imagens dos jogos que teve no Japão do final do ano passado, quando foi eleito melhor goleiro da competição. Teve um jogo em que defendeu três pênaltis. Parece-me que, quando as coisas estão boas, ele consegue ter um comportamento menos infantilizado. Pessoas da sua cidade que já moravam por lá começam a convidá-lo para fazer programas pelo país durante o final de semana. Ele se nega. Diz que não quer fazer amigos, que os amigos de verdade ficaram no Rio de Janeiro.

16 de julho de 2020

Gian tem explorado a cidade com seu pai. Parece estar mais adaptado, apesar de ainda ter momentos em que se sente muito triste e saudosos. Não tem treinado com o time, pois o elenco não voltou de férias, somente os estrangeiros. Então tem ido ao clube trabalhar a parte física.

23 de julho de 2020

Hoje foi aniversário do Gian e ele fez questão de fazer a sessão. Estava comemorando antes, iria voltar a comemorar depois, mas quis fazer a consulta. Queria contar que enfim assinou o contrato com o clube. Os treinos com todo o elenco começaram e a veia competitiva dele já ressurgiu nos treinos. Ainda se queixa de saudades e falta do Rio de Janeiro, mas diz que está fazendo a coisa certa e que a presença do pai está sendo fundamental.

30 de julho de 2020

Consulta focada nas adversidades que tem vivido devido à adaptação. O treinador de goleiros tem pedido posicionamentos em campo que ele não está acostumado a fazer. Diz ter muita dificuldade por já estar acostumado com outra forma de ser goleiro e estar tendo que aprender muitas coisas novas. Há uma rivalidade com o goleiro que já estava no clube. Gian havia me enviado uma mensagem se queixando e demonstrando o receio de ser reserva novamente,

porém, a competição só acontecerá daqui a dois meses. Na mensagem, dizia também das saudades que tem do Rio. Chega a contar as semanas que já está por lá, como se estivesse aprisionado.

– Preciso ter a mente forte. Está muito difícil. E não adianta você falar, pois sou eu que tenho que ter a cabeça no lugar.

– Eu sei, mas ainda assim faço questão de dizer. Já imaginava a dificuldade que seria a adaptação e tenho certeza que você dará conta.

– Eu preciso ser titular na competição.

– Novamente este fantasma de ser reserva, né?

– Mas vim para cá para ser titular e serei.

– Beleza, só não se esqueça que tem dois meses para a competição e que o cara estava aí antes. Lembra de como foi com você quando chegou o goleiro novo e você já estava lá há anos?

– Nem me fale. Dá raiva só de lembrar.

– Então, que bom que você tem dois meses pela frente.

– Você acha mesmo?

– Você não?

– Sei lá.

– Veremos. Treino a treino.

– Beleza.

5.2.3.8 Agosto de 2020

Sinopse

Segundo mês do retorno à Europa. Gian começa a chamar atenção dos treinadores de categorias acima à dele. Foi, inclusive, convocado para participar de alguns treinos. Além disso, mantém uma relação de competição com o goleiro de sua categoria e não consegue lidar bem com o rodizio que seu treinador faz nos jogos treinos. Cada jogo é um goleiro que começa como titular e, quando não é a

vez dele, ele diz que dá vontade de nem ir. As saudades continuam e Gian segue contando os dias desde que retornou.

Consultas

05 de agosto de 2020

Gian está cada vez mais adaptado. Teve que lidar com questões burocráticas, banco e documentações, e se saiu muito bem, além de ser chamado para treinar na categoria com o elenco mais velho. Diz que espera estar em seu auge com 25 anos e que, até lá, tem muito a caminhar. Por fim, confessou estar com saudades da mãe. À medida em que se adapta, a raiva e a agressividade diminuem.

13 de agosto de 2020

Gian começa a ter jogos treinos internos entre categorias. Ele, que é do sub19, começa a ter amistosos contra sub17 e sub23. Fora isso, comenta também as diferenças que há, no respeito às lideranças na relação treinador x atleta, entre o futebol europeu e o futebol brasileiro. Disse que no Brasil os jogadores costumam respeitar menos e ter mais voz com as diretorias. Que na Europa as coisas acontecem como o treinador manda e fim de papo.

20 de agosto de 2020

Gian demonstrou muitas saudades do grupo de jogadores do Brasil. Diz isso em um movimento de comparar a cultura e as relações entre a equipe atual e a que o formou. De certa forma, percebe que ameaça os outros goleiros do seu time e, ao mesmo tempo, se coloca ameaçado por eles. Parece que pela primeira vez está em um cenário mais sozinho, onde os passos futuros dependerão muito de como ele agirá.

27 de agosto de 2020

Gian é uma pessoa muito afetuosa. Começa a consulta me desejando feliz dia do psicólogo e narrou o quanto está saudoso das avós. Quanto ao futebol, seu treinador tem feito revezamento entre os goleiros nos jogos treinos. Isso lhe faz muito mal. Sabe que o treinador está avaliando todos e que ainda não está na hora de pensar em titularidade, mas isso é difícil para ele, por ser muito competitivo. Acaba por ficar irritado e estressado. Gian tem um pavio muito curto, desde o início seus pais dizem que ele é muito bélico, mas ele começa a perceber e tomar consciência de como essa característica tem lhe feito mal. Quanto ao último amistoso em que foi titular, Gian driblou um atacante e o que ouviu de seu treinador foi: “Enquanto estiver dando certo, ok, quando errar irei na sua jugular”. Para além do futebol, começa a viajar com o pai para as cidades vizinhas e fazer outras atividades externas, como ir à missa. A religião para ele tem um papel estruturante fundamental, além de aproxima-lo da mãe. Quanto à COVID-19, ainda precisa seguir regras de isolamento social, o que o limita.

Ao mesmo tempo em que ainda conta os dias que está lá, começa a citar as conquistas que está tendo: salário, projeção, conhecer novos países, maior aproximação com o pai e maior autoconhecimento.

5.2.3.9 Setembro de 2020

Sinopse

Como as competições seguem sem data para começar, Gian começa a se perguntar por que precisa treinar se não vai competir. Por que precisa estar na Europa se não tem prazo para os jogos começarem. Isso porque o cenário da pandemia segue exigindo o isolamento social. Passou o mês inteiro neste dilema, sendo que, nos momentos de treino, demonstrava profissionalismo, mas fora deles só pensa em voltar. Seu irmão chegou no fim do mês, o que pode amenizar esse processo. São muito amigos.

Consultas

03 de setembro de 2020

Gian começa a se perguntar por que treinar já que não terá competição. Isso porque as competições foram adiadas e não têm data marcada ainda para começar. Estes questionamentos vêm ampliados pela vontade de voltar para o Brasil, visto que no Rio o futebol de sua categoria voltará a acontecer em breve. Busquei refletir com ele que o treinar agora é profissão e não mais busca pela profissão. Que agora há uma relação profissional, com contrato e salário. Mesmo assim, manteve-se muito incomodado. Fora isso, começou a criar amizades e, com os novos amigos e seu pai, segue fazendo programas pelas cidades vizinhas.

10 de setembro de 2020

Gian oscila entre uma seriedade muito grande de quando está em campo, treino ou jogo e uma ludicidade infantil fora de campo. A seriedade chega a preocupa-lo, pois tem vezes em que se percebe quase perdendo a cabeça. Disse que o treinador do time propôs um treino que deixava os goleiros em uma situação de muita vulnerabilidade. Os atacantes poderiam chutar de muito perto. Ficou revoltado. Bicou a bola e se queixou muito com o treinador de goleiros. Disse que ali não era lugar de brincadeira e que goleiro não era palhaço para os jogadores de linha se divertirem.

Ao mesmo tempo, conta histórias muito infantilizadas de fora de campo. Como, por exemplo, momentos de descontração com os amigos brasileiros que moram por lá. Parece que esta oscilação representa exatamente o processo que Gian está vivendo. Talvez o trabalho seja a busca por este equilíbrio. Isto é, diminuir a seriedade em campo, sem deixar de ser sério. Diminuir a infantilidade nos momentos pessoais, sem deixar de ser lúdico. O ideal seria levar um pouco mais a sério a vida pessoal e um pouco mais ludicamente a vida profissional.

17 de setembro de 2020

Gian volta a se questionar sobre a dificuldade de lidar com a frustração e a adversidade, mesmo parecendo saber lidar melhor com as novas situações, principalmente quando se refere ao fato de ainda ser banco de reservas. Além disso, surge um confronto com o pai. Quer fazer mais uma tatuagem, sabe que não precisa mais da autorização do pai, mas ainda assim busca a aprovação dele. Algo que não terá.

24 de setembro de 2020

Gian segue muito triste e frustrado por estar treinando... treinando..., mas não estar jogando. Gian é muito competitivo e se move a partir da adrenalina do competir:

- Abri mão de muita coisa para não poder jogar.
- Você tem todo direito de se sentir assim, mas sabe que é um contexto mundial, né?
- Menos no Brasil, né? Vejo várias festas nos *stories* da galera daí. Gostaria de estar aí com eles.
- Gostaria mesmo se isso significasse seguir na reserva aqui no Brasil?
- Não, eu tô ligado que meu lugar é aqui. Só que não é fácil.
- Não mesmo.
- Pelo menos meu irmão chegou e ficará um período.
- A presença dele faz toda diferença, né?
- Pô, ele é parceiro demais.
- Aproveita então para curtir a presença dele. Nos vemos semana que vem.
- Suave!

5.2.3.10 Outubro de 2020

Sinopse

Casos de COVID-19 começam a surgir no clube, as competições seguem sem data de retorno. Enquanto isso, seu antigo time no Brasil voltou a participar de competições. Este cenário intensifica as dificuldades sentidas. No final do mês, Gian recebeu o convite para fazer um teste na categoria de jogadores com até 23 anos. Categoria que está no meio de uma competição. Mais uma vez veio uma dose de ansiedade e insegurança, acompanhada de felicidade pelo reconhecimento de seu trabalho e alívio por perceber que seu caminho segue sendo trilhado.

Consultas

01 de outubro de 2020

Gian fala sobre um goleiro por quem tem muita admiração, o Cesar, do Flamengo. Ele vive sendo reserva, mas um reserva sempre pronto para entrar em campo. Inclusive, Cesar é a figura na capa do seu celular. É curioso porque essa parece ser a sina dele, sempre ser reserva, mas a sua forma de lidar com a situação é completamente oposta à do Cesar. Diz que não consegue. Trabalhamos muito este fascínio por um goleiro que o representa tão bem, mas que reage de forma oposta. Ainda não consegue dizer o motivo, mas admira o Cesar, apesar de ter comportamentos bem diferentes do dele.

09 de outubro de 2020

Casos de COVID-19 começam a surgir no clube em que Gian defende e sua preocupação maior é que isso amplie o adiamento da competição. Diz que no Rio o futebol já voltou e que se não tivesse mudado de time estaria jogando. Compara também os próprios jogadores dos times, dizendo que os do Brasil são mais vividos, além de reclamar dos treinos, dizendo que tem muitas brincadeiras em seu time atual, o que o deixa, em suas próprias palavras, revoltado. Acha inaceitável brincadeiras durante os treinos.

Durante a sessão, notei que tem se preocupado muito com a própria postura e o próprio temperamento. Ao mesmo tempo, apresenta uma maior maturidade e

consciência em relação ao processo que tem vivido atualmente. É como se começasse a aprender a lidar com as adversidades.

13 de outubro de 2020

Gian segue muito desanimado com a ausência de competições e afirmou aquilo que já vínhamos falando há um tempo:

- Eu não consigo lidar com críticas e não sei lidar com adversidade.
- Perceber que não sabe lidar é um bom caminho para desenvolver esta habilidade.

Sobre sua forma reativa e agressiva quando se encontra em situação adversa, diz que “a culpa é da base que tive no futebol. Vivi situações que deixaram muitas magoas”. É notória a tomada de consciência. Antes ele nem conseguia falar destas mágoas.

22 de outubro de 2020

Gian recebeu convite para fazer um teste de três semanas na categoria acima, o sub-23. Isto é, jogadores com até 23 anos. Categoria esta que já está competindo. Entretanto, junto ao convite, veio uma crítica: Gian precisa ganhar mais massa magra. Para isso terá que aumentar as cargas de treinos e rever a alimentação:

- Pô, estou muito ansioso, apreensivo e frustrado, mas confesso que a falta de competição me fez ser mais relapso e sei que preciso melhorar.
- Ansioso?
- É, se eu for aprovado poderei competir antes do que estava imaginando.
- E apreensivo?
- Rodrigão, é uma chance importante, seria muito bom ser aprovado.
- Ok, então qual o motivo de estar frustrado?

– Ninguém me cobra mais do que eu. Detesto ser chamado a atenção. Pô, eu não tinha motivação para me alimentar melhor e comer mais, agora terei. Eles não entendem isso?

– Vamos terminar hoje com essa pergunta.

29 de outubro de 2020

Gian foi relacionado para um clássico da região, que passará na televisão local. Só que há o risco de ter que ficar de quarentena, já que alguns jogadores da categoria do seu time pegaram COVID-19 e o elenco todo teve que fazer teste:

– Como você está? Há uma chance de ir pro jogo.

– Me sinto preparado e inseguro.

– Preparado e inseguro...? (Longa pausa).

– Rodrigão, é a oportunidade da minha vida.

– Então...? (Outra longa pausa).

– Seria mais fácil se fosse de outro jeito.

– Como?

– Sem ser no susto.

5.2.3.11 Novembro de 2020

Sinopse

Gian lesionou o dedo da mão e está, temporariamente, afastado dos treinos e das competições. A família e a religião ocupam um lugar primordial nesses momentos. Mais uma vez, Gian não terá férias. Se ainda estivesse no sub19, teria 15 dias de férias, tendo sido aprovado e estando no sub23, as férias de final de ano serão só de oito dias. Seus pais não querem que ele retorne ao Brasil para tão pouco tempo, o que o deixou descontente. Ter sido aprovado na categoria de cima tem um porém: o número de gringos inscrito. Quando ultrapassa o limite, por ser o terceiro goleiro, fica de fora dos jogos.

Consultas

05 de novembro de 2020

Colegas do Gian que tinham ido para Europa tentar ingressar no futebol começam a desistir e retornar para o Brasil. Este fato o deixou muito triste. Além disso, começa a perceber que todos os seus gastos atuais vêm do seu salário de jogador de futebol, que não precisa mais ganhar mesada, o que o dá mais autonomia.

12 de novembro de 2020

Gian lesionou o dedo da mão e está temporariamente afastado dos treinos e das competições. Nestes momentos, se apegua a dois pilares: família e religião.

- Treinar no sub23 me transformou, sabia?
- É?
- É, tenho me percebido mais maduro.
- Por exemplo?
- Pô, precisa ver como estou no meu dia a dia.
- Como?
- Nem parece mais aquele cara do Brasil, me sinto um profissional quando estou dentro e fora de campo.

19 de novembro de 2020

Gian está cada vez mais maduro, porém, a dificuldade de lidar com frustrações permanece. Se ainda estivesse no sub19, ele teria 15 dias de férias, tendo sido aprovado e estando no sub23, as férias de final de ano serão de oito dias. Seu desejo, nesse período, é voltar para o Brasil, e seu pai se recusa por serem poucos dias. Impressionou-se como mudou a forma de lidar com a frustração. Segue muito chateado, mas...

- Se fosse há dois anos atrás eu teria largado tudo. Eu fazia muita M.
- Você sabe que percebi essa diferença, inclusive no clube?
- Qual foi?
- Quando eles se queixaram da sua massa corporal. Já vi você tendo reações mais reativas. Dessa vez você sentiu, concordou com a queixa e colocou seu ponto de vista de forma muito respeitosa.
- Pô, lembra como era no Brasil?
- Lembro.
- Já até briguei em treino.
- Com jogador e com treinador.
- É verdade, eu fazia muita M.

26 de novembro de 2020

Gian encontrou uma barreira para ser convocado para os jogos do sub23: o número de estrangeiros inscritos. Quando ultrapassa o limite, por ser o terceiro goleiro, fica de fora. Mais uma vez teve que lidar com a adversidade, mas não ficou se queixando infantilmente. Só lamentou o fato e entendeu a realidade.

5.2.3.12 Dezembro de 2020

Sinopse

O mês de dezembro foi com a família, só que ainda tendo que seguir regras de isolamento social. Durante este período, tentou, enquanto pôde, convencer seus pais de retornar ao Brasil durante os oito dias. Não conseguiu, mas demonstrou uma maior capacidade para lidar com essa adversidade.

Consultas

03 de dezembro de 2020

O pai do Gian me mandou uma mensagem dizendo: “ele está pistola”. Já no início da consulta, Gian demonstrou muita raiva do irmão e do fato de que ele é o único que fica ralando, enquanto o pai e o irmão “ficam de boa”. No fundo, Gian ainda não digeriu o ter que ficar na Europa durante os oito dias de férias.

10 de dezembro de 2020

Gian começa a criar maneiras de vivenciar de forma saudável a estadia na Europa. Ele, que sempre foi uma pessoa altamente social, não sai para “baladas” há seis meses e terá mais seis pela frente. Sua autoestima e seu foco são armas fundamentais nesse processo. Há, apenas, uma magoa muito grande com sua mãe e seu pai por não terem confiado em seu retorno nos oito dias de férias que terá. Alegam serem poucos dias, mas Gian diz que é por terem medo do que pode fazer no Brasil: “eles não confiam em mim” (sic).

17 de dezembro de 2020

Gian aparenta estar muito mais leve e seguro, inclusive na relação com o irmão e no conseguir lidar com adversidades. Talvez seja a presença da família inteira por lá. A mãe chegou nesta semana.

23 de dezembro de 2020

Gian volta a demonstrar agressividade e dificuldade em lidar com adversidades, principalmente quando o assunto é competição. Chegou a dizer que pedirá para parar de ter a competição interna entre os goleiros proposta pelo treinador. Isto porque ficou em último, o que o consumiu.

29 de dezembro de 2020

Gian apresenta uma cobrança interna muito grande. Aumentou o percentual de gordura em 0,5 no natal e reagiu muito mal. Sobre sua agressividade, percebe que é explosivo em alguns momentos, mas com o tempo consegue visualizar as situações de forma mais saudável e perceber a parte que lhe cabe.

E assim terminou o Ano 1 d.C.

Ao ler o relato, Gian me enviou duas mensagens por *WhatsApp*:

Rodrigao pra mim tudo muito top só ia pedir para tirar a parte de 05 de novembro pq pode parecer um pouco de ingratidão com meus pais.

Fora isso tudo top rodrigao 🍷.

A parte solicitada foi reescrita, reenviada e aprovada por ele.

5.2.4 Parte I

5.2.4.1 Análise técnica

As consultas narradas no caso do Gian referem-se ao ano de 2020. Antes, porém, já o acompanhava. Ele carregava uma enorme mágoa por ser goleiro reserva no time do seu coração desde os 15 anos de idade. Para Gian, ser reserva não foi um problema, na verdade ele contava que, inicialmente, via como um sonho. Até porque, de fato, o jovem titular de seu time era maior, mais rápido e mais forte do que ele. Aparentava, inclusive, ser mais velho. A mágoa de Gian começou quando esse goleiro se machucou e ele acreditou que a sua chance havia chegado. À época, tinha 17 anos de idade e já estava há três anos no clube. Vinha se preparando para aquele momento de ser titular. Só que esse momento nunca chegava. A comissão técnica optou por um novato, um adolescente que acabara de chegar. Gian questionava se seu titular era realmente melhor.

A partir daquele momento, estar no clube do coração não importava mais. Gian, apesar de ainda sonhar em ser um atleta profissional, não estava mais feliz com o clube. Surgiu uma oportunidade para se transferir para um clube de outra

região do país, porém, seu pai achou melhor não. Gian viveu, então, sua segunda grande frustração em pouco tempo. Nesse momento, seu pai entrou em contato comigo solicitando o acompanhamento psicológico para o filho.

Ele já havia feito acompanhamento com um profissional da Psicologia do Esporte antes e, durante o ano anterior, havia feito terapia com uma Psicóloga Clínica não do esporte. Era a primeira vez que procurava alguém especializado em Psicologia Clínica do Esporte. Seus pais, na entrevista inicial, disseram que ele tinha um comportamento muito bélico em casa e relataram que estavam preocupados, pois Gian aparentava uma tristeza e uma desmotivação profundas.

Aproximadamente um ano depois de termos começado os encontros terapêuticos, em janeiro de 2020, Gian recebeu o convite para fazer um teste de 15 dias em um clube europeu. Por sorte, já tinha cidadania e passaporte europeu, não exatamente do país que lhe convidou, mas também pertencente à União Europeia. Nessa viagem foram então, acompanhando Gian, seus pais e seu irmão. Tivemos uma consulta antes da viagem, duas *online* durante a estadia no exterior e uma logo no retorno. Até então, Gian não gostava de fazer consultas *online*. Quando viajava para competir, preferia mandar mensagem de voz. Desta vez concordou em experimentar.

Vinte dias depois, voltou ao Brasil acreditando que havia sido aprovado, mas sem ter assinado qualquer documentação de contrato. Três dias após o seu retorno, teve que se apresentar ao clube com que tinha vínculo. O teste fora realizado durante o seu período de férias, férias essas que foram interrompidas na metade, visto que, nos quinze dias finais, estava no teste europeu.

Na primeira consulta de volta ao Brasil, Gian transbordava de ansiedade. Ele, que na última consulta do ano anterior tinha decidido que não permaneceria mais naquele clube que o deixava tão infeliz, agora estava muito próximo de fechar o seu primeiro contrato. “Em Euros!!!”, exclamava.

Nas consultas, declarou ter criado uma forma de – durante os treinos – não pensar na Europa. Antes e depois ele não conseguia fazer outra coisa, mas durante

conseguia focar nos treinos. No final daquele mesmo mês, Gian foi convidado a retornar ao clube europeu, porém precisava levar um documento de desligamento do seu time atual – o do coração. Ou seja, tudo indicava que havia sido aprovado, mas, antes de ter certeza, teria que se despedir do clube que o formou.

Gian, momento algum, teve a chance de ser a primeira opção de qualquer treinador até se desvincular do time do coração. O que mais o impressionou foi que, no dia em que se despediu, descobriu que ninguém notara que ele não tinha contrato assalariado com a instituição. Para ele, foi como se ninguém o notasse. É verdade que chegou a jogar algumas partidas e viajou para algumas competições internacionais, mas se deu conta de que isso só ocorria quando o titular, que nunca era ele, estava impedido de jogar.

5.2.4.2 Discutindo o caso

No esporte, a ideia não pode ser olhar o desempenho como um fim, mas sim como fazendo parte de um processo. Processo este da pessoa enquanto atleta. Falhas, lances magistrais, capacidade de executar movimentos simples e tantas outras realidades possíveis na prática esportiva devem ser vistas como executadas pela pessoa/atleta. Se o foco ficar só no mundo vivido enquanto atleta, a vivência pessoal cobrará o seu preço. O mesmo ocorre na direção contrária, visto que, querendo ou não, como todos vivemos o nosso processo de individuação, atletas também são e estão *vindo a ser* o tempo todo.

A aposta no cuidarCOM no caso de Gian foi de sempre revisitar e restabelecer suas metas e objetivos de vida. Mergulhar em seus desejos, mesmo nas situações adversas. Havia nele, pelo menos em uma primeira camada, uma tendência de querer tornar a vida algo seguro e, como dito em suas gírias, “suave”. As adversidades se tornavam tabus. Esta ideia corrobora com a proposta da tese de Cowen (2019) apresentada no capítulo sobre a Psicologia Analítica do Esporte. Afinal, quando Gian tinha que lidar com as adversidades apresentadas pela vida, ele buscava as certezas. Só que o processo de individuação exige novas aventuras, e

estas, como a ida de Gian para Europa e a pandemia da COVID-19, apresentam desconfortos desconhecidos.

5.2.5 Parte II

5.2.5.1 Análise técnica

Gian ficou impressionado com a repercussão em suas redes sociais quando anunciou sua ida para a Europa. Muitos torcedores de seu até então clube escreveram palavras de apoio e agradecimento pelo serviço prestado na base. Viajou e dessa vez foi sozinho. Viveu o inverno europeu dentro do alojamento do clube e, antes de assinar o documento que consolidava o contrato, os treinos e as competições foram cancelados por causa da pandemia.

A COVID-19 ganhava território na Europa e Gian teve que ficar na nova casa, com o documento de desligamento em uma mão e a expectativa de contratação na outra. Durante todo o processo, Gian não abriu mão de nossas consultas. Gian voltou para o Rio de Janeiro, ficou três eternos meses em casa, treinando *online* com o novo clube, e depois retornou à Europa com seu pai para, enfim, assinar o contrato.

Naquele momento, Gian já tinha 18 anos, feitos em 2020. A ida de seu pai foi por suporte emocional e estrutural e não por ser menor de idade. Chegando lá, Gian soube que sua categoria ainda não tinha data para retornar as competições. Para Gian foi difícil entender e dar um significado para a estadia dele lá, já que não era para competir e sim só para treinar. “O que estou fazendo aqui?”, perguntava ele em quase todas as consultas. Chegou a marcar e contar os dias de sua vida sem competição em uma agenda.

Ao término do ano de 2020, Gian já estava treinando com a categoria acima da sua, chamada de “sub-23”, e sendo muito elogiado. Porém, por esta mudança de categoria, mais uma vez não teria férias. Gian teve apenas oito dias para ficar em seu apartamento, longe de seu país e sem poder circular pela cidade, pois os números da pandemia haviam subido naquele dezembro europeu e a circulação estava proibida novamente.

5.2.5.2 Discutindo o caso

Autores de diferentes áreas entendem como processo de maturação aspectos que envolvem a estatura, o desenvolvimento muscular e a deposição de gordura (BORGES; SANTOS, 2021). Não à toa, Gian amargurava não ser primeira opção de goleiro por tanto tempo, principalmente nos primeiros momentos de clube. A possibilidade que a Psicologia Analítica do Esporte trouxe para ele promoveu reflexões e tomadas de consciência e ajudou a favorecer um maior autoconhecimento, o que pode ser fundamental neste período de desacomodação que é a adolescência.

Gian se queixava e sempre colocava em cheque, principalmente depois que a pandemia o enviou de volta ao Brasil, o valor de treinar à distância. Assim como quando, mesmo de volta da Europa, não entendia o motivo de treinar se não tinha competições. Vale aqui ressaltar que o confinamento, o isolamento social e a distância de suas práticas regulares foram desafios comuns que esportistas enfrentaram no período pandêmico. Vimos os mesmos resultados na pesquisa desenvolvida por González-Hernández et al. (2021).

Gian, mesmo já sendo acompanhado antes, viu sua vida passar por uma enorme guinada durante o período mais crítico da pandemia, quando treinos e competições estavam paralisados. Como diria Jung (2013, p. 49), “existem, efetivamente, casos que são mais bem descritos e se explicam melhor”. Cada encontro era uma oportunidade mútua para lidar com o que vivemos nesta era. A

intensidade de seu caso acabou gerando em mim uma necessidade de escrever e descrever de forma bem detalhada.

5.3 Atletas Poliana e Amanda

5.3.1 Metodologia de escrita

O relato a seguir trata-se de um recorte dentro do acompanhamento terapêutico vivenciado pela dupla de vôlei de praia Poliana e Amanda, no qual participei como psicólogo. Este recorte se deu durante o ano de 2021, segundo ano da pandemia. Nos últimos dias de janeiro a treinadora da dupla fez o primeiro contato.

A mesma, que já conquistou três medalhas olímpicas, disse que trabalhava com outras duplas e que todas contavam com o trabalho psicológico. Uma das psicólogas com quem trabalha, Daniela Seda, me indicara. Daniele Seda também havia me encaminhado o Bruno Henrique e trabalhava no CEFAN na época em que ofereci estágio para meus alunos da UNISUAM. Gratidão.

No primeiro dia de fevereiro de 2021, Poliana entrou em contato e combinamos para eu ir a um treino daquela semana. Ao desligar o telefone, uma curiosidade me ocorreu. Se era uma dupla, como seria o trabalho?

Entrei em contato então com colegas que atuam na modalidade e a resposta foi uma só: trabalhar com a dupla nos treinos e ao longo da semana ter atendimentos individuais com cada uma. Confesso ter estranhado no primeiro momento, era nova para mim a experiência de trabalhar com equipe e individualmente. Até então ou eu trabalhava com a equipe ou eu trabalhava com atletas, individualmente, das equipes. No vôlei de praia, percebi que fazia parte da cultura da modalidade e concordei em fazê-lo.

Ao fim de todos os encontros, seja após os treinos com a dupla ou individuais, eu gravava áudios relatando os encontros. Este recorte foi elaborado a partir dos áudios de 21 semanas ao longo do ano, com foco maior no primeiro semestre de 2021, quando o Brasil viveu a segunda onda da COVID-19. Antes de qualquer publicação, ambas tiveram a oportunidade de ler e fazer as suas ponderações. Desta forma há uma participação direta delas na elaboração da escrita.

5.3.2 Breves curiosidades sobre a modalidade

A primeira medalha de ouro olímpica brasileira no esporte feminino aconteceu nas areias de vôlei de praia nos Jogos de Atlanta e vieram nas mãos de Jaqueline Silva e Sandra Pires (DI PIERRO, 2007). Mesmo tendo sido desenvolvido a partir do vôlei de quadra, o local, o número de atletas, as regras e a relação treinador-atleta são bem diferentes. Sem contar que,

do ponto de vista psíquico, as demandas entre o voleibol de quadra e o de praia são muito distintas. O vôlei de praia apresenta algumas características que requerem uma atenção especial, na medida que o rendimento depende de algumas variáveis incontroláveis, como o clima que podem alterar bastante e interferir diretamente no desempenho (HALLAGE; FILGUEIRAS, 2019, p. 382).

Apesar de eu já ter jogado vôlei de praia enquanto iniciação esportiva, eu nunca havia trabalhado com a modalidade. Além das leituras acima citadas, reli a minha dissertação de mestrado, que fala sobre coesão e formação de equipe: “Entende-se por coesão um processo dinâmico que se reflete na tendência dos membros de um grupo, estar juntos e permanecerem unidos em busca de um objetivo comum ou pela satisfação afetiva” (PIERI, 2017, p.13).

A coesão, na verdade, é dividida em coesão de tarefa e coesão social (CARRON; BRAWLEY; WIDMEYER, 1998). Permanecer unidos em busca de um

objetivo em comum seria a coesão de tarefa, enquanto permanecer unidos pela satisfação afetiva seria a coesão social (DONKERS et al. 2015; LEO et al., 2015).

O planejamento inicial então era partir da análise quanto à coesão da dupla, sendo que a pesquisa de mestrado havia me mostrado que há uma característica dinâmica na coesão de qualquer equipe (CARRON; BRAWLEY, 2012). Esta característica dinâmica aponta para o fato de que ela nunca é estática e deve sempre ser cuidada, sem contar que, em uma equipe, pode se desenvolver por diversos fatores, ou seja, ela é multifatorial (EYS et al. 2015). Teria, então, que ficar sempre atento à dinâmica da coesão entre Poliana e Amanda e ficar atento aos aspectos que podem aumentar e diminuir o desejo de permanecerem unidas por um objetivo em comum e pela satisfação de estarem juntas.

5.3.3 Narrativa

Semana 01

Conheci a dupla de vôlei de praia Poliana e Amanda. Ambas vieram do mesmo estado do Norte do país, mas Amanda já havia migrado há dois anos e Poliana acabara de chegar. Percebi uma possível relação de dependência que Poliana, de 25 anos, tem com Amanda, de 32 anos de idade. O primeiro encontro de trabalho com a dupla se deu após o treino, que terminou às 08:30, e a praia estava vazia. Devido à pandemia, poucas são as atividades permitidas. Desta forma fizemos a sessão na areia e, para preservar o sigilo, nos afastamos da rede de treino.

As dimensões das praias da Zona Sul do Rio de Janeiro são grandes. O espaço da areia em que treinam é isolado com uma rede de proteção. O que não falta são cadeiras e barracas. Ao final do treino, pegamos três cadeiras e duas barracas e montamos o nosso *setting*. Eu usava óculos escuros, boné, máscara e

face shield. Elas, que são testadas semanalmente, visto que competem, não utilizavam nem máscara de proteção. É tudo muito novo.

Os atendimentos individuais foram agendados para ocorrerem *online*, em outro momento da semana. Devido à pandemia, eu ainda não estou atendendo presencialmente. A dupla simboliza este meu retorno, apesar de ser um *setting* bem diferente do consultório.

Poliana estuda Direito e está há poucos meses no Rio de Janeiro. Diz que ainda não se adaptou à cidade. Ela disse ter se profissionalizado no vôlei de forma tardia. Até então competia de forma amadora. Posso dizer que se encontra em processo de adaptação, tanto de cidade, quanto no vôlei profissional.

Amanda disse que já teve outras parceiras antes de formar dupla com Poliana. Foi neste momento em que descobri que há dois anos interromperam a parceria pela primeira vez. Interromperam a parceria naquela vez porque Amanda já morava no Rio de Janeiro e Poliana ainda não. A distância prejudicava os treinos. Amanda é engenheira e está acabando a segunda pós-graduação. Durante a consulta individual, demonstrou carregar um peso muito grande em relação ao seu peso e à sua idade. Enquanto falava fiquei com a sensação que há uma insatisfação com a dupla e que esta é a última tentativa que fará no vôlei

No atendimento individual, Poliana, com os olhos arregalados, disse que tem enorme dificuldade para compreender o que a treinadora lhe passa, além de se sentir muito sozinha no Rio de Janeiro. Ela se emociona ao falar da família. Deixou pai, mãe e irmã mais nova. Fala do pai como sendo sua grande referência, positiva e negativa. Há um sentimento ambíguo. Ambiguidade essa que também identifica nas relações com sua treinadora e com sua parceira.

Semana 02

O tema da semana no atendimento com Amanda foi liderança. Espontaneamente, disse que achava que, para ser líder, precisava ser destaque, mas percebe que tem ocupado esse papel com sua família, seu namoro e na dupla

com Poliana sem ser muito notada. Que sua liderança é silenciosa, visto que é ela que gerencia as questões de treino, documentação e competição. Já Poliana falou da dificuldade que é a vida de profissional do vôlei. Adora jogar futevôlei e comer. Diz que não pode, mas que tem abusado dos dois. Elas moram juntas. Amanda, que já morava no Rio com o namorado há alguns anos, abriu as portas de sua casa para a Poliana.

Semana 03

O treino, dessa vez, foi em um condomínio residencial e não na praia. Era um amistoso contra uma equipe espanhola que fazia uma turnê pelo Rio de Janeiro. Amanda e Poliana venceram. Faltavam dois dias para a primeira competição do ano. Estranhei como elas pouco se comunicavam em quadra. Havia também uma aparente insegurança toda vez que Poliana se preparava para sacar. Ela sempre olhava para sua treinadora esperando um comando. Até que veio o comando derradeiro: “Faça o que você achar que tem que ser feito”. A partir daí conseguiram dominar o jogo e vencer a partida.

Naquela semana Poliana trouxe a dificuldade de lidar com o próprio corpo:

- Sabe, Rodrigo, sei que estou ganhando força, mas, sei lá, parece que estou mais gorda. Quando fico com a roupa de competição então... acho muita exposição.
- Exposição?
- É. Tanto com as câmeras que filmam a partida, quanto com as redes sociais.

Semana 04

Um mês de trabalho com a dupla. Uma competição com eliminação precoce e os temas seguem os mesmos. Poliana fala da dependência que tem quanto às instruções da treinadora, que se lembra muito de quando era mais nova e não tomava nenhuma atitude até receber os comandos de seu pai. Já Amanda segue se queixando do papel que ocupa na parceria. É como se não pudesse olhar para si, pois precisa sempre se preocupar com a Poliana. Percebo uma disfuncionalidade na

dupla. Uma precisa de comandos dentro de quadra e a outra não se sente à vontade no papel de comandar.

Semana 05

Na consulta com a dupla após o treino, perguntei como avaliavam a comunicação entre elas. Tanto Amanda quanto Poliana aceitaram a proposta e colocaram seus sentimentos e frustrações de forma franca. Concordam que melhorar a comunicação em quadra tende a elevar o padrão de jogo. Percebi que a relação em casa, fora de quadra, começa a estremecer também. Que em casa o padrão repete, Poliana dependente e Amanda insatisfeita com o lugar materno que ocupa na relação. Este foi o principal tema trazido por ela na consulta individual. Amanda tem enorme dificuldade de falar de si.

Na consulta individual, Poliana falou muito da família. De como o pai era agressivo e autoritário. Falou também de ter iniciado uma relação com um cara que conheceu do vôlei. A sensação que tenho é de estar de frente com uma menina insegura com anseio de assumir as rédeas da própria vida e de se tornar mulher. Lembro-me da música de Bia Ferreira, “Não precisa ser Amélia” (ANEXO C), onde ela canta: “Não se nasce feminina, torna-se mulher”.

Semana 06

Ao longo do trabalho com a dupla na praia, percebi uma maior comunicação entre elas durante o treino. Na consulta após treino, Poliana disse que percebe um maior acolhimento da Amanda, que, por sua vez, diz que isso se dá porque Poliana está menos defensiva.

Na consulta individual, percebi Amanda falando mais de si. Ao fazer isso, percebi uma pessoa que tem boa leitura dos cenários em que se insere e que sabe tirar proveito do contexto, desde quando era mais nova e jogava com pessoas mais velhas. Disse que conseguiu tirar o melhor da vivência com cada dupla que teve.

Uma nova etapa do circuito se aproxima. Um circuito é composto por várias etapas, normalmente cada uma em um estado federativo. Em 2020, com a pandemia, o circuito parou. No seu retorno, todas as etapas passaram a ser disputadas no Centro de Treino da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), em Saquarema, município litorâneo do Rio de Janeiro. Este foi um dos motivos que fez Poliana se mudar para o Rio de Janeiro.

Semana 07

Durante a última etapa da competição, Poliana passou mal. Alegou ter sentido falta de ar e que ficou ansiosa por isso. Durante a consulta individual, achei curioso o fato dela ter dito que perder o controle na competição a fez sentir medo de perder o controle na vida e por isso terminou o relacionamento com o menino que havia conhecido. Quando passou mal na competição e foi levada ao pronto atendimento, Amanda a acompanhou o tempo todo. Depois da competição, Amanda me mandou uma mensagem muito preocupada, pois Poliana havia passado mal novamente, desta vez em casa. Foi nesse momento que eu soube que Poliana já havia tido COVID-19 e que teve sérias complicações pulmonares na época.

Poliana pediu então uma consulta extra. Estava muito preocupada, pois não sabia se eram sequelas da COVID-19, reinfeção ou mera ansiedade:

- Não sei o que tenho, mas tenho muito medo do meu pai.
- Medo do seu pai? (Estranhei. Por que o episódio, que era relacionado à COVID-19, a fez pensar no pai? E no namoro?)
- É, de como ele vai reagir. Além disso, acho que quero sair daqui.
- Daqui de onde?
- Da casa da Amanda. Morar aqui prejudica a dupla e, além disso, sou muito controlada por eles. Parecem meus pais. Preciso dar satisfação o tempo todo.
- Parecem seus pais e você está com medo do seu pai?
- Pois é. Quando saí de casa achei que nunca mais passaria por isso.

Semana 08

Dois meses de trabalho com a dupla. Se eu fosse um alquimista diria que as substâncias, ou seja, a dupla, estão em processo de *separatio*. Poliana se sente deixada de lado por Amanda que, por sua vez, começa a expor sua insatisfação quanto à relação para além da areia. Com o aumento de casos de COVID-19, o circuito foi paralisado e os treinos também.

Semana 09

Poliana decidiu sair de casa. Disse ter percebido que estava enfeitiçada pela cidade, o que a tirava o foco, e que não podia perder esta grande oportunidade na sua carreira: “Acho que assim será melhor para a gente como dupla”.

Amanda não reagiu muito bem. Não gostou da forma como as coisas aconteceram e, durante a consulta, tivemos o seguinte diálogo:

- Temos valores e formas de pensar à vida bem diferentes.
- É possível jogar com alguém tão diferente assim?
- Sim. Acredito que podemos ter bons resultados no vôlei.

Semana 10

Os treinos começam a retornar de forma gradativa. Fiz com as duas, de forma separada, uma análise de como foi o período em que os treinos pararam. Amanda, novamente, lembrou-se das experiências com duplas anteriores, o que a fez perceber aspectos positivos na parceria atual. Já Poliana diz ter focado na mudança e na experiência que é viver sozinha: “Me sinto bem com a autonomia, mas há um cansaço grande também”, disse ela.

Semana 11

Poliana foi à sua cidade natal e diz ter voltado outra pessoa:

- Estou mais segura e confiante na vida.
- Em quais aspectos da vida?

- Todos, inclusive como jogadora.
- O que é estar mais segura e confiante como jogadora?
- Tive o melhor treino de todos os tempos com a Amanda.

É curioso ver como oscilam. Enquanto Poliana me trouxe essa autopercepção de confiança e segurança, Amanda trouxe as dificuldades técnicas, principalmente quando o passe não sai direito.

- O passe é o meu fundamento mais natural e começo a me perder na partida quando não sai bem.
- A se perder?
- É. Acabo ficando sem confiança para definir algumas bolas. Não é falta de agressividade, é insegurança mesmo.

Semana 12

Três meses de trabalho com a dupla e no treino as achei distantes uma da outra. Elas normalmente deixavam as mochilas perto e, quando tinham intervalos para beber água, costumavam conversar. Dessa vez seus pertences estavam distantes e não falaram muito durante as pausas. As percebi abatidas, cabeças baixas... olhando para o chão. No nosso momento após o treino, comentei com elas. Falaram que antes e depois dos treinos têm estado distantes, mas que não viam como problema. Poliana disse estar muito estressada desde que voltou de viagem. Amanda a incentivou a externalizar.

Na consulta individual, Poliana falou da dificuldade de colocar suas emoções para fora. Que na relação com os pais não havia espaço para isso. Disse também o quanto fica eufórica quando as coisas estão bem:

- Acabo ficando muito ansiosa, sabe, Rodrigo.
- Me lembrei do Mito de Ícaro. Conhece?
- Não.

(No mito, Ícaro tinha tanto desejo de voar que, quando conseguiu, subiu tanto que suas asas foram queimadas pelo sol. Poliana disse que tinha medo de se queimar no sol também).

A consulta da semana com a Amanda foi mais curta. Vejo-a muito pragmática, objetiva e perdendo a confiança na dupla. É como se não visse mais aspectos positivos na parceria.

Semana 13

O treino que acompanhei nessa semana foi muito ruim. Pouco acertaram e ambas estavam visivelmente chateadas. Disseram que se percebem sendo deixadas de lado pela equipe que as treina e que há um foco e um cuidar maior com as outras atletas do Centro de Treinamento. Amanda repetiu a queixa durante a consulta individual. As etapas do campeonato voltarão neste final de semana, sendo que serão duas seguidas com intervalo de três dias entre uma e outra. A meta delas é ter resultado para jogar o Super Praia, competição com as dezesseis melhores jogadoras do país.

Semana 14

Poliana passou a relatar que teve uma infância e uma juventude muito ligadas à religião evangélica. Nessa semana apresentou um discurso de falta de fé e Deus em sua vida:

– Jesus tem um lugar de orientação e bem-estar. Não o tenho buscado recentemente e isto tem me feito muito mal.

– Mal como?

– Tenho estado ausente nos treinos.

– Ausente?

– É, estou lá fisicamente, mas não estou mentalmente.

– Não entendi. Você não tem buscado Jesus e isto tem lhe deixado ausente nos treinos?

– Sim, quando não estou com Jesus não estou comigo mesma. Não sei se você acredita, mas, se não estou com Jesus, como posso estar comigo?

– Não é se eu acredito ou não, e sim como é para você. Pelo que estou vendo, estar com Jesus é importante para você. Inclusive para realizar sua profissão.

– É! É isso!

– E o que você vai fazer com isso?

– Preciso encontrar uma igreja aqui no Rio. Vou procurar minha pastora e perguntar se ela conhece.

– Faça isso. Depois você me conta.

No treino da semana, percebi as duas com foco muito grande naquilo que estava ruim na dupla. Amanda, muito descrente, pede mais comunicação a Poliana. Parecia que as duas estavam com uma nuvem carregada na cabeça. Elas falavam de cabeça baixa e sem muita esperança. Propus um esforço para mudança de foco: olhar para o que está bom, para o que está funcionando, sem ignorar o que está ruim. Arrisquei, afinal tinha uma etapa naquele final de semana.

Semana 15

A dupla foi muito mal na etapa. Amanda estava muito frustrada. Acha que está bem individualmente, mas não como time.

Já Poliana diz ter despertado para o problema. Na consulta tivemos o seguinte diálogo:

– Antes eu já havia percebido que precisava mudar. Ser mais profissional.

– Como assim, mais profissional?

- Ah, Rodrigo. Doeu muito perder da forma que perdemos. Preciso mudar e me dedicar mais na alimentação e no treino físico.

– Então a solução está no físico e na alimentação?

– Não só, mas já é um bom começo.

– Começo para o que?

– Para realizar o que vim fazer aqui no Rio!

- E o que você veio fazer aqui no Rio?
- Assumir que minha profissão é ser jogadora de vôlei.

Semana 16

Quarto mês de trabalho com a dupla. Poliana ainda na transição de jogadora amadora para jogadora profissional, com a diferença de ter uma maior consciência quanto ao processo. Já Amanda começa a falar mais de si e menos de sua parceira, o que a faz se sentir mais exposta. Trabalhar com vôlei de praia é trabalhar individualmente com o processo de cada uma e ver como isso impacta no processo relacional da dupla. Está sendo um desafio e tanto para mim.

Semana 17

Mais uma etapa e mais uma derrota, só que dessa vez ambas estavam felizes e sorridentes. Dizem que se encontram em outro clima e outra crença quanto à qualidade da dupla. Ainda assim, Poliana estava muito presa no pensamento de “não posso errar” e Amanda estava muito focada nos erros da parceira.

Com Amanda, tentei distribuir a responsabilidade e propus reflexões quanto a onde ela errou. Já com a Poliana, busquei, de forma bem diretiva, modificar o pensamento para “acertarei assim”, ao invés de “não posso errar”. Estão em semanas de competições e o Super Praia ainda se faz possível, por isso tive que fazer intervenções bem objetivas.

Semana 18

Seguem oscilando e tiveram um jogo que, nas palavras delas, consideraram horrível. Assim como os dias seguintes da eliminação, que também foram horríveis. A possibilidade do Super Praia ainda é real, lembrei de Paulo Vanzolini e “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”:

Chorei, não procurei esconder. Todos viram, fingiram. Pena de mim, não precisava. Ali onde eu chorei, qualquer um chorava. Dar a volta por cima que eu dei, quero ver quem dava. Um homem de moral não fica no chão

nem quer que mulher venha lhe dar a mão. Reconhece a queda e não desanima. **Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.**

Semana 20

Quinto mês de trabalho e Poliana fala sobre as dificuldades, dentro e fora de quadra, quanto a ser uma profissional de vôlei. Até então estava muito pesado. Não que não esteja mais, mas já começa a ver recompensas:

- Preciso ser mais agressiva e disciplinada.
- Seria ser agressivamente disciplinada?

Amanda segue comparando o querer dela com o querer da parceira:

- Como vocês estão?
- Como relação, estamos melhores. Vejo-a melhor.
- Melhor como?
- Sei lá, parece querer mais e isso nos ajuda a buscar o resultado.
- Ok, mas você falou que vocês estão melhores e só falou dela.
- Sei lá, estou mais feliz. Na última competição, tivemos um resultado que não tínhamos há muito tempo.

Semana 21

Fim da temporada. Conseguiram a vaga no Super Praia, mas não foram bem na competição, sendo logo eliminadas. De todo modo, estão entre as 16 melhores do país. Ambas entraram de férias, não sabem ainda como será a próxima temporada e nem sabem quando ela começa. Em um trabalho de revisitar a temporada, Amanda diz ter sido obrigada a aprender a ser mais incisiva e que isso para ela é muito difícil. Já Poliana preferiu refletir sobre a possibilidade de diminuir as obrigações e, durante as férias, não pensar no trabalho enquanto atleta.

Foi uma temporada marcada por muitas paralisações devido à pandemia, o que dificultou muito a continuidade de cada processo e seus impactos nas areias.

Observações quanto à temporada seguinte

Na temporada seguinte, começaram tendo bons resultados, ganhando jogos importantes, mas a relação entre as duas não se sustentava mais. Durante as consultas individuais, ambas falavam do desejo de romper a parceria, porém, a temporada seguinte seria bem mais curta e seria difícil começar um trabalho com uma nova parceira.

Na segunda etapa Amanda se lesionou ao ponto de ter que fazer uma cirurgia. Poliana se viu obrigada a assumir uma nova parceria, mesmo que temporariamente. Acabou assumindo o papel de liderança na nova dupla. Já Amanda teve que aguardar dois meses até ter sua cirurgia marcada e neste tempo refletiu muito sobre interromper a carreira ou seguir jogando. A resposta ainda não tem. Enquanto isso se inscreveu em um curso da Confederação Brasileira de Vôlei para atletas que oferece o título de técnica em gestão esportiva

Ao receber o relato completo escrito por mim, Amanda respondeu:

Li, eh engraçado ver o processo todo desmembrado, e com um olhar externo . Está bem real e fica mto nítido pq eu vivi então sei quem sou dos personagens. Por mim está ok.
E olhando a cronologia das coisas, percebo que algumas opiniões que tinha no momento que vivia, estavam certas.
Achei isso legal de percepção da realidade msm.

Poliana acusou o recebimento, mas não deu devolutiva.

5.3.4 Análise técnica

Se a Psicologia do Esporte proposta na presente tese focasse em resultados, dir-se-ia que o trabalho com Amanda e Poliana teria sido ruim. Ao final do ano 2 d.C., a dupla estava rompida, Amanda tinha passado por uma cirurgia e mágoas mútuas haviam deixado marcas. Mesmo tendo alcançado o Super Praia, ou seja,

tendo terminado a temporada entre as 16 melhores duplas do Brasil, os resultados, em cada etapa, haviam sido bem abaixo do esperado e desejado.

Só que o cuidarCOM na Psicologia do Esporte não analisa o trabalho a partir do rendimento, mas sim de seu processo. Quando o trabalho teve início, Amanda tinha dificuldade de ocupar o papel de liderança e Poliana não percebia o vôlei como profissão. Além disso, Poliana vivia o processo de adaptação à nova cidade e Amanda começava a planejar a aposentadoria. Com 2021 chegando ao fim, mesmo se recuperando da lesão, Amanda ingressou em um curso técnico de gestão esportiva e Poliana havia assumido o lugar de liderança na nova dupla formada.

O percurso até esse cenário final deixou algumas feridas. Mesmo vindo da mesma cidade e tendo um histórico de dois momentos de parceria, as atletas poucos se falam. No início, Poliana era muito dependente da Amanda, dentro e fora de quadra. Já Amanda carregava uma enorme descrença na Poliana e se incomodava com as atividades da Poliana extra-vôlei. Quando me procuraram, moravam juntas, Poliana vinha de um quadro grave de COVID-19 e Amanda falava pouco de si e muito de sua parceira.

Poliana havia saído da casa de seus pais e de sua cidade natal, mas ainda não trilhava o seu caminho de forma segura. Dizia que Amanda, que era sua conterrânea, e seu namorado eram seus pais no Rio de Janeiro. A treinadora também era constantemente comparada ao pai, com quem tinha uma relação muito forte.

Durante o ano, os treinos e as competições foram interrompidos com a segunda onda da COVID-19 no Brasil. Foi neste momento que Poliana deixou a casa da Amanda. Esta estranhou e demorou a aceitar a ideia. Poliana começava a tomar rédeas da sua vida na Cidade Maravilhosa e Amanda teve receio quanto ao que aconteceria com a dupla. Ao mesmo tempo, abriu-se para Amanda a oportunidade de olhar mais para si já que não tinha mais o papel materno para ocupar.

Aos poucos Poliana se sentia mais segura e confiante na profissão que escolheu e Amanda começava a traçar como gostaria de viver a sua aposentadoria das praias. Nos treinos, comecei a estranhar a comunicação entre as duas e, além disso, percebi uma negatividade mútua. Era como se aquela dupla não fizesse mais sentido. Só que estavam no meio de uma temporada, a COVID-19 deixava tudo muito instável e tinham uma boa estrutura de treino, liderado por uma treinadora medalhista olímpica.

Como o rompimento não era uma boa opção para ambas naquele momento propus o trabalho a partir de metas. Não metas individuais, mas metas enquanto dupla. Estavam distantes uma da outra e a coesão social era quase impossível, por isso apostei no trabalho a partir da coesão de tarefa. Acreditava que, ao estabelecerem uma meta em comum, a relação melhoraria e, conseqüentemente, a vida dentro e fora das areias poderia ser mais prazerosa.

Ambas definiram que o foco seria a classificação para o Super Praia. A partir daí, treinar começou a fazer mais sentido, mesmo acumulando derrotas nas etapas do circuito de vôlei nacional. No final das contas, a meta foi conquistada, jogaram o Super Praia com as outras 15 melhores duplas do país. O desempenho novamente foi aquém, mas o encerramento da temporada foi menos doloroso do que se anunciava semanas antes.

Atualmente, trabalho de forma separada com ambas. Com Amanda, o foco está na recuperação pós-cirúrgica e no que fazer da profissão. Com Poliana, comecei a acompanhar a nova dupla que formou com Edna. A rotina de trabalho é a mesma. Individualmente com cada atleta e na praia acompanho um treino por semana com uma consulta coletiva no final. Poliana e Edna, no circuito de 2022, tem tido excelentes resultados.

5.3.5 Discussão tática

Fui procurado por Poliana e Amanda no segundo ano da pandemia, quando as práticas esportivas retornavam aos poucos. Elas me ofereceram a oportunidade de voltar ao campo e pensar novamente na pesquisa enquanto atuava sem ter vivências prévias com duplas de vôlei de praia. Foi com elas que percebi que o tema do meu doutorado havia sofrido uma grande mudança. Processo este que já vinha acontecendo, mas a tomada de consciência se deu no trabalho com elas. Como previsto por Scerri e Grech (2021), retornar às atividades esportivas foi muito mais do que retomar os horários de treinamento e um calendário esportivo renovado.

Somos seres em movimento, seja através do movimento que executamos para uma tarefa, por exemplo, a esportiva, seja para nos deslocarmos no espaço. No entanto, também somos seres que somos movidos – no espaço e no tempo – por infinitos propósitos que podem nos impor uma determinada atitude em determinada situação (FARAH, 2016). Propósitos esses conscientes e inconscientes, mesmo quando executamos algo completamente objetivo como dar um saque.

O trabalho principal foi o de estabelecimento de metas. A proposta de estabelecer metas na Psicologia Analítica do Esporte não olha só para as façanhas atléticas, apesar de muitas vezes partir delas. Afinal, o projeto definidor da psique, de acordo com Jung, é o processo de individuação. Ao trabalhar a partir de metas, havia uma possibilidade de proporcionar um direcionamento mais profissional de Poliana, uma autocrítica mais elaborada por Amanda e, conseqüentemente, a tentativa de aproximar ambas enquanto atletas, já que a relação pessoal estava muito desgastada.

Outros pontos também se fizeram importantes no processo, que mexiam comigo e que, na perspectiva do cuidarCOM, mereciam dedicação. Por exemplo, trabalhar a cultura machista engendrada no esporte. Para me aproximar do que Poliana falava sobre a vestimenta e de como Amanda buscava no corpo ideal, a leitura de autores como Di Pierro e Tancetti e Esteves foram fundamentais. Di Piero (2007) nos relata a história e o percurso do machismo no esporte, enquanto Tancetti e Esteves (2022) falam do machismo a partir de uma perspectiva do complexo cultural da Psicologia Analítica. A junção dessas leituras me proporcionou, pelo

menos, alguns passos iniciais e a possibilidade de compreender a queixa quanto ao corpo a partir da Psicologia Analítica do Esporte.

APITO FINAL

Poliana, Amanda, Gian e Hannah não residem e treinam em suas cidades de nascimento. No caso de Hannah, a mudança de cidade se deu não por motivos esportivos, mas sim familiares. Já a dupla e o goleiro, sim, tiveram que sair das cidades em que viviam antes de se tornarem atletas. Casos semelhantes foram encontrados nas pesquisas de Amato e Rubio (2019, p. 274), que relataram: “Em busca de melhores condições de treinamento e desenvolvimento, esses futuros atletas, muitas vezes, têm que se distanciar muito cedo de seu núcleo familiar.”

No caso de Gian, esse distanciamento da família veio acompanhado de outros impostos pelas exigências da prevenção à COVID-19. Como vimos, outras pesquisas relatam que essa realidade foi muito sentida por diversos atletas (COSTA et al., 2020; GRAUPENSPERGER et al., 2020). Já Poliana e Amanda representam processos migratórios presentes na vida de atletas bem antes da pandemia. Outras pesquisas descrevem processos semelhantes no Brasil, onde o esporte profissional é desenvolvido somente em algumas regiões do país (AMATO; RUBIO, 2019).

O cuidarCOM destas/es atletas não pode ignorar que elas/es atuam como qualquer trabalhador em busca de disponibilizar sua mão de obra qualificada no mercado. A/o atleta vive desde muito cedo a necessidade de mudar de cidade atrás de melhores oportunidades para desenvolver suas habilidades e fazer desta a sua profissão. Esses deslocamentos provocam “experiências de perdas de ordem familiar, social, cultural e emocional, mas também a obtenção de novos valores que reorganizam sua subjetividade” (AMATO; RUBIO, 2019, p. 279).

Confesso que não foi fácil perceber que a pandemia poderia estar sendo um processo positivo para alguns, principalmente por tudo que ocorria na minha vida e na vida de outras pessoas que eu acompanhava. Cheguei a perder um paciente para a COVID-19 e ter outro entubado por mais de um mês, lutos e angustias que nunca havia vivido enquanto psicólogo. Lidar com nossas fragilidades é um passo fundamental para exercer a Psicologia. Profissão essa que exige um labor contínuo, mesmo quando o mundo para, como ocorreu nestes dois últimos anos.

Acompanhar Hannah naquele período, inicialmente, tocava profundamente nas minhas feridas do momento. Ou seja, nos meus complexos enquanto psicólogo. Sim, como apresentado por Guggenbühl-craig (2004) e debatido anteriormente na presente tese, o arquétipo do médico ferido estava mais que constelado.

Segundo Jung (1971, p. 31), um complexo é definido como uma “imagem, autônoma, de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitudes habitual da consciência.”. Quando o complexo está constelado, significa que esta forte carga emocional rompeu a unidade da consciência e da vontade da pessoa (JUNG, 1971). Além do exemplo citado acima com Hannah, com Gian as emoções também falaram altas e meu lado ferido constelou de forma intensa, tanto quando ele falava do local onde morava e frequentava no Rio de Janeiro quanto quando se despediu na primeira ida para Europa.

Acompanhar as/os atletas relatadas/os nas situações clínicas no período pandêmico também constelou em mim sentimentos e emoções novas. Com a dupla retornei ao trabalho presencial, e confesso que estranhei muito. Não só voltar à cidade, como me perceber com máscara, protetor facial e álcool gel e ver as atletas desprendidas da possibilidade do contágio, já que realizavam o teste de COVID-19 sistematicamente. Cada situação clínica também me fez repensar alguns pontos presentes nos percursos de diferentes atletas. Sim, um trabalho acabou atravessando o outro.

Não consigo imaginar outra forma de trabalhar, afinal, tendo em vista que o psicólogo era o mesmo, somos atravessados pelas vivências pessoais e profissionais que tivemos e que seguimos tendo. Por exemplo, Gian e Hannah, como vimos nos relatos das situações clínicas, demonstravam o desejo de dar um fim àquilo tudo. Ela chorava, secava os olhos e dizia de seus desejos com um largo sorriso. Ele se queixava da reserva, silenciava e sonhava em jogar no campeonato de futebol inglês. Além disso, havia outros pontos em comum entre ambos, que era o papel que a diversificação esportiva teve no desenvolvimento deles. O surfe teve

um papel fundamental na vida de Hannah, assim como o futevôlei na de Gian, e de Poliana também.

Se trabalhamos apenas com o desempenho, no caso da Psicologia do Esporte, qual seria o nosso papel quando treinos e competições foram suspensos? Encerraríamos nossas atividades, já que, além de não haver prática esportiva, estávamos diante de um vírus completamente desconhecido e não sabíamos como lidar com eles? A aposta aqui é que, mais do que nunca, a Psicologia do Esporte foi convocada para viver junto com os atletas as inseguranças e incertezas.

Como nos disse Bellacasa (2012), cuidar é mover e ser movido. Não existe uma rotina e uma receita a ser seguida quando atuamos enquanto psicólogas/os (JUNG, 2013). Percebemos dois autores, que não trabalhavam a Psicologia do Esporte e que partiram de pressupostos diferentes, ajudando a pensar o cuidarCOM a/o atleta neste período pandêmico.

As análises aqui apresentadas partiram da Psicologia Analítica, mas sabemos que não se trata de um atuar específico e restrito a este referencial teórico. A escolha só se deu por ela me compor enquanto psicólogo e por entender que é potente, apesar de pouco explorado, o diálogo da Psicologia Analítica com a Psicologia do Esporte. A tese concorda com as propostas de Cowen (2019) quando ele diz que a Psicologia Analítica de Jung oferece uma excelente possibilidade de integração e diálogo conceitual entre diferentes áreas do saber psicológico e da atuação esportiva.

Esta aproximação ganha ainda mais força quando olhamos para o conceito de processo de individuação. Ele indica a tendência inerente integradora da psique, que é o movimento natural de aproximar elementos que podem ser vistos como opostos, mas que na verdade são complementares (JUNG, 1971), como no caso inconsciente e consciente.

A Psicologia Analítica do Esporte propõe uma percepção holística para a pessoa/atleta. Esta foi a percepção que me permitiu trabalhar com atletas no período da pandemia, pois indica que toda prática esportiva é influenciada pela vida para

além do esporte e que, quando jogos e treinos são paralisados, o atleta não deixa de existir, muito menos a subjetividade daquela pessoa.

Justamente por isso, é fundamental conhecer a pessoa/atleta como um todo e não resumir nosso campo de observação apenas aos momentos esportivos. Ouvir e fazer ser ouvida a história, o dia a dia e a compreensão de si e do mundo torna-se a base do trabalho da/o analista, assim como buscar experienciar o momento atual a partir do movimento compensatório entre o mundo externo e interno da psique de cada pessoa, daquilo que é consciente e inconsciente, pois assim se faz possível a percepção da pessoa como um todo e não só do ser atleta.

A presente tese tentou demonstrar, com as três situações clínicas realizadas com atletas entre os dois primeiros anos da pandemia (2020 e 2021), período que gerou forte impacto na humanidade, o quanto um trabalho de apoio psicológico pode auxiliá-los e fortalecê-los enquanto seres humanos. Em sua proposta de cuidarCOM, esta metodologia só faria sentido se cada um/a tivesse a oportunidade de ler, escrever e colaborar na construção final da tese, por isso esta oportunidade foi propiciada a todas/os as/os envolvidas/os nesta construção.

Internacionalmente, houve espaço para atletas mostrarem publicamente que são, antes de produtores de desempenho, seres humanos, como qualquer pessoa, além de terem todas as inseguranças que um ser humano comum carrega. A incerteza dos próximos passos, após anos de planejamento e metas, foi vivenciada e trouxe novos desafios (SCERRI; GRECH, 2021). Na verdade, demonstraram um lado humano de atletas que pesquisas realizadas antes do período pandêmico já vinham apontando (BARREIRA; TELLES; FILGUEIRAS, 2020; GUCCIARDIA; HANTONB; FLEMING, 2016). As três situações clínicas analisadas tornam possível estabelecer perspectivas quanto aos impactos da COVID-19 em diferentes idades, modalidades e países.

A Psicologia Analítica do Esporte acredita que, ao lidar com as necessidades pessoais, abre-se a possibilidade para que atletas ressignifiquem alguns processos que pareciam externos e desvinculados com a prática esportiva e, assim, entre outras coisas, melhorem o seu desempenho. Isso porque ser atleta representa

somente um aspecto daquela pessoa humana que se especializou em uma trajetória esportiva (COWEN, 2019). Foi justamente isso o que tentei trazer ao narrar os encontros com Hannah, Gian, Poliana e Amanda.

Outro ponto fundamental na Psicologia Analítica do Esporte e que atua no processo de individuação de atletas é o trabalho de estabelecimento de metas. Pode parecer surpreendente, mas, no século passado, Jung (1971) já propunha estabelecer foco em realizações tangíveis ao longo da vida como base para um propósito psicológico mais profundo. Ele, inclusive, utilizou do esporte para se referir aos processos energéticos da psique. Disse ele: “todo processo energético se assemelha a um corredor que procura alcançar sua meta com o máximo esforço e maior dispêndio possível de forças” (JUNG; 1971, p. 358).

A percepção da natureza psíquica enquanto compensatória como proposta pela Psicologia Analítica (Jung, 2014) possibilitou, nas três situações clínicas, o trabalho de estabelecimentos de metas. Isto se dá porque as aspirações conscientes e as metas das/os atletas se manifestam “parcialmente através de sintomas, ações, opiniões, afetos, fantasias e sonho.” (JUNG, 2014, p. 67), o que pode ser muito útil para o trabalho tanto individual quanto com equipes (BEAUCHAMP; MACLACHLAN; LOTHIAN, 2005).

Nas três situações, partia-se do que se é e em busca do tornar-se. Por exemplo, ao fazer perguntas provocativas para o Gian sobre suas vivências e repetidas queixas, ou trabalhar a definição quanto ao peso a ser batido com a Hannah e quando refletia junto com Amanda e Poliana sobre a coesão da dupla, o foco estava nos aspectos compensatórios presentes no processo de individuação de cada situação narrada.

Para a Psicologia Analítica, isso só se torna inaceitável para psicólogos que buscam intelectualizar o inconsciente. Jung (2014, p. 74.) dizia que o inconsciente tem “um caráter instintivo, não tem funções diferenciadas, nem pensa segundo os moldes daquilo que entendemos por ‘pensar’”. Para o autor, o inconsciente cria uma imagem que responde à situação da consciência e “esta imagem é tão impregnada

de ideia como de sentimento”. Isto poderá ser tudo, menos o produto de uma reflexão racional.

Desta forma, para a Psicologia Analítica do Esporte, o que ocorria nesses momentos era natural do encontro dialético com atletas, visto que “a interação psíquica nada mais é do que a relação de troca entre dois sistemas psíquicos. Uma vez que a individualidade do sistema é infinitamente variável, o resultado é uma variabilidade infinita de afirmações de validade relativa.” (Jung, 2013, p. 15). O risco está sempre posto, cabe a nós não fecharmos os olhos. Por isso as/os psicólogas/os do esporte também precisam de supervisão e terapia: muitas vezes o trabalho está justamente no lado ferido do terapeuta.

O mesmo pode ser percebido na escrita utilizada nesta tese para cada caso narrado. Cada um foi apresentado a partir de uma organização particular. Hannah foi dividida em três momentos, Gian tem as sinopses e cada consulta foi transcrita e Poliana e Amanda foram divididas por semanas. Enquanto escrevia, não sabia muito bem o motivo destes três formatos diferentes. Perguntava-me, mas não chegava a uma conclusão e seguia em frente.

É como se a metodologia se constituísse a partir dos atendimentos e da escrita sobre cada encontro. Agora, ao fim deste processo de quatro anos, enquanto elaboro a conclusão, percebo algumas lógicas neste modelo de narrativa. Acredito ser influenciado por Rubio et al. (2019, p. 147):

Quando classificada como método, a história oral implica em um conjunto de procedimentos éticos que faz parte do trabalho de busca, armazenamento e utilização dos depoimentos, o qual conta com a concordância do colaborador sobre o uso de suas narrativas mediante termo de consentimento, bem como o compromisso assumido pelo pesquisador de retornar os bens da pesquisa ao colaborador.

Independente de metodologias diferentes, as três situações clínicas, narradas de forma extensa, seguiram o mesmo procedimento ético: assinaram o termo de consentimento, concordaram com seus codinomes e tiveram a oportunidade de ler as narrativas antes, permitindo a sua publicação. Desta forma, na verdade, participaram da construção.

Antes de concluir, gostaria de esclarecer que nesta tese e nos encontros narrados não há a intenção de comprovar a assertividade da Psicologia Analítica do Esporte. Fazer isso seria não seguir as próprias recomendações de Jung, que diz: “O paciente está aí para ser tratado e não para a verificação de uma teoria” (Jung, 2013, p. 132).

É certo que ainda há muito que caminhar e pensar referente à Psicologia Analítica do Esporte. Se as análises descritas nesta tese ajudarem a construir novos olhares para atletas enquanto pessoas/atletas, que, assim como qualquer outro ser humano, possuem uma estrutura psíquica a ser considerada e que nela há polos complementares em que o processo *de ser e vir a ser* são fundamentais, a tese já terá cumprido seu objetivo.

REFERÊNCIAS

AIRES, H. et al. Motivação para prática do Jiu-Jitsu. *Revista Saúde (Santa Maria)*, v. 46, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236583439967>

AMATO, J. F.; RUBIO, K. Tempo de mudança: a partida como primeiro estágio da Jornada Mitológica de Mulheres Olímpicas Brasileiras. *Revista da Faculdade de Psicologia USP São Paulo*, v. 28, n. 2, p. 272-286, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i2p272-286>

ARENDT, R.; MORAES, M.; TSALLIS, A. Por uma psicologia não moderna: o PesquisarCOM como prática meso-política. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 4, p. 1143-1159, 2015. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2015.20237>

BARREIRA, C. R. A.; TELLES, T. C. B.; FILGUEIRAS, A. Perspectivas em Psicologia do Esporte e Saúde Mental sob a Pandemia de Covid-19. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. 1-14, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243726>

BARRETO, J. A. *Psicologia do Esporte para o Atleta de Alto Rendimento*. Rio de Janeiro: SHAPE, 2003.

BEAUCHAMP, M. R.; MACLACHLAN, A.; LOTHIAN, A. M. Communication Within Sport Teams: Jungian Preferences and Group Dynamics. *The Sport Psychologist*, v. 19, p. 203-220, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1123/tsp.19.2.203>

BELLACASA, M. P. Nothing comes without its world: Thinking with care. *The sociological review*, 60-2 DOI 10.1111/j.1467-954X.2012.02070.x, 2012.

BERGERON, M, F. et al. International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. *British Journal of Sports Medicine*, v. 49, p. 843-851, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2015-094962>

BERNARDES, A. G.; YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. *Motricidade*, v. 11, n. 2, p. 163-173, 2015. DOI: <https://doi.org/10.6063/motricidade.3066>

BERTOLLO, M. et al. How Does a Sport Psychological Intervention Help Professional Cyclists to Cope With Their Mental Health During the COVID-19

Lockdown?. *Frontiers in Psychology*, v. 12, 2021. DOI:
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.607152>

BORGES, H. N.; SANTOS, A. L. P. Panorama do sistema de captação de atletas dos clubes brasileiros de futebol. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 13, n. 53, p. 355-366, 2021. Disponível em:
<<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1132>>. Acesso em: 15 out. 2022.

BORGES, M. A. et al. Prevalência, características e fatores associados às lesões esportivas em atletas de jiu-jitsu brasileiro. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 21, n. 2, p. 146-162, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.6018/cpd.443501>

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BYINGTON, C. A. B. Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, v. 37, n. 1, p. 231-240, 2019. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2022.

CARRON, A. V.; BRAWLEY, L. R.; WIDMEYER, W. N. The measurement of cohesiveness in sport groups. In: DUDA J. L. (Ed.). *Advances in sport and exercise psychology measurement* (p. 213-226). Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 1998.

CARRON A. V.; BRAWLEY L. R. Cohesion Conceptual and Measurement Issues. *Small Group Research*, v. 43, n. 6, p. 726-743, 2012. DOI:
<https://doi.org/10.1177/10464964124680>

CARVALHO, C. A. *Além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a História da Psicologia do Esporte no Brasil*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____. Psicologia do Esporte: construindo sua história a partir da Educação Física. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 6, p. 70-87, 2016a. DOI:
<https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i1.6729>

_____. Psicologia e esporte: um olhar Fenomenológico ara um encontro marcado pela modernidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 15, n. 2, p. 149-156, 2016b. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. A psicologia como ciência do esporte e do exercício no Brasil. In: CONDE, E. et al. (Org.). *Psicologia do Esporte e do Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Passavento, 2019.

CARVALHO, C. A.; JACÓ-VILELA, A. M. Psicologia do Esporte no Brasil em dois tempos: uma história contada e uma história a ser contada. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, XV, 2009, Maceió. *Anais de Trabalhos Completos.*, 2009. p. 1-7.

CHEN, P. et al. Coronavirus disease (COVID-19): The need to maintain regular physical activity while taking precautions. *Journal of Sport and Health Science*, v. 9, p. 103-104, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jshs.2020.02.001>

CONDE, E. et al. *Psicologia do Esporte e do Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Pasavento, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Resolução CFP N.º 014/00 de 20 de Dezembro de 2000*. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2000_14.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em políticas públicas de esporte*. Brasília:CFP , 2019.

COSTA, A. A dimensão constitutiva do cuidar. In: MAIA, M. S. (Org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

COSTA, S. et al. Athletes and adversities: athletic identity and emotional regulation in time of COVID-19. *Sport Sciences for Health*, v. 16, p. 609-618, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11332-020-00677-9>

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Science & Sports*, v. 29, p. 63-69, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>

COUSINEAU, P. *O ideal olímpico e o herói de cada dia*. 1. ed. São Paulo: Mercury, 2004.

COWEN, A. *Epistemology, theory and Jung: Towards an analytical sport psychology*. Unpublished PhD thesis – University of Derby, Derby, 2019.

DI PIERRO, C. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do ironman. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 1, n. 1, p. 01-22, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v1i1.9264>

DONKERS, A. L. et al. The social environment in children's sport Cohesion, social acceptance, commitment, and enjoyment. *International Journal of Sport Psychology*, v. 45, p. 1-18, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7352/IJSP.2015.46.275>

EDLER, F. C. A História das Ciências e seus públicos. *Revista Maracanan*, v. 13, p. 23-33, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/revmar.2015.20118>

ERICKSON, K.; CÔTÉ, J. A season-long examination of the intervention tone of coach-athlete interactions and athlete development in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 22, p. 264-272, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.08.006>

EYS, M. A. et al. Cohesion and Performance for Female and Male Sport Teams. *The Sport Psychologist*, v. 29, p. 97-109, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1123/tsp.2014-0027>

FARAH, M. H. S. Jung's Active Imagination in Whitehouse's Dance: notions of body and movement. *Psicologia USP*, v. 27, n. 3, p. 542-552, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150121>

FETTER, J. C. S. S. et al. Iniciação esportiva e responsabilidade social. In: RÚBIO, K. (Org.). *Educação Olímpica e Responsabilidade Social*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FRONSO, S. et al. The effects of COVID-19 pandemic on perceived stress and psychobiosocial states in Italian athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 2020. DOI: 10.1080/1612197X.2020.1802612

GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

GOMES, W. B. História da Psicologia para curso de graduação. In: FREITAS, R. H. (Org.). *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ, J. et al. “Oh, My God! My Season Is Over!” COVID-19 and Regulation of the Psychological Response in Spanish High-Performance Athletes. *Frontiers in Psychology*, v. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.622529>

GRAUPENSPERGER, S. et al. B. Social (Un)distancing: Teammate Interactions, Athletic Identity, and Mental Health of Student-Athletes During the COVID-19 Pandemic. *Journal of Adolescent Health*, v. 67, p. 662-670, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.08.001>

GUCCIARDIA, D. F.; HANTONB, S.; FLEMING, S. Are mental toughness and mental health contradictory concepts in elite sport? A narrative review of theory and evidence. *Journal of Science and Medicine in Sport*, v. 20, n. 3, p. 307-311, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jsams.2016.08.006>

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. São Paulo: Paulus, 2004.

HÅKANSSON, A.; JÖNSSON, C.; KENTTÄ, G. Psychological Distress and Problem Gambling in Elite Athletes during COVID-19 Restrictions — A Web Survey in Top Leagues of Three Sports during the Pandemic. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph17186693>

HALLAGE, S.; FILGUEIRAS, A. Relatos de experiências de vôlei de praia. In: CONDE et al. (Org.). *Psicologia do Esporte e do Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Pasavento. 2019.

HERRERA-VALENZUELA, T.; VALDÉS-BADILLA, P.; FRANCHINI, E. High-intensity interval training recommendations for combat sports athletes during the COVID-19 pandemic. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, v. 15, n. 1, p. 1-3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18002/rama.v15i1.6230>

JACOBI, J. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JACÓ-VILELA, A. M. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 32, num. esp., p. 28-43, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>

JAYANTHI, N. et al. Sports Specialization in Young Athletes: Evidence-Based Recommendations. *Sports Health*, v. 5, n. 3, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1941738112464626>

JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. *Mysterium Coniunctionis*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Estudos Psiquiátricos*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Os Arquétipos e Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *O homem e seus símbolos*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *A prática da psicoterapia*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *O Eu e o Inconsciente*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KALINKA, I. V.; PIERI, R. de V. A Psicologia do Esporte em um Programa Social: o psicólogo como facilitador da relação professor-aluno. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 9, n. 3, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v9i3.10925>

LATOUR, B. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, v. 15, n. 14-15, p. 339-352, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p339-352>

LEO, F. M. et al. Adaptation and validation in Spanish of the Group Environment Questionnaire (GEQ) with professional football players. *Psicothema*, v. 27, n. 3, p. 261-268, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7334/psicothema2014.247>

MACHADO, A. A. Psicologia do Esporte: Sua História. In: MACHADO, A. A. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí: Ápice, 1997.

MANN, R. H. et al. Athletes as community; athletes in community: covid-19, sporting mega-events and athlete health protection. *British Journal of Sports Medicine*, v. 54, p. 1071-1072, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2020-102433>

MARCONCIN, P. et al. The association between physical activity and mental health during the first year of the COVID-19 pandemic: a systematic review. *BMC Public Health*, v. 22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-022-12590-6>

MATARAZZO, F. *A Arteterapia na preparação psicológica dos atletas: uma abordagem junguiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Psicologia, São Paulo, 2013).

MOL, A. *The Logic of Care Health and the Problem of Patient Choice*. London: Routledge, 2008.

MORAES, M. Política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (Org.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual* (p. 26-51). Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2010.

MORAES, M.; TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Rev. Polis e Psique*, v. 6, n. 1, p. 39-50, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.61380>

PIERI, R. V. *Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

_____. *Papo de PE*. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLE1_s_fTpW9Qe7cb1zzhuDvdME2_7bD2>. Acesso em: 15 out. 2022.

PIERI, R. V.; AMATO, J. F. Psicologia analítica nas pistas do atletismo: intervenções em um projeto social. In: CONDE et al. (Org.). *Psicologia do Esporte e do Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Passavento, 2019.

PIERI, R. V.; GARCIA, R. P. Aspectos do cuidar na psicologia do esporte. In: MEDEIROS, C.; LACERDA, A. (Org.). *Esporte, Saúde Mental e Sociedade*. São Paulo: Passavento, 2020.

PIERI, R. V. et al. Adaptação Transcultural e Validação de Conteúdo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 6, n. 2, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i2.7088>

PIERI, R. V.; TSALLIS, A. C. 'O atleta e o mito do herói' em referências bibliográficas. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*, v. 5, p. 98-115, 2021. Disponível em: <<https://www.olimpianos.com.br/journal/index.php/Olimpianos/article/download/124/95>>. Acesso em: 15 out. 2022.

REARDON, C. L. et al. Mental health management of elite athletes during COVID-19: a narrative review and recommendations. *British Journal of Sports Medicine*, v. 55, p. 608-615, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2020-102884>

RESENDE, P. H. C. *Os efeitos da teoria de William James sobre a obra de Carl Gustav Jung: a psicologia da experiência religiosa*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016.

RUBIO, K. Psicologia do Esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 19, n. 3, p. 60-69, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931999000300007>

_____. *O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 1, n. 1, p. 01-13, 2007. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v1i1.9261>

_____. Identificação de personalidade de atletas olímpicos: uma análise exploratória de narrativa com mineração de textos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 9, n. 2, p. 145-163, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v9i2.10568>

RUIZ, M. C. et al. A Cross-Cultural Exploratory Study of Health Behaviors and Wellbeing During COVID-19. *Frontiers in Psychology*, v. 11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.608216>

SAMULSKI, D. *Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

SANBORN, V. et al. Prevalence of COVID-19 Anxiety in Division I Student-Athletes. *Journal of Clinical Sport Psychology*, v. 15, p. 162–176, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1123/jcsp.2020-0057>

SANTO, A. A. *O ISOP e a Psicologia do Esporte no Rio de Janeiro: ampliando a história de uma prática*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SANTO, A. A.; JACÓ-VILELA, A. M. As invisibilidades da história: Athayde Ribeiro da Silva e a psicologia do esporte no Brasil. *Memorandum*, v. 31, p. 56-79, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6429>. Acesso em: 15 out. 2022.

SANTOS, D. E. A. Futebol na periferia: relações sociais e política na Baixada Fluminense – século XX e XXI. *Revista Mosaico*, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1405>. Acesso em: 15 out. 2022.

SCERRI, M; GRECH, V. Discussion: COVID-19's impact on sports and athletes. *German Journal of Exercise and Sport Research*, v. 51, p. 390-393, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12662-021-00726-6>

SCHINKE, R. et al. Sport psychology services to high performance athletes during COVID-19. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 18, n. 3, p. 269-272, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2020.1754616>

SCOPEL, E. J.; BARTILOTTI, C.; CRUZ, R. M. *O Esporte e a tipologia junguiana*, 2006. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0309. Acesso em: 15 out. 2022.

SCOPEL, J.; ANDRADE, A.; CENTENARO, D. Avaliação das características da personalidade de goleiros profissionais e amadores. *Psicologia Ciência e Profissão*,

v. 26, n. 20, p. 270-279, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200009>

ŞENIŞİK, S. et al. The effect of isolation on athletes' mental health during the COVID-19 pandemic. *The Physician and Sports Medicine*, v. 49, n. 2, p. 187-193, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/00913847.2020.1807297>

SILVA, G. M.; SANTOS, A. M.; NAKANO, T. C. Aspectos Psicológicos vivenciados por atletas de alto rendimento durante o período de isolamento social: um estudo exploratório. *Research, Society and Development*, v. 11, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i1.24594>

SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TANCETTI, B.; ESTEVES, J. H. O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial. *Junguiana Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, v. 38, n. 2, p. 49-62, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2022.

TAYECH, A. et al. Second Wave of COVID-19 Global Pandemic and Athletes' Confinement: Recommendations to Better Manage and Optimize the Modified Lifestyle. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph17228385>

TINGAZ, E. O. El impacto psicológico de la pandemia de COVID-19 en los atletas de élite, las estrategias de gestión y las expectativas de rendimiento post-pandemia: un estudio de entrevista semiestructurada. *International Journal of Educational Research and Innovation (IJERI)*, v. 15, p. 73-81, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46661/ijeri.4863>

TORRES, R. F. O curador-ferido e a individuação. *Junguiana Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, v. 36, n. 1, p. 49-58, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2022.

TUBINO, M. *O que é esporte*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *Dimensões Sociais do Esporte*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

YOUSFI, N. et al. The COVID-19 pandemic: how to maintain a healthy immune system during the lockdown – a multidisciplinary approach with special focus on athletes. *Biology of Sport*, v. 37, n. 3, p. 211-216, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5114/biolSport.2020.95125>

ANEXO A – Ano de publicação, país, instituição e área de conhecimento dos TCCs que citaram o livro *O Atleta e o Mito do Herói* (PIERI; TSALLIS, 2021, p.103-104)

<i>Ano de Publicação</i>	<i>País</i>	<i>Instituição</i>	<i>Área de Conhecimento</i>
2004	Brasil	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Comunicação Social
2007	Portugal	Universidade de Coimbra	Educação Física
2010	Brasil	Universidade Estadual de Campinas	Educação Física
2011	Brasil	Universidade de São Paulo (USP)	Educação
2011	Brasil	Universidade Tuiuti do Paraná	Educação Física
2012	Brasil	Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)	Educação Física
2012	Brasil	Universidade de Brasília (UNB)	Educação Física
2013	Brasil	Centro Universitário de Brasília (UniCeub)	Jornalismo
2013	Brasil	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Comunicação/Jornalismo
2014	Brasil	Universidade de São Paulo (USP)	Psicologia
2019	Brasil	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Administração
2020	Brasil	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Direito

ANEXO B – Título, autoria, área de conhecimento, instituição de ensino, ano e país das teses encontradas que citaram o livro O Atleta e o Mito do Herói (PIERI; TSALLIS, 2021, p. 108-111)

<i>Título e autor</i>	<i>Área de conhecimento e instituição</i>	<i>Ano e país</i>
Mais do Que Pendurar as Chuteiras: Projetos Sociais de ex-Jogadores de Futebol Famosos Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro	Educação Física Universidade Gama Filho (UGF)	2004 Brasil
La Lógica Interna de la Gimnasia Artística Masculina (Gam) Y Estudio Etnográfico de un Gimnasio de Alto Rendimiento Marco Antonio Coelho Bortoleto	Educação Física Universitat de Lledida	2004 Espanha
Estudo Sobre Modelo de Desenvolvimento e Federações Desportivas no Pará Christian Pinheiro da Costa	Ciência Do Desporto Universidade Do Porto (U. Porto)	2010 Portugal
Garrincha: O Herói Mítico. Contribuição para o Estabelecimento De uma História de Vida. Humberto André Rêdes Filho	Ciência Do Desporto U. Porto	2012 Portugal
Processos atencionais no campo esportivo: um contributo para o ensino e aperfeiçoamento do saque no voleibol Gilberto Gaetner	Educação Física Universidade do Minho (UM)	2013 Portugal
Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol Luciana Ferreira Angelo	Pedagogia do Movimento Humano USP	2014 Brasil
A transição de carreira do ex-atleta de alto rendimento Lina Eiko Nakata	Administração USP	2014 Brasil
Narrativas no Desporto - A Experiência vivida de Atletas de Elite com Deficiência Ana Isabel Castro Almeida e Souza	Medicina U.Porto	2014 Portugal
Aspectos da Formação da Identidade do Migrante Antonio Roberto Giraldes	Educação USP	2016 Brasil

Deficiência Física e Promoção Da Saúde: O Lugar do Sujeito Macedo Simões Mendes	Medicina Universidade Estadual De Campinas (UEC)	2016 Brasil
Trabalhador, Ídolo, Sobrevivente, Casca-Grossa e Humano: Um Estudo Sobre Versões de Atletas de Mixed Martial Arts Juliana Aparecida de Oliveira Camilo	Psicologia PUC-SP	2016 Brasil
A Microcultura de Um Ginásio de Treinamento de Ginástica Artística Feminina de Alto Rendimento Maurício Dos Santos De Oliveira	Pedagogia Do Movimento Humano USP	2017 Brasil
From Sport To Spectacle: An Archaeology of Latin American Soccer Patrick Thomas Ridge	Filosofia Arizona State University (ASU)	2017 EUA
Representações do Outro: Análise Crítica da Mídia Esportiva Portuguesa Sobre os Brasileiros José Genival Bezerra Ferreira	Linguística Universidade De Évora	2018 Portugal
Entre Narrativas, Fragmentos e Estilhas: Construções de Atletas Brasileiros Sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968 Dhênis Rosina	Educação Física USP	2018 Brasil
Olimpismo e Esportes de Aventura na Encruzilhada da(S) Modernidade(S) Ângelo Luiz Brüggemann	Educação Física Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC)	2020 Brasil
Relações entre Motivo de Realização, Meta de Realização e Estados De Ânimo Pré-Competitivos de Atletas Brasileiros em Função do Gênero, Tipo de Modalidade Esportiva e Decurso Temporal Ricardo Marinho De Mello De Picoli	Psicobiologia USP	2020 Brasil

ANEXO C – Tipos de Modalidades Esportivas (TUBINO, 2006)

Tipos de Modalidades Esportivas	Explicação
<i>Esportes Tradicionais</i>	<i>Esportes tradicionalmente disputados no mundo esportivo, por exemplo atletismo, natação, vôlei e futebol.</i>
<i>Esporte Aventura/na Natureza/Radicais</i>	<i>O esporte também é um palco extraordinário de superação do ser humano. A maratona, na modernidade, foi a primeira manifestação de esporte-aventura e esporte de desafio. A relação de praticamente todos os campos de atuação humana com as questões ambientais levou ao surgimento de vários esportes de relação imediata com a natureza: surfe, e esqui.</i>
<i>Esportes de Arte Marciais</i>	<i>Desenvolvidas em épocas anteriores em templos e feudos, as artes marciais orientais atravessaram vários séculos e transformaram-se em modalidades esportivas: judô, jiu-jitsu e sumô.</i>
<i>Esportes de Identidade Cultural</i>	<i>São aqueles que se originam na própria cultura nacional e regional: capoeira, futevôlei e peteca.</i>
<i>Esporte Intelectivos</i>	<i>Com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte a prática esportiva tornou-se direito de todos e modificou o conceito de esporte e os critérios para aceitação de uma modalidade como xadrez e o bilhar.</i>
<i>Esportes com Motores</i>	<i>São as modalidades onde há um aparelho movido a motor e ainda assim dependem da habilidade humana na condução. Sejam elas aéreas (corrida aérea), aquática (jet ski) e nas pistas (automobilismo).</i>
<i>Esporte com Música</i>	<i>Com grande expressão corporal que exigem sincronização com a música: patinação artística e ginásticas rítmicas.</i>
<i>Esportes com Animais</i>	<i>Onde há necessidade de animais para o cumprimento das regras: turfe e hipismo</i>
<i>Esportes Adaptados</i>	<i>Esportes praticados adaptados para pessoas portadoras de necessidades especiais: basquete de cadeira de roda e goalbol.</i>
<i>Esportes Militares</i>	<i>Esportes criados nos meios militares que constituem em simulações de atividades de forças militares: paraquedismo, esgrima e tiro</i>
<i>Esportes derivados de outros esportes</i>	<i>Modalidades que tiveram origem em outros esportes: squash e beach soccer.</i>

ANEXO D – Bia Ferreira – Não Precisa Ser Amélia

Estrela que brilha, clareia a trilha ilumina e guia o meu caminhar. Alumeia um pouquinho esse meu caminho. Me dê uma luz, tá difícil enxergar.

Quanto mais eu ando, mais escuro fica. Me dê uma dica pra poder seguir. Não sei o que faço. Se ando, se paro, se corro, se sigo, se fico aqui.

Tome minha boca pra que eu só fale. Aquilo que eu deveria dizer. A caneta, a folha, o lápis. Agora que eu comecei a escrever. Que eu nunca me cale.

O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar. Sou Frida, sou preta, essa é minha treta. Me deram um palco e eu vou cantar. Canto pela tia que é silenciada. Dizem que só a pia é seu lugar. Pela mina que é de quebrada. Que é violentada e não pode estudar. Canto pela preta objetificada. Gostosa, sarada, que tem que sambar.

Dona de casa limpa, lava e passa. Mas fora do lar não pode trabalhar. A dona de casa limpa, lava e passa. Mas fora do lar não pode trabalhar. A dona de casa limpa, lava e passa. A dona de casa.

Não precisa ser Amélia pra ser de verdade. Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser. Seja preta, indígena, trans, nordestina. **Não se nasce feminina, torna-se mulher.**

ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulado “Psicoterapia do Esporte: uma Proposta entre as Psicologias Clínica e a do Esporte” conduzida por Rodrigo de Vasconcellos Pieri. Este estudo tem por objetivo: Forjar uma metodologia de atuação que tece redes entre a psicologia do esporte e a psicologia clínica; Fazer proliferar versões dos modos de existir dos atletas que procuram o consultório de psicologia, por meio do compartilhamento de suas histórias de vida, bem como as reverberações produzidas nos encontros no consultório; Construir uma narrativa dos diversos actantes que compõem os territórios estudados, por meio de articulações entre falas, imagens, sons e quaisquer outros tipos de linguagem que tenham agência sobre esse campo - atletas em psicoterapia.

Você foi selecionado(a) por ser atleta e estar em processo clínico comigo. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Toda pesquisa envolvendo seres humanos pode gerar algum risco mínimo, como estabelece as resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde. Diante da natureza da pesquisa, que pretende ser realizada com atletas no contexto da psicologia clínica, é possível o surgimento de riscos relacionados: a) ao cansaço e/ou constrangimento em relação ao compartilhamento de ideias e a possibilidade do confronto; b) o desconforto ao se expor durante os encontros; c) Incômodos relacionados à mudanças de visão de mundo diante das problemáticas apresentadas; c) a quebra de sigilo não intencional, que apesar do seu caráter involuntário, pode acontecer e deve fazer parte das orientações junto com os participantes. Nesse sentido, o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será utilizado como ferramenta de convite à participar da pesquisa por iniciativa livre e espontânea, além de esclarecê-lo sobre os objetivos, riscos e benefícios do projeto. Quanto aos benefícios, entende-se que essa pesquisa pode contribuir para: a) potencializar elementos do desenvolvimento humano-esportivo; b) Propor um cuidado ético a partir de um olhar holístico para os e as atletas, c) Ampliar os diálogos entre a psicologia clínica e a psicologia do esporte; d) Oferecer mais uma metodologia de trabalho com atletas onde o foco não seja o resultado durante a prática, mas sim o bem-estar e saúde mental daqueles que optam pela vida esportiva; e) repensar os modelos atuais de clínica do esporte, para a criação de novos modos e práticas; f) expandir as práticas de formação e interlocução entre a psicologia e as ciências esportivas. .

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em promover reflexões quanto aos possíveis dilemas, entraves e processos vividos como sujeito-atleta. Estas reflexões virão a partir dos nossos encontros durante nossas consultas. O sigilo quanto a sua identidade será o tempo todo resguardada. O material a ser exposto será antes avaliado por você.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Rodrigo de Vasconcellos Pieri, doutorando(21) 2587 7202 e (21) 2587 7302 (Instituto de Psicologia) e (21) 99864 6620).

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Nome _____ do(a) _____

participante:
Assinatura:

Nome _____ do(a) _____

pesquisador:
Assinatura:

ANEXO F – Parecer consubstanciado do CEP

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO;

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA Título da Pesquisa: PSICOTERAPIA DO ESPORTE: UMA PROPOSTA ENTRE AS PSICOLOGIAS

CLÍNICA E A DO ESPORTE Pesquisador: Rodrigo de Vasconcellos Pieri

Área Temática: Versão: 1 CAAE: 30657020.9.0000.5282 Instituição Proponente: Instituto de Psicologia da UERJ Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.981.571

Apresentação do Projeto:

A proposta de pesquisa está vinculada ao doutoramento do pesquisador. O estudo pretende: (i) refletir sobre o trabalho realizado pelo pesquisador com atletas em seu consultório particular de psicologia; (ii) entender possíveis incertezas e atravessamentos que este trabalho realizado no consultório gera no psicólogo; e, (iii) entender se existe uma psicoterapia do esporte. A metodologia envolve a apresentação de casos clínicos com foco nos encontros e não nos atletas, evidenciando as incertezas e os atravessamentos que estes encontros geram no psicólogo. De acordo com o pesquisador, o estudo trata de

uma afirmação de atuação e não propriamente de uma análise de casos clínicos. Importante ressaltar que este psicólogo é o autor principal da pesquisa e que o mesmo possui mais de uma década de experiência atuando tanto como psicólogo clínico quanto como psicólogo do Esporte. A ideia do estudo surgiu porque, desde

2016, atletas começaram a procurar seu trabalho no seu consultório particular. Esta procura o fez refletir sobre sua proposta de atuação e esta proposta é que será analisada em sua pesquisa de doutorado. Destaca-se que para o autor principal o

trabalho do psicólogo do esporte não é impactar diretamente nos resultados durante a prática esportiva, mas sim olhar seus atletas de forma holística, mas que, uma das possíveis consequências secundárias possa ser a melhora nos resultados esportivos. Todos os casos a serem apresentados (10 no total) terão o consentimento dos e das atletas e de seus pais (TCLE), quando menor de 18 anos. Pretende-se assim contribuir

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3oand. SI 3018

Bairro: Maracanã **UF:** RJ **Município:** **Telefone:** (21)2334-2180

CEP: 20.559-900 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

RIO DE JANEIRO

Página 01 de 04



UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO;

Continuação do Parecer: 3.981.571

com a Psicologia do Esporte e para com todos os atletas e profissionais que entendem a clínica como um espaço de atuação para aqueles que optam pela vida no esporte.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral do estudo é forjar uma metodologia de atuação que teça redes entre a psicologia do esporte e a psicologia clínica. Como objetivos secundários são citados: (i) fazer proliferar versões dos modos de existir dos atletas que procuram o consultório de psicologia, por meio do compartilhamento de suas histórias de vida, bem como as reverberações produzidas nos encontros no consultório; e, (ii) construir uma narrativa dos diversos actantes que compõem os territórios estudados, por meio de articulações entre falas, imagens, sons e quaisquer outros tipos de linguagens que tenham agência sobre esse

campo - atletas em psicoterapia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Diante da natureza da pesquisa, que pretende ser realizada com atletas no contexto da psicologia clínica, é possível o surgimento dos seguintes riscos: a) ao cansaço e/ou constrangimento em relação ao compartilhamento de ideias e a possibilidade do confronto;

b) o desconforto ao se expor durante os encontros; c) incômodos relacionados à mudanças de visão de mundo diante das problemáticas apresentadas; d) a quebra de sigilo não intencional, que apesar do seu caráter involuntário, pode acontecer e deve fazer parte das orientações junto com os participantes. Nesse sentido, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será utilizado como ferramenta que convida o sujeito à participar da pesquisa por iniciativa livre e espontânea, além de esclarecê-lo sobre os objetivos, riscos e benefícios do projeto. Os benefícios do estudo estão relacionados ao cenário da clínica no contexto esportivo, entendendo-se que pode contribuir para: a) potencializar elementos do desenvolvimento humano-esportivo; b) propor um cuidado ético a partir de um olhar holístico para os e as atletas, c) ampliar os diálogos entre a psicologia clínica e a psicologia do esporte; d) oferecer mais uma metodologia de trabalho com atletas onde o foco não seja o resultado durante a prática, mas sim o bem-estar e saúde mental daqueles que optam pela vida esportiva; e) repensar os modelos atuais de clínica do esporte, para a criação de novos modos e práticas; e, f) expandir as práticas de formação e interlocução entre a psicologia e as ciências esportivas.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3oand. SI 3018

Bairro: Maracanã **UF:** RJ **Município:** **Telefone:** (21)2334-2180

CEP: 20.559-900 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

RIO DE JANEIRO

Página 02 de 04



UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO;

Continuação do Parecer: 3.981.571

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo em que o pesquisador é o profissional atuando clinicamente com os participantes do estudo. Entretanto o que será analisado não é esse encontro mas as reflexões do pesquisador-profissional sobre o que vivencia no consultório. A fundamentação teórica e metodologia propostas são pertinentes ao estudo, inclusive citando exemplos de estudos que se valeram delas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta, de acordo com as regras do COEP, a folha de rosto, o TCLE, os riscos e benefícios, a metodologia e os critérios de inclusão e exclusão dos participantes, cronograma e orçamento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação do projeto, visto que não há implicações éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto está de acordo com as regras preconizadas pelo COEP. Sugiro apenas atenção às datas de início da coleta de dados, conforme citado nas recomendações deste parecer.

Recomendo então que seja ajustado o cronograma onde consta início da pesquisa em janeiro/2020 e término em 2022, ara início em abril/2020 uma vez que projetos já iniciados não são aceitos para avaliação e, no caso, o mesmo não parece, ainda, ter sido iniciado.

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para abril de 2021. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1459474.pdf	08/04/2020 15:33:54		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLErevisto.doc	08/04/2020 15:30:14	Rodrigo de Vasconcellos Pieri	Aceito

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3oand. SI 3018

Bairro: Maracanã **UF:** RJ **Município:** **Telefone:** (21)2334-2180

CEP: 20.559-900 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

RIO DE JANEIRO

Página 03 de 04



UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO;

Continuação do Parecer: 3.981.571

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.doc	13/03/2020 14:31:54	Rodrigo de Vasconcellos Pieri	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	13/03/2020 14:29:57	Rodrigo de Vasconcellos Pieri	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura.doc	10/01/2020 13:41:41	Rodrigo de Vasconcellos Pieri	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 20 de Abril de 2020

Assinado por:

ALBA LUCIA CASTELO BRANCO (Coordenador(a))

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3oand. SI 3018

Bairro: Maracanã **UF:** RJ **Município:** **Telefone:** (21)2334-2180

CEP: 20.559-900 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

RIO DE JANEIRO

Página 04 de 04